

PUCRS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM TEORIA DA LITERATURA

LUCIANA DELGADO DA SILVA

**PERSONAGENS NA FRONTEIRA: A PERSPECTIVA DECOLONIAL DA CONQUISTA
EM CARLOS FUENTES E CARMEN BOULLOSA**

Porto Alegre
2022

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

Luciana Delgado da Silva

PERSONAGENS NA FRONTEIRA: A PERSPECTIVA DECOLONIAL DA CONQUISTA
EM CARLOS FUENTES E CARMEN BOULLOSA

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pela Escola de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração Teoria da Literatura, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Kohlrausch

Porto Alegre

2022

Dedico este trabalho a minha avó Guiomar Trodo Cunha, pelo exemplo de luta e força feminina como esteio e inspiração de uma família, pelos meus primeiros livros e por toda saudosa palavra de amor.

*Golpeábamos, en tanto, los muros de adobe,
y era nuestra herencia una red de agujeros.
Con los escudos fue su resguardo, pero
ni con escudos puede ser sostenida su soledad.*

*(Cantos Tristes da Conquista, In: **Visión de los vencidos**)*

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação contou com o incentivo e colaboração de muitos(as). Assim, agradeço:

À PUCRS, por desenvolver e manter um Programa de Pós-Graduação em Letras, vinculado à Escola de Humanidades, reconhecido pela sua excelência.

Ao IFRS, por motivar a formação permanente de seu corpo docente, e aos colegas e estudantes do *Campus* Osório, por me lembrarem todos os dias dos desafios e belezas da carreira que escolhi para a vida.

Aos meus colegas da PUC, por contribuírem com as discussões teóricas e compartilharem as experiências do ensino remoto em tempos pandêmicos.

À professora Maria Eunice Moreira, por acolher-me e orientar na primeira parte desta jornada.

À minha orientadora, professora Regina Kohlrausch, por receber-me depois da aposentadoria da professora Maria Eunice, promovendo um diálogo de aprendizagem e cuidado. Sem sua tranquilidade, clareza e dedicação, a conclusão deste percurso não teria sido possível.

À banca avaliadora, por dedicar tempo à leitura e contribuir com a qualificação deste trabalho.

A Clara, minha querida amiga, por acompanhar-me desde o início da graduação, pela escuta e por entender o significado da realização desta etapa da minha formação.

Aos meus queridos familiares (pais, irmãs e irmão, sobrinhos e sogros), por me apoiarem e torcerem pela realização deste estudo e por compreenderem minha constante ausência. Em especial, aos meus pais, Abigail e Manoel, por me ensinarem desde pequena que o(a) filho(a) do pobre só pela educação pode conquistar um caminho de crescimento e transformação.

Ao meu amado Igor, por ser meu companheiro de caminhada, pela motivação e parceria na batalha destes anos de trabalho e estudo.

RESUMO

Este estudo propõe a reflexão sobre o papel da literatura que, na década final do século XX, revisita a historiografia da conquista da América com vistas à reconfiguração de personagens históricas mitificadas pelos discursos hegemônicos, constituidoras da base de nossas identidades latino-americanas. O seu objetivo geral é discutir a função do discurso literário no projeto de descolonização continental, através da investigação de sua vinculação com a desconstrução de um imaginário colonial de inferioridade e/ou exclusão das vozes latino-americanas nos contextos discursivos canônicos. O *corpus* desta pesquisa bibliográfica é formado pelas obras de dois escritores mexicanos: *El Naranjo*, de Carlos Fuentes, e *Llanto*, de Carmen Boullosa, tendo estes em comum o interesse pelo tema; a proximidade da data de publicação, que circunda a ambígua celebração do quinto centenário da invasão espanhola; e a opção por mitos fundacionais, trazidos como protagonistas de suas releituras literárias. O aporte teórico conta com a contribuição dos estudos decoloniais a partir da análise da colonialidade. Alguns conceitos da teoria dialógica do discurso, a partir do trabalho realizado pelo Círculo de Bakhtin, são articulados na análise dos objetos. Fuentes dá espaço ao embate entre os herdeiros, tal como entre os auxiliares do conquistador Hernán Cortés, reconstruindo o evento histórico com a inclusão de memórias subjetivas. O autor também desconstrói a utopia colombina, parodiada em um futuro irônico e distópico. Boullosa resgata um Moctezuma perdido na incompreensão diante do fim, reclamando seu direito de contar desde o fracasso a sua morte infame. A escrita boulllosiana se desafia à tarefa de recuperar uma memória coletiva ignorada, das incontáveis e anônimas mulheres indígenas, repetidamente humilhadas e desprezadas pelo pulso do poder e da escrita. O diálogo entre a narrativa literária e a histórica opera a atualização do passado sob o olhar crítico do presente, que conduz à transformação das relações político-sociais, trazendo ventos de mudança nas políticas das memórias vivenciadas por personagens na fronteira, inscritas na diferença colonial.

Palavras-chave: Mitos fundacionais e descolonização. Fronteira em Carlos Fuentes e Carmen Boullosa. Decolonialidade, memória e alteridade.

ABSTRACT

This study proposes a reflection on the role of the literature that, in the final decade of the 20th century, revisits the historiography of the conquest of America aiming at a reconfiguration of historical characters mythified by hegemonic discourse, constituting the basis of our Latin American identities. The general objective here is to discuss the function of literary discourse in the continental decolonization project, through the investigation of its connection with the deconstruction of a colonial imaginary of inferiority and/or exclusion of Latin American voices in canonical discursive contexts. The corpus of this bibliographic research is constituted by the works of two Mexican writers: *El Naranjo*, by Carlos Fuentes, and *Llanto*, by Carmen Boullosa, both sharing the interest in the theme; the proximity of the publication date, which surrounds the ambiguous celebration of the fifth centenary of the Spanish invasion; and the choice for foundational myths, brought as protagonists of their literary reinterpretations. The theoretical body of this research relies on the contribution of decolonial studies' analysis of coloniality. Some concepts of the dialogic theory of discourse, based on the work carried out by the Bakhtin Circle, are articulated in the analysis of the works. Fuentes shows the clash between the heirs and also the associates of the *conquistador* Hernán Cortés, bringing subjective memories in the reconstruction of that historical event. The author also deconstructs the Colombian utopia, parodied in an ironic and dystopian future. Boullosa reevokes a Moctezuma lost in incomprehension facing the end, reclaiming his right to narrate from his failure to his infamous death. The Boullosian writing challenges itself to the task of recovering an ignored collective memory, of the countless and anonymous Indigenous women, repeatedly humiliated and despised by the powerful and the writers. The dialogue between the literary and the historical narrative updates the past under the critical eye of the present, which leads to the transformation of political-social relations, bringing winds of change in the politics of memories experienced by characters on the border, inscribed in the colonial difference.

Keywords: Founding myths and decolonization. *Frontería* in Carlos Fuentes and Carmen Boullosa. Decoloniality, memory and otherness.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	9
1. RECORDAR – OS DESAFIOS DA LITERATURA QUE REVISITA A HISTÓRIA	18
1.1. Linguagem e mito em um aniversário ambíguo	18
1.2. O Pensamento Decolonial: o giro epistemológico latino-americano	26
1.3. A teoria dialógica do discurso: um elogio ao movimento	32
1.4. Nenhum movimento se constrói sozinho: a necessidade da linguagem carregar em si a sua própria crítica	36
2. A VIAGEM DE CARLOS FUENTES NO RASTRO DOS CONQUISTADORES	38
2.1. <i>La lengua</i> : o papel do intermediário na tradução/traição da conquista	38
2.2. O embate pelo espólio da conquista: o desejo de posse	49
2.3. Utopias de recordação e desejo: fragmentos de uma invenção	59
3. A AUTÓPSIA DE UMA INFÂMIA: O RESGATE DE UM CORPO HISTÓRICO DA MEMÓRIA DO FRACASSO	67
3.1. O retorno finissecular do Tlatoani	67
3.2. O texto aberto: o heterodiscurso dialogizado em <i>Llanto</i> e a escrita boullósiana da destruição	75
3.3. Enunciar da fronteira: os direitos epistêmicos em um novo horizonte latino-americano	91
4. CARLOS FUENTES E CARMEN BOULLOSA: A IMAGINAÇÃO LITERÁRIA	95
COMO ATO SUBVERSIVO DE RESISTÊNCIA AO APAGAMENTO HISTÓRICO E	
SIGNO DA DIFERENÇA COLONIAL	
4.1. As encruzilhadas da imaginação literária	95
4.2. As estratégias narrativas, o exercício da teoria e o papel da crítica	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS	123

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A forma como os silêncios herdados do violento processo de Conquista da América são retomados na literatura latino-americana tem me inquietado e cativado ao longo da minha formação como leitora e profissional docente. A investigação desde uma perspectiva de análise decolonial a partir das relações estabelecidas entre o discurso histórico e o discurso literário na reconfiguração de mitos, histórias e, principalmente, memórias silenciadas, se constitui como movimento de busca de compreensão da modernidade fundada no século XVI e das ressonâncias desse evento no jogo de identidade/alteridade na produção literária da América Latina de nossos dias.

O presente estudo se insere na área da Teoria da Literatura, vinculado à linha de pesquisa Literatura, História e Memória, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Além de mestrandia do PPGL, sou professora de Literatura e Línguas Portuguesa e Espanhola no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, *Campus* Osório. Meu trabalho em sala de aula tem muito a ver com as motivações e inquietações que povoam esta pesquisa, experimento diariamente as pressões e violências que a matriz colonial do poder/saber moderno desenhou para essa metade sul do mundo. Por essa razão, estou segura que o impulso transgressor de querer propiciar uma leitura literária mais heterogênea e pluricultural, livre das amarras da periodização de uma tradição moderna e positivista, sairá fortalecido desse caminho formativo, difícil, mas também transformador. Assim, o desejo de contribuir para um movimento de descolonização da literatura na escola, e na vida social como um todo, anima o percurso deste mestrado.

Por esse caminho, o trabalho de pesquisa encontra sua justificativa na potência que o constructo literário tem para desafiar os limites de seu tempo, repensando o papel da narrativa e da metanarrativa de ficção histórica na sociedade, ciente da necessidade de revisão constante das fontes provindas dos discursos que compõem a História com letra maiúscula. Também se justifica pela urgência de releitura da produção literária latino-americana em diálogo com o projeto de descolonização em andamento nos denominados estudos decoloniais, que ganharam força na crítica cultural desde a última década do século XX. Ainda, e não menos importante, a investigação tem relevância por ocupar-se do doloroso

resgate operado pela literatura (contemporânea desse movimento teórico-crítico) das memórias (individuais e coletivas) das identidades ameríndias apagadas/rasuradas/manipuladas pelos discursos dos vencedores, legitimados por grande parte da historiografia da conquista.

Nesse sentido, este estudo se baseia na hipótese de que a literatura tem a capacidade de desestabilizar a naturalização e a homogeneização do discurso histórico, ao dessacralizar os mitos e a "verdade" consagrada por este, contribuindo para uma revisão permanente dos constructos históricos e culturais orientada por uma lógica subversiva de negar-se ao esquecimento. Assim, ao desconstruir o discurso historiográfico, o discurso literário se questiona sobre o seu lugar e função no debate histórico. Ele também toma partido, assim como seu interlocutor, frente à tragédia humana da aniquilação e/ou silenciamento de culturas e memórias individuais e coletivas violadas pelo ato de violência que irá produzir uma ferida sempre aberta na identidade daqueles que vivem a experiência da diferença colonial.

Essa prática investigativa tem como norte os seguintes questionamentos: O que emerge da desconstrução da narrativa histórica efetivada pela narrativa ficcional? Que mitos fundacionais são revisitados pela literatura de Fuentes e Boullosa? O que suas escolhas dizem sobre a construção identitária mexicana e o pensamento contemporâneo? De que forma o discurso literário se apropria do discurso histórico e produz uma releitura do passado, resgatando a partir de uma construção dialógica e imagética as memórias de si, do próximo e do outro? Como a literatura escrita por mulheres na América Latina tem contribuído para a atualização do discurso histórico e à formação do leitor literário a partir do tensionamento sobre a culpa, o direito à memória, a dor e a ausência do vencido como sujeito enunciador?

Antes de apresentar *o corpus*, consideramos importante explicar a opção pelos autores Carlos Fuentes e Carmen Boullosa. Ela se deve ao intenso e significativo trabalho, que ambos desenvolveram em suas respectivas obras, a partir das interfaces da Literatura e da História em suas relações com a formação da identidade mexicana e, de certa forma, latino-americana. A seleção dos objetos teve como motivação o aniversário dos quinhentos anos da invasão espanhola na América, pois elas foram publicadas em torno dessa data (*Llanto* – 1992; *El Naranja* – 1993). Da mesma forma, destacadas obras de crítica cultural circundam os "festejos", por exemplo: *A Conquista da América: a questão do outro*, de Tzvetan Todorov, publicada em 1983, e *A Invenção da América*, de Edmundo O'Gorman, de 1986. Deixamos

aos nossos interlocutores a confissão de que toda seleção é arbitrária, pois diversos outros/as escritores/as também produziram obras notáveis a partir do mesmo tema e por volta do mesmo período. No entanto, os limites de espaço-tempo que uma dissertação de mestrado impõe nos obrigam a fazer essa sempre injusta escolha.

A pesquisa se caracteriza como investigação bibliográfica centrada nas análises de três dos cinco relatos/contos da obra *El Naranjo: o los círculos del tiempo*, de Carlos Fuentes: "Las dos orillas"; "Los hijos del conquistador" e "Las dos Américas"; seguida da análise do romance *Llanto: novelas imposibles*, de Carmen Boullosa. O escritor e a escritora colocam em funcionamento uma multiplicidade de vozes narrativas, que retomam problemáticas históricas e sociais em diálogo com as presenças e ausências do discurso historiográfico. São memórias de desejo, traição, morte e dor entre personagens míticas e anônimas reconfiguradas a partir do diálogo com as fontes históricas de um contexto brutal e contraditório na constituição de uma identidade fundacional latino-americana.

O tradutor do conquistador Hernán Cortés – Jerónimo de Aguilar – aparece em "Las dos orillas" para, como narrador-defunto, desfazer os nós de um projeto fracassado de traição. Os dois filhos homônimos de Cortés estabelecem um debate discursivo em "Los hijos del conquistador", cada qual reivindicando a herança que lhe parece mais oportuna. Por fim, um Cristóbal Colón aparentemente imortal surge em "Las dos Américas", descobridor de uma ilha paradisíaca sequestrada e colonizada por uma corporação japonesa interessada na exploração turística do lugar.

Moctezuma II renasce de um formigueiro em pleno Parque Hundido na Cidade do México em 1986, acompanhado por um coletivo de vozes das mulheres enterradas com ele, que não alcançam materializar-se e acabam viajando feito cinza no vento rasteiro que constrói a novela impossível de *Llanto*. Três amigas – Laura, Luisa e Margarita – encontram o Tlatoani, levam-no a um passeio pelo centro histórico da cidade e procuram uma maneira de compreender o singular evento que as surpreende no final de uma noite de festa. Para agregar novas camadas de complexidade narrativa, escritores disputam a novela e um número considerável de vozes intrusas invadem o espaço do texto, construindo teias narrativas e metanarrativas que tecem e desconstroem a história do imperador nesse romance fragmentado e subversivo.

O trabalho tem como objetivo geral discutir o papel da literatura no processo de

descolonização literária no movimento de desconstrução dos discursos legitimados pela historiografia da Conquista na constituição de mitos e memórias fundacionais. Para isso, como objetivos específicos: pretende analisar como personagens históricas são retomadas nas narrativas de Fuentes e Boullosa na década final do século XX, observando como se deu o processo de reconfiguração dos mitos e que chaves de questionamento identitário e de concepção de alteridade este opera; e, por fim, produzir uma análise comparativa entre as escolhas, estratégias e recursos utilizados pelos autores, discutindo os efeitos produzidos a partir de uma leitura dialógica e decolonial dos signos e memórias recuperados pela imaginação literária.

A pesquisa motivada pelos objetivos expostos acima tem como fundamento a perspectiva teórica dos **estudos decoloniais**, que problematizam a colonialidade a partir da experiência latino-americana orientados por um projeto de transformação social comprometido com uma ação de descolonialidade, desvelando e tornando inoperantes os mecanismos de concentração do poder que controlam o trabalho, a intersubjetividade, a autoridade e o sexo com vistas a uma homogeneização das formas básicas de existência social. O constructo conceitual está centrado na categoria analítica **colonialidade do poder**, criada pelo pesquisador peruano Aníbal Quijano no início dos anos noventa. Ele mostrou que a colonialidade tem como base a classificação social da população mundial na ideia de raça, a partir da qual se organizará a vida social, possibilitando o desenvolvimento do capitalismo através do controle do trabalho, seus recursos e produtos em torno do capital e do mercado. Os estudos de Quijano exploraram a racionalidade dessa matriz colonial do poder – o eurocentrismo. Segundo Quijano,

Con la conquista de las sociedades y las culturas que habitan lo que hoy es visto como América Latina, comenzó la formación de un orden mundial que culmina, 500 años después, en un poder global que articula todo el planeta. Ese proceso implicó, por una parte, la brutal concentración de los recursos del mundo, bajo el control y el beneficio de una reducida minoría europea de la especie y, ante todo, de sus clases dominantes. [...] Por otra parte, fue establecida una relación de dominación directa, política, social y cultural de los europeos sobre los conquistados de todos los continentes. Esa dominación se conoce como colonialismo.¹

Também selecionamos a categoria da **colonialidade do saber** proposta por Edgardo

1 QUIJANO, Aníbal. “Colonialidad y Modernidad-Racionalidad”. In: MIGNOLO, Walter. **Aníbal Quijano: ensayos en torno a la colonialidad del poder**. Buenos Aires: Del Signo, 2019, p. 103.

Lander em 2000, como chave para a compreensão da modernidade, associada ao eurocentrismo do conhecimento moderno, ela serve como instrumento de sustentação das formas de controle da colonialidade do poder. Os paradigmas impostos por essa racionalidade produzem um contexto de dominação e exclusão que não cessa depois do processo de independência das antigas colônias, é responsável pela interdição do saber direcionada ao grupo majoritário da humanidade, considerado mero objeto de epistemologias importadas, incapaz de constituir-se como sujeito da enunciação. De acordo com Lander,

La conquista ibérica del continente americano es el momento fundante de los dos procesos que articuladamente conforman la historia posterior: la modernidad y la organización colonial del mundo. Con el inicio del colonialismo en América comienza no sólo la organización colonial del mundo sino -simultáneamente- la constitución colonial de los saberes, de los lenguajes, de la memoria y del imaginario. Se da inicio al largo proceso que culminará en los siglos XVIII y XIX en el cual, por primera vez, se organiza la totalidad del espacio y del tiempo -todas las culturas, pueblos y territorios del planeta, presentes y pasados- en una gran narrativa universal. [...] Con los cronistas españoles se da inicio a la "masiva formación discursiva" de construcción de Europa/Occidente y lo otro, del europeo y el indio, desde la posición privilegiada del lugar de enunciación asociado al poder imperial.²

Nelson Maldonado-Torres introduz, em 2007, a categoria da **colonialidade do ser** elaborada a partir da articulação da colonialidade do saber e do ser, sinalizando que a centralização do conhecimento e a desqualificação epistêmica do outro acabam por aprisioná-lo no cárcere do não-pensar. Esse processo de dominação e exclusão termina na negação da existência desse outro, invisibilizado na experiência absurda do *não-ser*. Segundo o estudioso, a colonialidade opera uma transformação radical do saber, do ser e do poder:

As visões de mundo não podem ser sustentadas apenas pela virtude do poder. Várias formas de acordo e consentimento precisam ser partes delas. Ideias sobre o sentido dos conceitos e a qualidade da experiência vivida (ser), sobre o que constitui o conhecimento ou pontos de vista válidos (conhecimento) e sobre o que representa a ordem econômica e política (poder) são áreas básicas que ajudam a definir como as coisas são concebidas e aceitas em uma dada visão de mundo. A identidade e a atividade (subjetividade) humana também produzem e se desenvolvem dentro de contextos que têm funcionamentos precisos de poder, noções de ser e concepções de conhecimento. A colonialidade do saber, ser e poder é informada, se não constituída, pela catástrofe metafísica, pela naturalização da guerra e pelas várias modalidades da diferença humana que se tornaram parte da experiência moderna/colonial enquanto, ao mesmo tempo, ajudam a diferenciar modernidade de outros projetos civilizatórios e a explicar os caminhos pelos quais a colonialidade organiza múltiplas

2 LANDER, Edgardo (Org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2000, p. 6.

camadas de desumanização dentro da modernidade/colonialidade.³

O constructo teórico-crítico do chamado *pensamento fronteiriço*, no destacado trabalho de Walter Mignolo e de Zulma Palermo, oferece duas categorias basilares no desenvolvimento analítico da pesquisa: **dupla consciência** e **fronteira**. A primeira, é a consciência que surge com a colonialidade do poder no aparecimento das subjetividades construídas a partir da experiência na diferença colonial. A segunda, privilegia a especificidade do lugar de enunciação desse sujeito epistemológico caracterizado pela heterogeneidade de um espaço intercultural. O movimento contra-hegemônico e transgressor desses discursos trabalha para derrubar limites simbólicos do diálogo entre culturas, assim como, desvela as desigualdades de poder/saber/ser dentro e entre elas. Conforme Mignolo,

opções descoloniais estão mostrando que o caminho para o futuro não pode ser construído das ruínas e memórias da civilização ocidental e de seus aliados internos. [...] Se fôssemos apenas pensar nos limites da razão moderna e imperial, então toda referência à reprodução da vida seria interpretada na trajetória de Bergson a Hitler. Felizmente, a opção descolonial concede à concepção da reprodução da vida que vem de *damnés*, na terminologia de Frantz Fanon, ou seja, da perspectiva da maioria das pessoas do planeta cujas vidas foram declaradas dispensáveis, cuja dignidade foi humilhada, cujos corpos foram usados como força de trabalho: reprodução de vida aqui é um conceito que emerge dos afros escravizados e dos indígenas na formação de uma economia capitalista, e que se estende à reprodução da morte através da expansão imperial do ocidente e do crescimento da economia capitalista. Essa é a opção descolonial que alimenta o pensamento descolonial ao imaginar um mundo no qual muitos mundos podem co-existir.⁴

Como instrumento enriquecedor da análise, também contamos com o aporte da análise dialógica do discurso fundamentada no trabalho do Círculo de Bakhtin, analisamos a partir das seguintes categorias a relação entre as produções literárias que, leitoras da história oficial, oferecem uma interpretação do processo histórico da Conquista. Vamos a elas: *signo ideológico* – lugar onde se dá o confronto entre índices axiológicos em conflito na produção de sentidos contraditórios; *heterodiscurso dialogizado* – a estratificação de vozes sociais dissonantes, que operam em um contexto histórico-socialmente determinado potencializador da tensão do sentido; *carnevalização* – dessacralização dos discursos legitimados pelo poder

3 MALDONADO-TORRES, Nelson. "Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas". In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 42.

4 MIGNOLO, Walter. "Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política". **Cadernos de Letras da UFF**, n. 34, 2008, p. 295-296.

através da metamorfose do sentido operada conforme o espaço-tempo e o horizonte valorativo dos sujeitos do jogo discursivo; *avaliação social* – consciência dos laços do sentido na língua com o horizonte valorativo do grupo social.

Estamos cientes de que nem os estudos bakhtinianos, tampouco os decoloniais (para respeitar a ordem de "nascença") se construíram sozinhos. Uma série de movimentos políticos, artísticos, teóricos, críticos, se comunicaram – em continuidades e/ou descontinuidades – sobretudo ao longo do século XX, para chegarmos nos contextos de estudo e escrita que se relacionam nesta pesquisa: essa série impulsionou os trabalhos de escrita criativa de Fuentes e Boullosa; as produções deles motivaram a crítica, que provocou a teoria, produzindo as rupturas necessárias ao contexto de reivindicação epistemológica atual. Como podemos observar, todas as categorias mencionadas até agora partem de um lugar de questionamento e diálogo do par **identidade/alteridade**, pois seria impossível falar de encontro e confronto (ou desencontro) entre culturas sem que o tivéssemos como guia.

Esta pesquisa, de tipologia bibliográfica, tem como fontes: as obras de ficção que formam o *corpus*; obras e artigos científicos de teoria e crítica literária consultadas em formato impresso e digital/eletrônico. O trabalho de leitura e análise parte de um cotejo entre produção artística, teórica e crítica, desde uma perspectiva metodológica comparatista das obras selecionadas.

A organização da dissertação apresenta a estrutura explicitada a seguir. As considerações iniciais apresentam a pesquisa, descrevendo a motivação, pressupostos, *corpus* e elementos básicos de sua constituição, acompanhados de uma breve exposição do referencial teórico e da estruturação do trabalho.

O primeiro capítulo, intitulado "Recordar: os desafios da literatura que revisita a história", se desenvolve e desdobra nos seguintes itens orientados à construção do aporte teórico do estudo: 1) Linguagem e mito em um aniversário ambíguo – onde investigamos os enlaces entre literatura e história na construção do imaginário da Conquista da América, com a consolidação de mitos fundadores da identidade latino-americana; 2) O pensamento decolonial: o giro epistemológico latino-americano – no qual estudamos atentamente o referencial teórico-crítico dos estudos decoloniais; 3) A teoria dialógica do discurso: um elogio ao movimento – item que incorpora parte da base conceitual tomada da análise dialógica proposta pelo Círculo de Bakhtin; 4) Nenhum movimento se constrói sozinho: a

necessidade da linguagem carregar em si a sua própria crítica – em que pontuamos a característica da pluralidade de vozes e trocas na produção de um conhecimento em permanente transformação. Neste capítulo, selecionamos os constructos conceituais que iluminam a leitura e sustentam as análises dos objetos em questão.

O segundo capítulo está voltado à análise do objeto 1, a obra literária *El naranjo: o los círculos del tiempo*, de Carlos Fuentes. A mesma se consolida no destrinchar de aspectos e tópicos significativos da abordagem do autor na constituição de seu cosmo narrativo, divididos em um item para cada conto selecionado: 1) *La lengua*: o papel do intermediário na tradução/traição da conquista – análise do conto "Las dos orillas"; 2) O embate pelo espólio da conquista: o desejo de posse – análise do conto "Los hijos del conquistador"; 3) Utopias de recordação e desejo: fragmentos de uma invenção - análise do conto "Las dos Américas".

No terceiro capítulo, intitulado "A autópsia de uma infâmia: o resgate de um corpo histórico da memória do fracasso", é efetivada a análise da objeto 2, a obra *Llanto: novelas imposibles*, de Carmen Boullosa. O apartado inicial está centrado na apresentação da autora e da obra. Depois, a análise se subdivide em outros três itens: 1) O retorno finissecular do Tlatoani; 2) O texto aberto: o heterodiscurso dialogizado em *Llanto* e a escrita boulllosiana da destruição; 3) Enunciar da fronteira: os direitos epistêmicos em um novo horizonte latino-americano.

O quarto capítulo apresenta um estudo comparativo entre as obras, com a discussão de suas escolhas: temas, nós, protagonistas e antagonistas; estratégias e modelos narrativos empregados pelos autores. O diálogo tem como objetivo o exame das chaves de interpretação e dos efeitos alcançados por eles na reconfiguração de signos e memórias basilares da identidade latino-americana no fim do século XX. Ele também desenvolve uma discussão sobre a reciprocidade entre a produção literária, a teoria e a crítica cultural, destacando os principais expoentes vinculados ao projeto latino-americano de integração.

Nas considerações finais, apontamos os resultados obtidos pela pesquisa e as perspectivas de diálogo e contribuição com o movimento decolonial de descolonização literária, em pleno desenvolvimento nas duas primeiras décadas do século XXI. Na sequência, apresentamos as referências de obras e textos consultados em fontes bibliográficas e digitais.

A decisão de investigar as narrativas tecidas por Fuentes e Boullosa na trilha dos sentidos criados por eles quando da intenção de cruzar espaços e tempos heterogêneos de

histórias e representações de memórias e fraturas, de fracassos e utopias, de controvérsias históricas que compõem nossa *red de agujeros*, plantea a emergência de novos sentidos para velhos questionamentos sobre razões, emoções e pertencimentos que constituem o colorido e complexo tecido identitário latino-americano. Nas crises que nos identificam e nos apartam do mundo privilegiado da modernidade tardia, encontramos os signos, que depois de lidos e devidamente interpretados, revelam nosso giro de valor, propriedade e direito. O valor de nossas vozes silenciadas. A propriedade de nossas memórias e visões de mundo apagadas. O direito de ser sujeito enunciator do ato de saber, do ato de ser e do ato de poder em um espaço de convivência e diálogo entre o *eu* e o *outro*.

1. RECORDAR – OS DESAFIOS DA LITERATURA QUE REVISITA A HISTÓRIA

“Y entonces, coléricos, nos
desposeyeron, nos arrebataron lo
que habíamos atesorado: la palabra
que es el arca de la memoria”
Rosario Castellanos, *Balún Canán*

As representações literárias das últimas décadas do século XX, que tematizam a conquista de territórios americanos durante o século XVI, nos motivam a investigar a importância dos laços entre o discurso literário e o histórico. A partir do caminho percorrido pelos primeiros cronistas, outros(as) se desafiaram, durante mais de meio milênio, a significar esse maravilhoso "novo" mundo: assombro, cobiça, medo, desejo, curiosidade - motores que levaram à construção do imaginário de uma terra habitada por seres estranhos. Os novos horizontes mirados por homens e mulheres, de ambos "mundos" nesses últimos quinhentos anos, acrescentaram aos primeiros olhares significativas transformações. As relações entre os discursos da literatura e da história serviram de fundamento às diversas interpretações que, em especial as do último século, propuseram uma releitura/nova mirada sobre esse mundo outro: escritoras e escritores das literaturas das Américas têm buscado em suas obras representar a complexidade de suas memórias, identidades e alteridades.

Carlos Fuentes e Carmen Boullosa se somaram ao esforço coletivo, explorando a função do mito e a força da reinvenção através da linguagem e da imaginação literária. Neste capítulo, construiremos a base teórica que fundamentará nossa análise. Para que possamos iluminar a leitura das obras selecionadas, contaremos com o aporte teórico do pensamento decolonial em composição com alguns constructos da teoria dialógica do discurso desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin.

1.1. Linguagem e mito em um aniversário ambíguo

A ansiosa era de identidade, na qual entramos conforme Homi Bhabha, nos conduz a uma tentativa de lembrar o tempo passado e de reclamar territórios perdidos, criando uma cultura de “grupos de interesses” ou movimentos sociais disparatados. Ainda segundo o autor,

as narrativas de reconstrução histórica, a exemplo da psicanálise, mobilizam uma memória comunal que pode buscar suas significações a partir de um sentido de causalidade, negociando a recorrência da imagem do passado, enquanto mantém aberta a questão do futuro. O trabalho de retroação está na sua habilidade de reinscrever o passado, de reativá-lo, de realocá-lo, de ressignificá-lo. Para Bhabha, esse movimento submete o nosso entendimento do passado, a nossa reinterpretação do futuro, a uma ética da “sobrevivência”, que nos permite trabalhar através do presente:

E tal trabalho através, ou trabalho dentro, nos liberta do determinismo da inevitabilidade histórica – a repetição sem a diferença. Ele possibilita que nos confrontemos com essa difícil fronteira, a experiência intersticial, entre o que tomamos como imagem do passado e o que está realmente envolvido na passagem do tempo e na passagem do significado.⁵

Sandra Pesavento⁶, considerando que a história e a literatura possuem suas especificidades com relação a seus métodos, exigências e metas, a partir dos estudos da chamada Nova História Cultural, afirma que ambas são narrativas dedicadas a capturar aspectos da experiência humana com o objetivo de (re)presentar a realidade. Literatura e História compartilham o desafio de reconfigurar um passado – “real” ou “imaginário” – tomando como critérios a credibilidade e a verossimilhança. O historiador recorre ao texto literário para resgatar as sensibilidades de outra época, a maneira como o ser humano representa a si mesmo e ao real. E a literatura, por sua vez, está associada à narrativa histórica. O literário guarda consigo os indícios dos sentimentos, das emoções, das formas de falar, dos códigos de conduta compartilhados, das ações sociais de outro tempo. Os discursos históricos e literários se misturam, revelando a historicidade do texto literário e o ficcional do discurso histórico. Esse jogo interdiscursivo promove a reflexão sobre os diálogos possíveis entre esses campos do conhecimento.

Nós compreendemos por Literatura todo texto que se propõe como literário, seja pela atitude do autor ou a do leitor do mesmo. Quanto à História, entendemos o conjunto heterogêneo de discursos que propõem a análise de processos e eventos ocorridos no passado, se constrói por uma série de mutações que se constituem como regularidades que, em

5 BHABHA, Homi. **O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses**: textos seletos. Trad. Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 94.

6 PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Leituras cruzadas**: diálogos da história com a literatura. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000, p. 7.

determinados momentos, geram ruptura. O acontecimento se origina desse evento discursivo que tem a capacidade de romper com os discursos de uma determinada época, inaugurando novas formas de dizer. Independente da esfera que esteja sendo analisada – a do discurso literário ou a do discurso histórico - o sentido está sempre ligado a uma prática social de interpretação que é construída pela linguagem, assim como pelo sujeito que a enuncia. Também consideramos relevante apontar que Literatura e História têm em comum o fato de serem atravessadas pela exterioridade de todos os discursos.

Segundo Ricoeur, história e ficção se entrecruzam, em uma sobreposição recíproca, da qual procede o tempo humano. Para o filósofo, ambas enfrentam as mesmas dificuldades não resolvidas, existindo uma rede de empréstimos entre suas intencionalidades, e a teoria da leitura criou um espaço comum para as suas trocas:

A história é quase fictícia sempre que a quase presença dos acontecimentos colocados “diante dos olhos” do leitor por uma narrativa animada suprir, por sua intuitividade e sua vivacidade, o caráter elusivo da preteridade do passado, que os paradoxos da representância ilustram. A narrativa de ficção é quase histórica na medida em que os acontecimentos irrealis que ela relata são fatos passados para a voz narrativa que se dirige ao leitor; é por isso que se parecem com acontecimentos passados e que a ficção se parece com a história.⁷

Apesar das relações inegáveis entre as duas áreas de conhecimento, elas frequentemente não são nada pacíficas, em ambos campos, a batalha envolve conceitos, fatos, personagens e objetivos em evidente crise/conflito. A referencialidade da Literatura não é a mesma da História. O desejo que mobiliza o discurso literário é aventurar-se na/pela linguagem. A ilusão da verdade *una*, enquanto valor absoluto, não está no horizonte literário da modernidade tardia. Sobretudo, ao falarmos da perspectiva de histórias locais inseridas num contexto de subalternidade, de literaturas de países que seguem sofrendo a herança do colonialismo, essa aventura traz consigo algo além, carrega o desejo de recuperar vozes e versões negadas/excluídas e de inscrever a diversidade de seus espaços-tempos e personagens em busca de uma memória que lhes faça jus.

A historiografia que trata da América apresentou, durante longo tempo, a versão dos conquistadores europeus nesse solo, explorando seus interesses e personagens. Nos últimos tempos, o esforço do trabalho latino-americano produziu uma transformação significativa ao

7 RICOEUR, Paul. "O entrecruzamento da história e da ficção". **Tempo e narrativa**. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 325. (Volume 3)

alterar a perspectiva, agora direcionada ao seu próprio espaço. Dessa forma, o interesse pelo processo da ordem colonial, o papel da população indígena nesta, a forma de circulação do capital mineiro dentro do contexto americano tem evidenciado a relevância desse acontecimento para a vida tanto econômica quanto cultural de toda a humanidade. Segundo Bonilla⁸, em decorrência da expansão ultramarina, a Europa se recupera da crise do século XIV, consegue acumular capital e, assim, desenvolver o capitalismo e estabelecer a civilização moderna.

O simbolismo da data do evento histórico, cumprido já seu quinto centenário, segue mobilizando o imaginário de povos e culturas diversas. De acordo com Stern:

O ano de 1492 simboliza uma mudança transcendental no destino histórico: para os ameríndios, a destruidora transição da história independente para a colonizada; para os ibéricos, o início de um capítulo histórico responsável pela fama e controvérsia imperiais; para os latino-americanos e a diáspora latina, o doloroso nascimento de novas culturas a partir de encontros carregados de poder entre europeus ibéricos, americanos indígenas, africanos e as diversas descendências que ao mesmo tempo mantiveram e miscigenaram as principais categorias raciais.⁹

Na sequência do texto, o pesquisador defende que “a chegada de Colombo à América simboliza uma reconfiguração histórica de magnitude mundial”, pois produz a fusão das histórias americana nativa e europeia em uma história comum, o que representa o fim das representações isoladas do drama humano, inaugurando um cenário mundial de poder e testemunho, cuja expansão da escala foi responsável por revolucionar a geografia cultural e ecológica. Com ela, a etnografia do outro ganhou ainda mais destaque como fato fundamental da vida. Os motores do desejo conquistador – riqueza; preeminência social; evangelização cristã – mostram que o significado da conquista não foi único nem mesmo para os vencedores, revelando muitos paradigmas, fantasias e utopias. A luta política não só evidencia a complexidade dos benefícios disputados pelos europeus, mas também as iniciativas e reações indígenas, que compartilhavam o afã de significar o acontecimento e se apresentavam como empecilho às utopias dos conquistadores espanhóis. A relação entre a concentração de riqueza e poder nas mãos de alguns conquistadores e seus círculos privilegiados, vivendo uma

8 BONILLA, Heraclio (Org.). **Os conquistados: 1492 e a população indígena das Américas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Hucitec, 2006, p. 17.

9 STERN, Steve J. “Paradigmas da Conquista, História, Historiografia e Política”. In: BONILLA, Heraclio (Org.). **Os conquistados: 1492 e a população indígena das Américas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Hucitec, 2006, p. 27.

constante disputa por novos territórios e maior prestígio, acabou por resultar em corrupção, acusações de traição aos interesses da coroa e abuso de poder e crueldade contra os povos indígenas. As colaborações (sejam aquelas pactuadas entre os próprios conquistadores ou as estabelecidas entre estes e determinados grupos étnicos indígenas) estavam revestidas de fragilidade e ambivalência, pois a empresa da conquista esteve envolta em contendas políticas, traições, rivalidades, humilhações e assassinatos.

Walter Benjamin, em suas teses “Sobre o conceito de História”¹⁰, defende a necessidade de realização de uma crítica epistêmica que ofereça uma revisão da concepção tradicional da história, denunciando que o sentimento de empatia com os vencedores “se esquece, torna invisíveis, todos os que são espezinhados pelo cortejo triunfal dos que um dia venceram”¹¹. Assim como coloca a questão da revisão conceitual, o teórico também problematiza a ideia de um progresso da humanidade na história, afirmando que a mesma só é possível se considerarmos um tempo homogêneo e vazio, mas o lugar da história, segundo o autor, só pode ser preenchido pelo tempo-agora, “o passado é carregado de tempo-agora, que ele faz explodir do *continuum* da história”. Como podemos ver, a crítica benjaminiana propõe a necessidade de fazer explodir uma época específica para fora do curso homogêneo da história, fazendo a denúncia de um historicismo que se contenta em estabelecer umnexo causal entre diferentes momentos desta, pois “nenhum fato é histórico por conta de ser uma causa”, essa operação é póstuma e pode ser estabelecida por eventos separados por milênios. Segundo Benjamin,

Articular o passado historicamente não significa conhecê-lo “como ele foi de fato”. Significa apoderar-se de uma recordação, tal como ela relampejou no instante de um perigo. Para o materialismo histórico, trata-se de capturar uma imagem do passado tal como ela, no instante do perigo, configura-se inesperadamente ao sujeito histórico. O perigo ameaça tanto a sobrevivência da tradição quanto os seus destinatários. [...] Apenas tem o dom de atizar no passado aquelas centelhas de esperança o historiógrafo atravessado por esta certeza: nem os mortos estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.¹²

Leopoldo Zea, na introdução da obra sob sua coordenação, patrocinada pela Unesco e intitulada *América Latina en sus ideas*, dá mostra do pensamento crítico latino-americano e

10 Tomamos aqui o manuscrito de Hannah Arendt, na publicação organizada e traduzida por Adalberto Müller e Márcio Seligmann-Silva, 2020, Ed. Alameda.

11 BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de história**. São Paulo: Alameda, 2020, p. 19.

12 *Ibid.*, p. 37.

da necessidade de revisão histórica do seu passado colonial. A perspectiva do filósofo está voltada ao projeto de unidade cultural e libertação continental:

Preocupación central en este análisis de la cultura a partir de las ideas sobre la realidad que le dio origen, ha sido el de la conciencia de América y, su natural aspiración, la libertad. Esta nuestra América había entrado en la “historia”, pero una historia que le era ajena, esto es, bajo el signo de la dependencia. Este continente, más que descubierto en 1492 había sido encubierto por los anhelos, deseos, ambiciones y codicia de sus encubridores, conquistadores y colonizadores. Encubrimiento que abarcó a todas las expresiones de la sociedad y de la cultura. [...] Una cultura que tendrá que abstraer de sus experiencias de servidumbre los elementos que garantizaran las libertades políticamente alcanzadas. Pero fue, precisamente, el rechazo de la experiencia de la servidumbre vivida lo que origina a su vez nuevas formas de pensar la cultura.¹³

As ações de celebração do quinto centenário mobilizam posições ideológicas em conflito, que oferecem leituras contraditórias das controversas figuras históricas. Da mesma forma, os efeitos do processo de dominação, controle e apagamento ou encobrimento do *outro* permanecem exercendo suas funções através de um padrão colonial de poder em plena atividade não apenas nas Américas, mas em todo o mundo. De acordo com Quijano,

Nosotros, los latinoamericanos, no sabemos todavía cómo lidiar exactamente con el simple hecho de que estamos a punto de conmemorar el exacto momento en que la historia fue quebrada en dos partes, y que todavía no aprendimos cómo reconciliar o restaurar el hecho en una única historia. Parece que la primera parte de esa historia rota, que no está muerta en absoluto, también nos pide admitirla como nuestra real y original identidad, que tenemos que recuperar y asumir.¹⁴

Dessa fratura em duas partes, surgirá, por exemplo, a necessidade de releitura dos mitos fundacionais. Esse trabalho compete tanto aos conquistadores quanto aos conquistados.

Segundo Florescano¹⁵, mesmo os descendentes da nobreza indígena que assumiram a tarefa de recuperação histórica da memória de seus antepassados o fizeram a partir das categorias, critérios e avaliações europeias, evidenciando um processo de desindigenização nesses historiadores mestiços. Eles não foram capazes de criar um discurso próprio, o conquistador primeiro suprime e depois expropria essa tradição histórica, transformando-a em

13 ZEA, Leopoldo. **América Latina en sus ideas**. México D.F.: Siglo XXI Ed., 1986, p. 16.

14 QUIJANO, Aníbal. **Ensayos en torno a la colonialidad del poder**. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2019, p. 125.

15 FLORESCANO, Enrique. "A conquista e a transformação da memória indígena." In: BONILLA, Heraclio (Org.). **Os conquistados: 1492 e a população indígena das Américas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Hucitec, 2006, p. 97.

uma leitura somente possível para o vencedor. O novo discurso histórico impôs sua supremacia sobre o antigo através da transformação da linguagem polivalente dos códices em um sentido unívoco das letras, que substituíram os ideogramas e a rica combinação de decifração, glosa e comentário oral. As mudanças acabaram por gerar uma ruptura que impossibilitou ao indígena a leitura, a recordação e a explicação de seus textos segundo as categorias escriturais e mentais próprias da sua tradição histórica. O mensageiro mestiço já não era capaz de compreender os valores indígenas, convertidos em homem culturalmente estranho, a mensagem transmitida era a da dominação e poder dos reis espanhóis, as façanhas dos descobrimentos, a expansão da conquista e a obra civilizadora dos missionários. O discurso produzido é um texto híbrido, não alcança nem a identificação com a sociedade indígena e tampouco o valor do discurso real do conquistador.

Mielietinski¹⁶ afirma que a linguagem do mitologismo do século XX está longe de coincidir com a linguagem dos mitos antigos, pois não se pode colocar sinal de igualdade entre a inseparabilidade do indivíduo face à comunidade e a sua degradação na sociedade industrial moderna, o nivelamento, alienação, etc. Como vimos, mesmo os primeiros descendentes das personagens históricas envolvidas no evento já enfrentavam a dificuldade de reconfigurar o passado a partir da experiência dos vencidos. Assim, embora a linguagem esteja distante da utilizada pelos povos antigos e os contextos de utilização, perspectiva e valoração dos acontecimentos históricos apresentem grandes desafios, percebemos que determinados mitos ocupam o imaginário coletivo e se relacionam de forma significativa com a identidade cultural dos grupos étnicos envolvidos, tanto dos conquistados quanto dos conquistadores¹⁷. De forma especial, as figuras históricas do conquistador do México **Hernán Cortés** e do imperador asteca **Moctezuma/Motecuhzoma** - mitologizadas pela historiografia que trata da conquista, assim como, pela narrativa historiográfica ficcional - foram as

16 MIELIETINSKI, E. M. **A poética do mito**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. p. 440.

17 Entre os muitos escritores e escritoras que se aventuraram no diálogo entre história e ficção, recuperando as figuras históricas dos conquistadores em narrativas contemporâneas, se destaca o trabalho do escritor argentino Abel Posse. O autor dos romances que compõem a nomeada "Trilogia do descobrimento", a saber: *Daimón* (1978), *Los Perros del Paraíso* (1983) e *El Largo Atardecer del Caminante* (1992), se dedica à reconfiguração literária de Lope de Aguirre, Cristóbal Colón e Cabeza de Vaca, respectivamente. Sua trilogia explora os diferentes perfis de conquistadores, convocando o leitor a refletir a partir desse singular evento sobre questões significativas como o choque cultural, a utopia do paraíso perdido e a praxis erótica presente nesse encontro/embate com o outro. Essas personagens controversas, vestidas de contradições, dúvidas e polêmicas pelo discurso historiográfico, exercem uma grande atração no imaginário literário ocupado com a complexa busca da identidade latino-americana.

escolhas principais na reconfiguração elaboradas por Fuentes e Boullosa, ambos mestiços interrogando-se na tentativa de ressignificar – passados quinhentos anos – o importante evento histórico.

Segundo Eliade¹⁸, o mito tem a função de contar uma história sagrada, um acontecimento ocorrido no tempo primordial em que uma realidade passou a existir, revelando sua atividade criadora ao descrever as irrupções do sagrado no mundo e, conseqüentemente, superando a ordem profana do tempo cronológico. Os mitos constituem os paradigmas dos atos humanos significativos, eles tem o poder de revelar que o mundo e o ser humano têm uma origem e uma história sobrenaturais. Essa história, significativa, preciosa e exemplar, desempenha a função indispensável de exprimir, enaltecer e codificar a crença, salvaguardando e impondo os princípios morais e garantindo a eficácia do ritual ao oferecer regras práticas para a orientação da humanidade.

Ao fazer ressurgir os principais mitos¹⁹ da fundação de uma sociedade mestiça a partir do acontecimento que sustentou a modernidade e inaugurou uma nova ordem política, social e cultural, Carmen Boullosa e Carlos Fuentes questionam os paradigmas que fundamentam a complexa formação da identidade latino-americana e que seguem significando tempos e espaços habitados por seres herdeiros da experiência colonial. De acordo com Brotherston²⁰, “lo que se llama la conquista de América no fue un hecho instantáneo ni terminó con las hazañas de los Cortés y de los Pizarro, [...] se trata de un fenómeno complejo, que se fue produciendo a lo largo de cinco siglos”. Fuentes e Boullosa fazem suas escolhas de acordo com temas, personagens históricos e tempos-espacos que pretendem significar, têm em comum o fato de escreverem e publicarem suas obras justo no momento que circunda o aniversário do quinto centenário da conquista. Segundo Bosi, o romancista inclui fatos que são filtrados, transformados pela ótica de uma corrente subjetiva:

Ainda que o *quantum* de real histórico seja ponderável, o *modo de trabalhar*, que é *essencial*, é *ficcional*. Nessa perspectiva, o romancista não mentiria nunca. O romancista não mente nunca, porque ele efetivamente está mexendo com

18 ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. 6. ed. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 11.

19 Alguns pesquisadores optam por falar de "mitoide", considerando que a sociedade moderna ocidental não comporta o âmbito cultural dentro do qual o mito possa existir, ou seja, categorias, espaços e tempos míticos. No entanto, escolhemos o termo em razão da abrangência da sua utilização na cultura popular contemporânea, como personagens históricas que por sua notoriedade influenciam a identidade cultural de um amplo grupo social.

20 BROTHERSTON, Gordon. “La visión americana de la Conquista”. In: PIZARRO, Ana (Org.). **América Latina: Palavra, literatura e cultura**. Campinas: UNICAMP, 1993, Vol. 1, p. 65.

representações da imaginação que podem, ou não, ter um conteúdo empírico historicamente atestado. Mesmo que maciçamente seja documentado o fato que ele está contando, o regime do texto no seu conjunto é de ficção.²¹

Sob a marca de uma posse violenta – do corpo e do discurso – Boullosa e Fuentes revisitam parte da historiografia da conquista e reclamam o direito à memória. Através do interrogar-se sobre perdas, heranças, propósitos e perspectivas em conflito, surgem novos enlaces que permitem à literatura lançar uma nova luz à materialidade histórica, um intento de superação do silêncio no encontro com a alteridade.

1.2. O Pensamento Decolonial: o giro epistemológico latino-americano

Inserido no contexto latino-americano, levando em conta todas as suas relações histórico-político-social e culturalmente determinadas, a análise dos objetos do presente trabalho conta com o aporte teórico-crítico desenvolvido pelas teorias e práticas relacionadas aos nomeados Estudos Decoloniais²².

A partir da segunda metade do século XX, as noções de descontinuidade, ruptura e deslocamento produziram um profícuo movimento no campo das ciências sociais e das humanidades em geral. A apropriação dos conceitos de diferença e alteridade desencadeou um processo de desestabilização do sujeito da representação, capaz de revelar as condições de distribuição cultural e política e os interesses implicados na produção do saber-poder institucionalizado. O trabalho realizado por grupos de intelectuais latino-americanos, ocupados com a tarefa de apresentar um estudo da sociedade do seu tempo a partir de uma perspectiva própria, foi capaz de evidenciar o quanto o passado segue vivo, desafiador e atuante.

O decolonialismo (ou descolonialismo) é um projeto epistêmico e assumidamente político, a partir do qual a matriz colonial do poder operada pela episteme eurocêntrica é desafiada a considerar o conhecimento construído na fronteira e a aceitação da história (própria, não apenas a alheia) vivida, inscrita e compartilhada com/em novos territórios, que não se limitam pelas coordenadas geográficas. A tradição fundada na desigualdade,

21 BOSI, Alfredo. **Entre a Literatura e a História**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2015, p. 224.

22 Ou *descoloniais*, como prefere o estudioso peruano Aníbal Quijano, formulador do campo e das principais categorias em uso.

discriminação, concentração de poder e dominação é desvelada por quem reivindica o seu lugar como sujeito da enunciação na luta pelo direito ao livre pensamento, à crítica das ideias e à sua memória histórica e cultural.

Com o objetivo de organizar nosso entendimento desses estudos e de melhor colocá-los em diálogo com os objetos culturais que motivam e constroem a possibilidade deste trabalho, apresentamos, em linhas gerais, os eixos constituintes e as categorias de análise decoloniais que irão exercer a função de instrumentos de análise, iluminando a leitura dos textos de Carlos Fuentes e Carmen Boullosa. É importante ressaltar que as escolhas conceituais estão conectadas com os objetivos propostos no início desta jornada, não tendo a pretensão de abarcar todo o escopo do constructo teórico decolonial.

No final dos anos noventa, em torno das pesquisas sobre a colonialidade do poder do teórico peruano Aníbal Quijano, se organizou um conjunto de estudos ocupados com problemáticas aparentemente resolvidas nas ciências sociais latino-americanas, como a revisão da constituição histórica da modernidade e suas relações com a história da América Latina. Compreendemos os estudos decoloniais como um conjunto de pesquisas e suas consequentes produções teóricas sobre a colonialidade, um trabalho marcado pela heterogeneidade de campos de interesse e por sua relativa pouca idade. Segundo GESCO²³:

Los planteamientos iniciales sobre la colonialidad del poder, de esta manera, han crecido y se han extendido más allá de las fronteras americanas, convirtiéndose paulatinamente en un tema de debate y en una categoría de uso común. Existen ya, tanto en América como en Europa, un cuantioso número de profesionales desde diversas disciplinas cometidos al trabajo sobre la colonialidad y sus concomitantes, así mismo se registra la presencia creciente de colectivos y grupos de debate, investigación y praxis, como también de centros de investigación, e inclusive de programas universitarios de posgrado en torno a estos asuntos.²⁴

A primeira e mais significativa categoria analítica é a da **colonialidade do poder**, formulada por Quijano, é condição de um sistema fundado a partir da conquista da América que, por sua vez, inaugura uma nova ordem mundial e um novo tempo. A invenção da América, a modernidade e o capitalismo, segundo o pesquisador, nascem no mesmo dia, dando sustentação a uma arquitetura social a partir de uma matriz colonial do poder, que operou a ordenação das relações sociais baseadas nos princípios de acumulação, exploração e

23 GESCO – Grupo de estudos sobre colonialidade (UBA).

24 GESCO. "Estudios decoloniales: un panorama general". **Kula**. Antropólogos del Atlántico Sur, Pacarina del Sur, n. 6, 2012, p. 8-21 (p. 9).

distribuição desigual de forças. Segundo Quijano²⁵(1992), o eixo desse padrão de poder é a classificação social da população mundial sobre a ideia de raça e sua racionalidade específica é o eurocentrismo. A articulação de todas as formas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos, em torno do capital e do mercado mundial, se soma à operação classificatória, constituindo os dois processos históricos que servirão de base à expansão do colonialismo europeu sobre o resto do mundo e levarão à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento. De acordo com Quijano,

La colonialidad es uno de los elementos constitutivos y específicos del patrón mundial de poder capitalista. Se funda en la imposición de una clasificación racial/étnica de la población del mundo como piedra angular de dicho patrón de poder, y opera en cada uno de los planos, ámbitos y dimensiones, materiales y subjetivas, de la existencia cotidiana y a escala social. Se origina y mundializa a partir de América. Con la constitución de América (Latina), en el mismo momento y en el mismo movimiento histórico, el emergente poder capitalista se hace mundial, sus centros hegemónicos se localizan en las zonas situadas sobre el Atlántico – que después se identificarán como Europa-, y como ejes centrales de su nuevo patrón de dominación se establecen también la colonialidad y la modernidad. En otras palabras: con América (Latina) el capitalismo se hace mundial, eurocentrado y la colonialidad y la modernidad se instalan, hasta hoy, como los ejes constitutivos de ese específico patrón de poder.²⁶

A **colonialidade do saber**, conceito derivado do anterior e sistematizado nos trabalhos de Edgardo Lander (2000), está relacionada à característica eurocêntrica do conhecimento moderno e sua conexão com a estruturação do domínio colonial, sustentando as formas do controle da colonialidade do poder. A imposição da(s) cultura(s) europeia(s) como padrão, desconsiderando as subjetividades que não se enquadram na moldura de seu próprio espelho, produz um modelo normativo que legitima e valida seus dispositivos de conhecimento como os únicos possíveis. O movimento de naturalização e hierarquização de uma construção discursiva eurocentrada acaba por resultar na atual assimetria nas relações de poder. De acordo com Quijano, "foi a instrumentalização da razão pelo poder colonial que produziu paradigmas distorcidos de conhecimento e conduziu ao fracasso as promessas liberadoras da modernidade"²⁷. Segundo Lander,

25 QUIJANO, Aníbal. "Colonialidade e modernidade-racionalidade". In: BONILLA, Heraclio (Org.). **Os conquistados: 1492 e a população indígena das Américas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Hucitec, 2006, p. 416-426.

26 QUIJANO, Aníbal. "Colonialidad del poder y clasificación social". In: MIGNOLO, Walter. **Aníbal Quijano: ensayos en torno a la colonialidad del poder**. Buenos Aires: Del Signo, 2019, p. 151-152

27 QUIJANO, 2006, op.cit., p. 425.

La expresión más potente de la eficacia del pensamiento científico moderno - especialmente en sus expresiones tecnocráticas y neoliberales hoy hegemónicas - es lo que puede ser descrito literalmente como la naturalización de las relaciones sociales, la noción de acuerdo a la cual las características de la sociedad llamada moderna son la expresión de las tendencias espontáneas, naturales del desarrollo histórico de la sociedad. La sociedad liberal industrial se constituye - desde esta perspectiva - no sólo en el orden social deseable, sino en el único posible. Esta es la concepción según la cual nos encontramos hoy en un punto de llegada, sociedad sin ideologías, modelo civilizatorio único, globalizado, universal, que hace innecesaria la política, en la medida en que ya no hay alternativas posibles a ese modo de vida. Esta fuerza hegemónica del pensamiento neoliberal, su capacidad de presentar su propia narrativa histórica como el conocimiento objetivo, científico y universal y a su visión de la sociedad moderna como la forma más avanzada - pero igualmente normal - de la experiencia humana, está sustentada en condiciones histórico culturales específicas. El neoliberalismo es un excepcional extracto, purificado y por ello despojado de tensiones y contradicciones, de tendencias y opciones civilizatorias que tienen una larga historia en la sociedad occidental. Esto le da la capacidad de constituirse en el sentido común de la sociedad moderna.²⁸

Ainda na esteira da categoria central de colonialidade do poder, Nelson Maldonado-Torres (2007) propõe a **colonialidade do ser** como constructo teórico significativo para a análise e compreensão da modernidade. O pesquisador evidencia a relação existente entre a colonialidade do saber e do ser a partir da centralização do conhecimento e da desqualificação epistêmica do outro, assim, pensar diferente do europeu significa *não-pensar*, logo, também *não-ser*. O fundamento da racionalidade cartesiana é convertida em um jogo de dominação e exclusão do diferente. Segundo o autor, a colonialidade do ser se refere à experiência vivida pela colonização e seu impacto na linguagem. Maldonado-Torres sustenta que:

La colonialidad del ser introduce el reto de conectar los niveles genético, existencial e histórico, donde el ser muestra de forma más evidente su lado colonial y sus fracturas. [...] Si el ego cogito fue formulado y adquirió relevancia práctica sobre las bases del ego conquiro, esto quiere decir que “pienso, luego soy” tiene al menos dos dimensiones insospechadas. Debajo del “yo pienso” podríamos leer “otros no piensan”, y en el interior de “soy” podemos ubicar la justificación filosófica para la idea de que “otros no son” o están desprovistos de ser. De esta forma descubrimos una complejidad no reconocida de la formulación cartesiana: del “yo pienso, luego soy” somos llevados a la noción más compleja, pero a la vez más precisa, histórica y filosóficamente: “Yo pienso (otros no piensan o no piensan adecuadamente), luego soy (otros no son, están desprovistos de ser, no deben existir o son dispensables)”. [...] No pensar se convierte en señal de no ser en la modernidad. Las raíces de esto, bien se pueden encontrar en las concepciones europeas sobre la escritura no alfabetizada de indígenas en las Américas. Pero pudiera decirse que tales concepciones ya estaban de antemano nutridas por la sospecha sobre la no humanidad de los sujetos en cuestión. Tal como he apuntado en otro lugar, esta

28 LANDER, Edgardo (Org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2000, p. 4.

sospecha pudo estar basada en la idea original de que los indígenas no tenían religión. El escepticismo misantrópico colonial/racial precede la evidencia acerca de la no humanidad de los colonizados/racializados. [...] La invisibilidad y la deshumanización son las expresiones primarias de la colonialidad del ser.²⁹

A colonialidade e seus principais efeitos permanecem mesmo depois dos processos de independência ocorridos no princípio do século XIX, continuando a ordenar as sociedades latino-americanas. As instituições das novas repúblicas foram modeladas por esse padrão de poder, reproduzindo um contexto de dependência histórico-estrutural que não termina com o fim do colonialismo, que segue postergando uma real democratização nesses territórios. A elaboração de estruturas sociais de matriz colonial sobrevivem, a autonomia político-administrativa não foi capaz de gerar a transformação da ordem social, apenas uma nova configuração de dominação e exploração dos grupos majoritários (indígenas, afrodescendentes e mestiços) pelo grupo minoritário (brancos). O modelo de estratificação sociorracial impede que a maioria tenha acesso ao controle dos meios de produção e que exista uma real democratização nas relações sociais.

Embora apresente genealogias e interesses diversos, os estudos decoloniais surgem em diálogo com outras tradições críticas que alcançaram destaque na segunda metade do século XX, em especial, os chamados estudos subalternos e/ou estudos pós-coloniais. Em comum, compartilham a crítica do eurocentrismo e dos fazeres (políticos-econômicos-culturais) do colonialismo. Essas construções teórico-críticas também trazem contribuições de importantes pensadores com grande trânsito europeu como base das suas produções: Foucault e seu desvelamento da natureza perigosa do discurso, que está sujeitado a uma ordem que sustenta as especificidades do dizer (do seu lugar e do seu sujeito); a escrita derridiana, na produção da teoria da desconstrução, provocando uma espécie de abalo sísmico no terreno da representação ao propor uma ruptura na história do conceito de estrutura. A análise de Jacques Derrida da *différance*³⁰ inicia a era da desconstrução e vê nascer a quebra do culto da

29 MALDONADO-TORRES, Nelson. "Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto". In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón (Org.). **El giro Decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana – Siglo del Hombre, p. 127-167. Páginas seleccionadas no trecho: 130-31, 144, 147, 150.

30 *Différance* é a palavra que não se apresenta em "pureza", oferecendo uma "verdade" mas pelo desvio de um significante, que é estranho à sua própria realidade. É o movimento do jogo que produz as diferenças, os efeitos de diferença. In: SANTIAGO, Silviano (org.). **Glossário de Derrida**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976, p. 24-25.

identidade através do deslocamento do sentido através da luta contra os significados estagnados (o binarismo, o referencial).

O que difere a perspectiva decolonial é, fundamentalmente, o compromisso político em operar o processo de descolonização a partir do seu lugar de enunciação, para além do exercício de análise do jogo discursivo e da textualidade, trabalha em favor de uma transformação social, política e cultural. A proposta de uma produção intelectual periférica, atenta aos discursos e às práticas de colonialidade (do poder, do saber e do ser), começa pela necessidade de recuperar o pensamento crítico latino-americano num importante resgate de sua historiografia.

A partir de um trabalho que opõe/propõe um ato de descentramento para além da prática tranquilizante da simples substituição, mostrando a impossibilidade de pensar a representação fora do funcionamento do discurso, no embate entre forças sociais pertencentes a posições ideológicas diversas e complexas, as construções literárias recriam e indicam o caminho da alteridade. Constructos artísticos como os de Boullosa e Fuentes evidenciam a capacidade que o texto tem de perturbar a autoridade do discurso oficial (dos vencedores), convocando a liberdade na produção de conhecimento a partir de novos contextos sociais de legitimação.

Os caminhos dos estudos decoloniais levaram à consolidação de uma proposta de pensamento crítico autônomo a partir das experiências latino-americanas. O trabalho da pesquisadora e crítica cultural latino-americana Zulma Palermo nos oferece um conceito fundamental para pensar a produção cultural da/na América Latina: **frontería**. Segundo Palermo³¹, há nesse território uma epistemologia fronteiriça, nessa "frontería", uma arquitetura muito particular de subjetividades caracterizadas pela heterogeneidade, profundamente marcadas pelas experiências com a colonialidade do poder, espaço do cruzamento entre culturas. O pensamento fronteiriço toma uma perspectiva "outra", que não ignora tampouco se subjugue à racionalidade moderna, ele sempre envolve posicionamento e uma concepção alternativa assentada mais nas rupturas que nas continuidades, problematizando o lugar desde o qual se sustenta o cânone. A pesquisadora considera que o projeto de descolonização se encontra em plena geração de suas formas perfiladas no encontro

31 PALERMO, Zulma. "El rol de las historias literarias en los proyectos de modernización latinoamericana". *Anais do VIII Seminário Internacional de História da Literatura*. Porto Alegre, v. 16, n. 1, out. 2010, p. 17.

do sentimento com o pensamento decolonial:

Así, descolonizar las historias de la literatura, implica, en primer lugar, desarticular la homogeneidad que arrasa con las diferencias, para recuperar el horizonte de la totalidad que no busca imponer verdades sino generar espacios interpretativos pluritópicos que no sólo incluyan las diferencias de sexo, raza, etnia o formas de conocimiento y valoración estética, sino que abra caminos particulares dentro de la actual construcción global.³²

A obra de Walter Mignolo, semiólogo argentino, também nos traz conceitos interessantes para pensar a lógica da colonialidade na produção literária. Sua proposta de desobediência epistêmica se conecta à ideia da epistemologia fronteiriça, oferecendo instrumentos teóricos importantes a partir da experiência da diferença colonial. Em especial, o que ele denomina uma **dupla consciência** nos permitirá iluminar a leitura das obras de Fuentes e Boullosa. Segundo Mignolo,

El imaginario del mundo moderno/colonial surgió de la compleja articulación de fuerzas, de voces oídas o apagadas, de memorias compactas o fracturadas, de historias contadas desde un solo lado que suprimieron otras memorias y de historias que se contaron y cuentan desde la doble conciencia que genera la diferencia colonial. [...] La doble conciencia, en suma, es una consecuencia de la colonialidad del poder y la manifestación de subjetividades forjadas en la diferencia colonial.³³

Essa dupla consciência apontada por Mignolo aparecerá de forma evidente na reconfiguração de várias das personagens históricas recuperadas pelos autores de *El Naranjo* e *Llanto*. A ambivalência característica dos mitos fundacionais se explica, em grande medida, por esse traço constitutivo.

1.3. A teoria dialógica do discurso: um elogio ao movimento

Ciente da crítica que os estudos decoloniais têm realizado sobre o perigo da teoria se encerrar em exercícios de jogos discursivos/textuais, optamos por articular os constructos teóricos do pensamento decolonial latino-americano com o aporte conceitual da teoria

32 *Ibid.*, p. 19.

33 MIGNOLO, Walter. "La colonialidad a lo largo y a lo ancho: el hemisferio occidental en el horizonte colonial de la modernidad". In: LANDER, Edgardo (comp.) **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2000, p. 39.

dialógica do discurso, especificamente, do trabalho desenvolvido pelo Círculo de Bakhtin. Assim como os pensadores da perspectiva decolonial, também o Círculo, ainda que eurocentrado, estava comprometido com um movimento de transformação social. Um esforço que, em tempos difíceis, também desvelou a lógica dos discursos e dos poderes que os sustentam e, de forma especial, mostrou que a criação literária oferece à sociedade um espaço de sentidos em constante transformação, denunciando suas crises, revelando a alteridade nas experiências e memórias que ela lança ao presente e ao futuro.

Antes de iniciar a apresentação dos conceitos que, articulados com os dos estudos decoloniais, fundamentarão a análise, torna-se importante ressaltar a especificidade da relação da obra literária com o funcionamento dialógico do discurso, pois, de acordo com Medviédev, ela ocupa uma posição singular no todo do meio ideológico: “A literatura insere-se na realidade ideológica circundante como sua parte independente e ocupa nela um lugar especial sob a forma de obras verbais organizadas de determinado modo e com uma estrutura específica própria apenas a elas.”³⁴ O autor salienta ainda que ela reflete, em seu “conteúdo”, as reflexões e as refrações de outras esferas ideológicas, ou seja, a literatura é atravessada pela exterioridade de todos os discursos.

Partindo desse princípio, da interioridade da obra à exterioridade dos discursos atravessados nela, o primeiro movimento: o do **signo ideológico**. Para o Círculo, é a “arena”, o lugar onde se dá o embate. Também podemos pensar na “praça”, mais próxima do nosso contexto histórico-cultural (lugar de memórias tristes e felizes na América Latina). Enfim, independente da metáfora a ser usada, é nesse lugar do encontro social – ocupado por índices axiológicos contraditórios – onde a consciência (sempre linguístico-ideológica) produz o sentido. Volóchinov faz a caracterização do conceito em questão:

O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser igualados. Onde há signo há também ideologia. *Tudo o que é ideológico possui significação signica*. No interior do próprio campo dos signos, isto é, no interior da esfera ideológica, há profundas diferenças [...] Cada campo da criação ideológica possui seu próprio modo de se orientar na realidade, e a refrata a seu modo. Cada campo possui sua função específica na unidade da vida social. Entretanto, *o caráter*

34 MEDVIÉDEV, P. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica** (1928). Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012, p. 59-60.

*sígnico é um traço comum a todos os fenômenos ideológicos.*³⁵

Como vemos no trecho acima, a língua nunca é inerte, abstrata. Não existe consciência sem linguagem e os usos das linguagens só podem existir nos seus contextos sociais.

Segundo movimento: o **heterodiscurso dialogizado**. Bakhtin caracteriza o romance como um todo verbalizado, fenômeno pluriestilístico, heterodiscursivo e heterovocal³⁶. O gênero romanesco opera social e artisticamente organizado, tem a potência de trabalhar uma diversidade de linguagens, assim como, produzir uma dissonância individual através da estratificação de vozes sociais que situam o sujeito discursivo em um contexto social e historicamente determinado. Por operar nessa lógica pluridiscursiva desenvolvida por atores e relações de grande complexidade - lugar do heterogêneo e da pluralidade de vozes: autor, narrador(es), personagens, gêneros intercalados – esse discurso adquire especial atenção do teórico. A estratificação interna da língua, seu heterodiscurso social e a dissonância individual povoam o romance. O heterodiscurso que atua motivado pelas forças centrífugas descentralizadoras (em oposição às centrípetas, unificadoras e centralizadoras da vida verboideológica), num movimento de contraposição consciente às linguagens oficiais da contemporaneidade, é o *dialogizado* – lugar de tensão do sentido entre discursos e acentos alheios:

O enunciado vivo, que surgiu de modo consciente num determinado momento histórico em um meio social determinado, não pode deixar de tocar milhares de linhas ideológicas vivas envoltas pela consciência socioideológica no entorno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. É disto que ele surge, desse diálogo, como sua continuidade, como uma réplica e não como se com ele se relacionasse à parte.³⁷

Essa estilística sociológica, de congregação das vozes sociais que constituem a forma romanesca, confirma a concepção do Círculo de mundo como acontecimento, da realidade como processo de formação e do ser que se constitui pelo discurso num ato ético engendrado no/pelo diálogo social.

No terceiro movimento, nos deparamos com o conceito de **carnevalização**. O carnaval atua a partir da força centrífuga ao realizar a dessacralização dos discursos legitimados pelo

35 VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem (1929). Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2018, p. 93-94.

36 BAKHTIN, M. **Teoria do romance I**: a estilística (1930-1936). Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2015, p. 27.

37 *Ibid.*, p. 49.

poder, apresentando em festa a natureza mutável do sentido, camaleão, metamorfoseado conforme o espaço-tempo e o horizonte valorativo do sujeito que o constrói no jogo discursivo com o outro. Os discursos brincam/brigam, despindo e desconstruindo a pretensão de estabilidade e exclusividade do sentido. Segundo Bakhtin, a literatura carnalizada está fundada no presente, que critica a tradição e opta pela invenção, mobilizando um coro de vozes e estilos heterogêneos, em que todos participam no baile da renovação do sentido:

Mas o carnaval, suas formas e símbolos e antes de tudo a própria cosmovisão carnavalesca, séculos a fio se entranharam em muitos gêneros literários, fundiram-se com todas as particularidades destes, formaram-nos e se tornaram algo inseparável deles. É como se o carnaval se transformasse em literatura, precisamente numa poderosa linha determinada de sua evolução. Transpostas para a linguagem da literatura, as formas carnavalescas se converteram em poderosos meios de interpretação artística da vida, numa linguagem especial cujas palavras e forma são dotadas de uma força excepcional de generalização simbólica, ou seja, de generalização em profundidade. Muitos aspectos essenciais, ou melhor, muitas camadas da vida, sobretudo as profundas, podem ser encontradas, conscientizadas e expressas somente por meio dessa linguagem.³⁸

Os princípios da hierarquia, da divisão entre o mundo do *eu* e do *outro*, da estratificação social e econômica (do belo, do rico e do culto), desmorona, toda percepção e experiência democraticamente ganham vida na comunhão da beleza da alteridade nessa festa dialógica do riso. A força centrípeta do discurso oficial (da História, por exemplo) sofre o abalo da paródia, mostrando a relatividade dos sentidos da vida.

Quarto e último movimento: a concepção de **avaliação social**. Volóchinov³⁹ afirma que para compreender a elaboração histórica do tema e das significações que o realizam, é necessário estar ciente da relação entre a formação do sentido na língua com a do horizonte valorativo do grupo social. Esse processo leva em conta tudo que possui significação para o mesmo, é determinado pela ampliação da base econômica. Segundo o linguista, com esse ato de expansão, amplia-se significativamente o horizonte da existência acessível, compreensível e essencial do humano:

Os novos aspectos da existência que passam a integrar o horizonte de interesses sociais e que são abordados pela palavra e pelo *pathos* humano não esquecem dos

38 BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski** (1963). Trad. Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 178.

39 VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem (1929). Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2018, p. 237.

elementos da existência integrados anteriormente, mas entram em embate com eles, reavaliando-os, alterando o seu lugar na unidade do horizonte valorativo. Essa formação dialética se reflete na constituição dos sentidos linguísticos. Um sentido novo se revela em um antigo e por meio dele, mas com o objetivo de entrar em oposição e o reconstruir.⁴⁰

Segundo a teoria dialógica do discurso, existe na interação discursiva um *auditório social* estável para o qual se direciona a criação ideológica do grupo. Esse horizonte social típico é formado por tudo aquilo que liga o *eu* ao *outro* pela ponte da palavra (território comum), que é orientada para o interlocutor, o qual não é capaz de ultrapassar os limites de uma determinada classe e época.

Carlos Fuentes e Carmen Boullosa desenvolvem estratégias de leitura das fontes historiográficas que demonstram o conhecimento e a apropriação do trabalho realizado pelo Círculo de Bakhtin. Assim, esse aporte nos será útil, sobretudo na análise de “Los hijos del Conquistador” e de *Llanto*.

1.4. Nenhum movimento se constrói sozinho: a necessidade da linguagem carregar em si a sua própria crítica

O desvelamento da especificidade relativa da representação literária e seu efeito na produção de novos conhecimentos no deslocar-se crítico a outros campos dos saberes, processo relacional e interessado/engajado de discursos possíveis; o rompimento com a episteme dos “centrismos”, ato que permitiu subverter nossas formas de pensar questões importantes como as relacionadas com os conceitos de origem, identidade, verdade, valor e propriedade; são movimentos que trouxeram avanços inquestionáveis aos estudos das humanidades. Agora, possibilitar que esse ganho seja socializado numa produção emancipatória de novas práticas – que pressionem os cadeados da institucionalidade dos saberes e escape pelas fendas até chegar aos lugares proibidos, inacessíveis, recalcados, impedidos – torna-se um grande desafio. Questionar nossa vontade de verdade, restituir ao discurso seu caráter de acontecimento e suspender a soberania do significante, através dos princípios de inversão, descontinuidade, especificidade, são demandas apontadas pela análise

40 VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem (1929). Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2018, p. 238.

do discurso, reconfigurando as noções de acontecimento, série, regularidade e condição de possibilidade. Por meio dessa contribuição, a Teoria e a Historiografia Literária, assim como outros estudos de literaturas nacionais, podem rever suas práticas. A promoção do questionamento sobre o acaso, o descontínuo e a materialidade na produção de discursos, torna-se primordial.

Pensando no trabalho do crítico, na experiência do literário particularmente, a proposta da desconstrução como um acontecimento, um (re)fazer constante, ciente de seus interesses, seus poderes e suas limitações, motivou a fundamentação dos Estudos Culturais e do Pós-colonialismo. O que antes já havia passado e fundamentado por/pela Crítica Feminista, agora, toma o rumo da análise da representação através das perspectivas de Gênero, Etnia/Raça e Cultura. Esse desmoronar de alguns dos principais edifícios historicamente fundados numa tradição político-social-cultural-filosófica ocidental também motivou a guinada dos Estudos Decoloniais.

A América Latina reivindica seu lugar no cenário mundial de produção, recepção e crítica cultural. É urgente a necessidade de se assegurar a propriedade de discursos que são nossos - de *NOSOTROS*, espelhos de nosso tempo – e de desconstruir a ideia de *terra à vista* (em seu duplo sentido). A partir disso, nos toca questionar o fato dessa mesma lógica que construiu muros através dos quais projetou – e executou - a prática de apagamento do discurso do outro, fazendo uso de um processo de naturalização de seus próprios pressupostos como universais, seja a que promova o derrubamento e defenda a necessidade de se colocar no lugar do outro. Já pagamos com o sacrifício reiterado por milhares de vozes silenciadas, mas não podemos fazer desse nossa tradição, temos direito ao nosso turno de fala e protagonismo crítico no jogo do intercâmbio que envolve o conhecimento e, desta vez, que não venham com miçangas.

Este trabalho foi constituído a partir da hipótese de que a Conquista é o advento de uma ruptura que produziu uma ferida constitutiva que segue aberta. Não tocá-la seria mais um ato de negação imperdoável, pois somente uma compreensão profunda dos processos que ela inaugura e das responsabilidades envolvidas nestes poderá trazer uma liberdade capaz de ser mais que sonho ou utopia. A Literatura tem seu papel nesse caminho, investigá-lo é ato que envolve direito, dever e prazer.

2. A VIAGEM DE CARLOS FUENTES NO RASTRO DOS CONQUISTADORES

O autor Carlos Fuentes, nascido em 1928, é um dos romancistas mais lidos da chamada América Hispânica, reconhecido por ser um renovador do gênero no seu país. Sua obra é abundante e variada e está marcada por dois elementos: (1) o recurso do mito para enriquecer a poética do realismo e (2) o tratamento da linguagem, através de uma deliberada “impurificación”⁴¹. O esforço literário de Fuentes, tanto no campo da escrita criativa como no da crítica literária e cultural, esteve focado na ambição, um tanto utópica e totalizante, de abarcar a identidade americana.

A obra em análise foi publicada em 1993, quando a América acabava de viver a marca dos quinhentos anos do chamado “Descobrimento” consagrado pelo discurso histórico. Sua escrita se dá em três países - Inglaterra, México e Espanha - nos dois anos que antecedem a publicação, conforme indicações destacadas ao final de cada um dos relatos. Entre os cinco que a compõem, optei pela análise dos três que recuperam personagens e episódios marcantes do processo da conquista, respectivamente, os dois primeiros e o último: “Las dos orillas”, “Los hijos del conquistador” e “Las dos Américas”. Como podemos ver pela escolha dos títulos, o tema do duplo perpassa toda a obra, assim como, o símbolo que, na costura de enredos, espaços e personagens, constrói a metáfora/possibilidade de uma eterna volta no tempo através das sementes de uma árvore - a laranjeira (*el naranjo*) – signo do nomadismo e da sobrevivência.

2.1. *La lengua*: o papel do intermediário na tradução/traição da conquista

A escolha da personagem histórica Jerónimo de Aguilar, primeiro tradutor do conquistador Cortés, para dar início à narrativa do primeiro relato da obra *El naranjo* - “Las dos orillas” - sinaliza a importância que Fuentes confere ao papel do intermediário e à relevância do conhecimento linguístico a serviço da empresa espanhola. Como narrador autodiegético, Aguilar nos apresenta sua versão do fato histórico em explícito conflito com aquela construída pelo cronista oficial, o espanhol Bernal Díaz del Castillo. Entre as diversas

41 AIRA, César. **Diccionario de autores latinoamericanos**. Buenos Aires: Emecé, 2001. p. 220-21.

críticas feita ao trabalho de Bernal⁴², a imperdoável: o desprezo pela função da *língua*, aquele que determinará o encontro da palavra e o destino da conquista: o tradutor.

Segundo a Real Academia (espanhola) de la Historia⁴³, Jerónimo de Aguilar se estabeleceu em La Espanhola em 1509 e, em novembro do mesmo ano, foi a Darién (atual Panamá) com o conquistador Diego de Nicuesa. Em 1511, a caravela em que viajava com destino à ilha, atual Santo Domingo, sofreu um naufrágio em razão de uma tempestade. Depois de sobreviver durante quinze dias em um batel no mar, o grupo foi capturado pelos maias. Ele viveu por oito anos na costa yucateca, tomado como serviçal por um cacique local, onde aprende a língua maia e permanece até ser resgatado por Hernán Cortés em 1519, quando é incorporado como tradutor de sua campanha. Depois da batalha de Centla, nesse mesmo ano, caciques de Tabasco oferecem vinte mulheres indígenas como presente na tentativa de selar a paz com os espanhóis, entre elas, aquela que será a mais destacada intérprete da conquista do México: La Malinche. Embora renomado pelas louváveis qualidades de obediência e espírito de serviço, rompeu relações com o conquistador e compareceu como testemunha de acusação no juízo de residência ao qual foi submetido Cortés em 1523, formulando graves acusações contra seu antigo capitão.

A natureza ambígua dessa voz narrativa, que julga e joga o papel de *língua*⁴⁴ da tumba (o relato é o de um defunto), se desdobra na das personagens privilegiadas em seu relato: Guatemuz, Hernán Cortés e Malinche, três figuras centrais e igualmente acusadas de traição. As personagens escolhidas por Aguilar caminham nas páginas da história entre a glória e a abjeção, julgadas contraditoriamente entre a admiração e o asco. A cartada de mestre posta nas mãos de um protagonista que já não tem nada a perder, que alcança com a morte a liberdade de poder colocar em suspeição personagens e fatos, inclusive ele próprio, posto na posição de protagonista não apenas do seu relato, mas da história de continentes em conflito. O rancor e a ironia são direcionados a tudo e a todos, nem mesmo seus leitores escapam: "Ved así, lectores, auditores, penitentes, o lo que seáis al acercaros a mi tumba, cómo se toman decisiones cuando el tiempo urge y la historia ruge. Siempre pudo ocurrir exactamente lo

42 DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. **Historia verdadera de la conquista de la Nueva España**. Madrid: Alianza Editorial, 1989.

43 Disponível em: <https://dbe.rah.es/biografias/5343/jeronimo-de-aguilar/> Acesso em 23 de janeiro de 2022.

44 Na época da conquista, os tradutores eram chamados de "língua", tanto Jerónimo de Aguilar quanto Malinche eram denominados "a língua de Cortés".

contrario de lo que la crónica consigna. Siempre."⁴⁵

Aguilar não aceita ser esquecido, se coloca em posição superior a de testemunha privilegiada dos fatos, é autor (no mínimo, coautor) de acordos fundamentais, pois seu juízo se sobrepõe ao do seu senhor, ele opta por traduzir a seu modo, segundo seu ponto de vista, de início aparentemente em defesa do interesse espanhol: "y me descubro ante la posteridad y la muerte como un falsario, un traidor a mi capitán Cortés que en vez de hacer un ofrecimiento de paz al príncipe caído, lo hizo de crueldad, de opresión continuada y sin piedad, y de vergüenza eterna para el vencido"⁴⁶. O foco narrativo é conduzido a partir de uma posição de transcendência de onde manipula o tempo-espço, assim como, a caracterização das famosas personagens, em contraste com o constructo do discurso histórico oficial. Armado de seu especial trunfo/triunfo – a palavra – o narrador-protagonista conduz a narrativa ao centro de sua batalha final: revelar os sentidos ocultos, desfazendo os ditos e subvertendo as "verdades" consagradas, desconstrói a ilusão primeira, pois estava a serviço dos indígenas, é um tradutor-traidor confesso. O leitor é confundido através da insinuação inicial de que viveu em defesa da glória espanhola:

Me quiero despedir del mundo con **esta imagen del poder y la riqueza bien plantada en el fondo de la mirada**; cinco navíos bien abastecidos, gran número de soldados y muchos caballos y tiros y escopetas y ballestas, y todo género de armas, cargados hasta los mástiles y lastrados hasta las bodegas: ochenta mil pesos en oro y plata, joyas sin fin, y las recámaras enteras de Moctezuma y Guatemuz, los últimos reyes mexicanos. **Limpia operación de conquista**, justificada por el tesoro que un esforzado capitán al servicio de la Corona envía a Su Majestad, el rey Carlos. [...] **Mirad, sin embargo, lo que son las ironías de la historia.**⁴⁷

A ironia está em ter realizado em vida exatamente o contrário do enunciado no momento derradeiro: autor e cúmplice de um plano de traição elaborado com o amigo, um náufrago assimilado, Gonzalo Guerrero. Segundo Julio Ortega, a propósito da opção do intérprete, considera que a mesma:

reconstruye su lugar en nuestra lectura como si viviera otra vez su proyecto de traición: denunciar a Cortés ante los indígenas, pasarse al bando de los vencidos y, con Gonzalo Guerrero, convertidos en indígenas nuevos, suscitar la rebelión de la palabra liberadora, de su poder restaurador." [...] Este diálogo de Fuentes con el proyecto cultural de la traición propuesto por Juan Goytisolo, a quien está dedicado el relato, sugiere también el acto sedicioso de pasarse a la otra margen, al lugar del

45 FUENTES, Carlos. **El naranjo, o los círculos del tiempo**. México D.F.: Alfaguara, 1993, p. 13.

46 *Ibid.*, p. 18. Os grifos, que serão usados nos trechos selecionados dos contos, são nossos.

47 FUENTES, Carlos. **El naranjo, o los círculos del tiempo**. México D.F.: Alfaguara, 1993, p. 15.

otro.⁴⁸

A problemática da alteridade apontada por Ortega alcança a legitimidade com a qual a experiência do tradutor é desafiada constantemente: a da possibilidade da escolha e do peso da traição. O juízo é a grande questão, pois sempre dependerá da análise daqueles que se encontram nos extremos em tentativa de diálogo, no caso do fato histórico, mais que isso: em confronto/combate. Fuentes aceita o desafio e propõe "una cuenta al revés", subverte a narrativa histórica com o intuito de explorar outras possibilidades de construção de sentido. Jerónimo de Aguilar, liberto pela morte, refaz a própria sorte. Mas a ambiguidade não pode ser desfeita, já que a sentença depende dos olhos e da margem (*orilla*) do leitor: herói ou traidor? A história virada de ponta cabeça não desconstrói o dilema, mas o ilumina ao propor novo giro.

A narração desenvolvida em contagem regressiva desvela os episódios decisivos da vida de Aguilar e de sua empresa de conquista: 10) a morte e contextualização da vida e obra do defunto, como também, a desconsideração do cronista do reino; 9) o destino do ouro asteca, a cobiça e imoralidade europeia; 8) a queda da antiga capital mexicana, a desgraça do último imperador – Guatemuz – e a confissão de traição; 7) as caracterizações do conquistador Hernán Cortés e da Malinche; 6) a luta do tradutor-traidor em prol da vitória indígena e o fracasso de Moctezuma; 5) o embate entre as *línguas*: Aguilar *versus* Malinche; 4) a tragédia de Cholula; 3) a paixão por Malinche e o rancor por ter sido preterido; 2) o relato da sua chegada, o plano com o amigo Gonzalo Guerrero e a incorporação à companhia como intérprete entre as línguas espanhola e maia; 1) o exemplo da história maia: o cuidado com a terra, a permanência das palavras e o poder do mito original; 0) o triunfo através da imaginação mágica: a conquista da Espanha por Gonzalo Guerrero, liderando um exército maia.

Como um dos objetivos centrais deste trabalho é analisar de que forma os autores reapresentam personagens históricas, caracterizando-as em diálogo com as leituras que a contemporaneidade faz delas, nos cabe atenção especial às aparições presentes nesse primeiro relato. A primeira é a de um imperador-substituto: Guatemuz. Após o polêmico assassinato de

48 ORTEGA, Julio. "El naranjo, o los círculos del tiempo". **Revista de la Universidad de México**, n. 58, 2008, p. 30. Disponível em: <https://www.revistadelauniversidad.mx/articles/6d4073d9-c136-45ee-86ca-61e6c1b52177/el-naranjo-o-los-circulos-del-tiempo> Acesso em 21 de janeiro de 2022.

Moctezuma, é ele o soberano do espetacular império asteca. Aguilar dirige a ele a tradução de um discurso inventado na esperança de uma reação indígena, antes fracassada com o imperador morto. Como a verdade não funcionou com o primeiro, opta pela mentira como estratégia, anunciando um futuro de violência, humilhação e apagamento:

Añadí, **inventando por mi cuenta y burlándome de Cortés**: -No podrás caminar nunca más, pero me acompañarás en mis futuras conquistas, baldado y lloroso, como **símbolo de la continuidad y fuente de legitimidad para mi empresa**, cuyas banderas, bien altas, son oro y fama, poder y religión. **Traduje, traicioné, inventé**. En el acto se secó el llanto del Guatemuz y en vez de lágrimas, por una mejilla le rodó el oro y por la otra la plata, surcándolas como cuchilladas y dejando para siempre en ellas **una herida** que, ojalá, la muerte haya cicatrizado.⁴⁹

Guatemuz, entre o choque e o pranto, é a testemunha ludibriada, presa do engano na tentativa desesperada de impedir a destruição do seu mundo. Contraditoriamente, a partir da morte, o intérprete reconstrói a imagem do líder mexica - herói injustiçado, duplamente traído (pelo tradutor e pela história) é signo da ainda aberta ferida colonial: a exclusão da história.

Moctezuma é apresentado com as mesmas características apontadas por Tzvetan Todorov⁵⁰ em obra publicada uma década antes de *Naranja*. Todorov sustenta a debilidade do imperador em comunicar, assim como, de ler os signos do outro, em contraposição à capacidade/superioridade do conquistador Cortés com relação aos mesmos quesitos. Aguilar traduz um governante de natureza enigmática, incapaz de falar aos seus e, ainda mais grave, de ouvir e agir em defesa do povo asteca. O narrador o compara a uma "besta encurralada" em outro tempo – o da origem – considerando-o um "primeiro homem" ocupado em não sucumbir ante os deuses. A voz narrativa chega a questionar o entendimento do imperador sobre o poder que possuía, demonstrando certa indignação pela incompreensível inércia do mesmo: "Pues no eran joyas ni caricias lo que ahí se trocaba, sino palabras que podían darle más fuerza a Moctezuma que todos los caballos y arcabuces de los españoles, si el rey azteca, tan sólo, se decidiese a hablarles a los hombres, su pueblo, en vez de a los dioses, su panteón"⁵¹. Assim, a vaidade e a obsessão pela profecia produzem a incapacidade de ver, ouvir e impedir a aniquilação do império mexica. A traição operada através da verdade ofertada a Moctezuma pelo intérprete não surte o efeito desejado e o embusteiro admite sua própria

49 FUENTES, Carlos. **El naranjo, o los círculos del tiempo**. México D.F.: Alfaguara, 1993, p. 18.

50 TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo, Martins Fontes, 1993, p. 93.

51 FUENTES, Carlos. **El naranjo, o los círculos del tiempo**. México D.F.: Alfaguara, 1993, p. 27.

inferioridade: "odiándome a mí mismo por mi traición pero, sobre todo, por mi inferioridad en las artes del disimulo, la treta y la pausa, en la que excedían mis rivales, Cortés y La Malinche."⁵²

Hernán Cortés, o conquistador do México, é tecido com adjetivos contraditórios e posto em vestes comprometedoras: cobiça, crueldade, soberba e engenhosidade. Entre todas as características e comparações, se destaca a de dramaturgo, cujo dom teatral serve de instrumento central na empresa da conquista. As artimanhas de Cortés (o uso dos cavalos, canhões e da própria figura do deus retornado - Quetzalcóatl) servem de exemplo da sua habilidade em ler e usar o imaginário indígena em proveito próprio. O uso do mito (centauro); a farsa da deidade, logo, da imortalidade (enterrar os mortos de noite, assim como, esconder os cavalos mortos); são símbolos de um projeto de leitura e dominação do mundo do outro. A personagem representa uma espécie de síntese da identidade espanhola, primeiro herói moderno (logo, anti-herói):

Sólo confirmé, aquella noche de San Hipólito, **jugando el papel de lengua entre el conquistador y el vencido, el poder de las palabras cuando las impulsa**, como en este caso, la imaginación enemiga, la advertencia implícita en el sesgo crítico del verbo cuando es verdadero, y **el conocimiento que yo había adquirido del alma de mi capitán, Hernán Cortés**, mezcla deslumbrante de razón y quimera, de voluntad y flaquezas, de escepticismo y de candor fabuloso, de fortuna y mal hado, de gallardía y burlas, de virtud y maldad, pues **todo eso fue el hombre de Extremadura y conquistador de México**, a quien yo acompañé desde Yucatán hasta la corte de Moctezuma.⁵³

O rancor e a inveja de Aguilar, em razão do amor não correspondido por Malinche, os colocam em posição de rivalidade, acrescentando um elemento passional ao projeto de traição. À razão da arquitetura original (tão bem planejada com Gonzalo Guerrero), é somada a emoção de um triângulo amoroso que, mesmo sem ser consumado sexualmente, garante a dramaticidade do relato e lança a dúvida sobre a parcialidade de seu enunciator.

Segundo Aguilar, o último rei Guatemuz foi vítima de uma comédia cruel que ele inventou e tornou fatal com suas mentiras. No entanto, na sequência, se contradiz ao enunciar que "la culpable fue una mujer".⁵⁴ Temos, então, a antagonista mais importante do relato: Malinche. Antes de partir para a análise de sua reconfiguração na narrativa de Fuentes, uma

52 *Ibid.*, p. 27.

53 *Ibid.*, p. 19.

54 *Ibid.*, p. 19.

breve apresentação da personagem histórica.

Malintzin, mulher da nobreza asteca, foi dada como presente ao conquistador do México Hernán Cortés. Além de sua língua – o náhuatl - conhece a língua dos maias e também aprende o espanhol. Como tradutora e concubina de Cortés, colabora de forma decisiva para a vitória da conquista, fato que a transformou no mito da mulher-traidora. Convertida à fé cristã, foi batizada com o nome de Marina e teve um filho do conquistador, por quem foi abandonada depois da queda da capital asteca. Língua de Cortés, foi ela quem possibilitou ao conquistador o contato, o conhecimento e a interpretação da vida daqueles que ele pretendia conquistar. Ela assume a aliança com os espanhóis como possibilidade de estabelecimento de uma nova ordem, livre da presença de um governo que considerava opressor.

Em sua análise da conquista que promoveu o maior genocídio da história, Todorov comenta a importância de Malinche que, ao escolher o campo dos conquistadores, não se contenta em traduzir:

ela é, para começar, o primeiro exemplo, e por isso mesmo o símbolo, da mestiçagem das culturas; anuncia assim o Estado mexicano moderno e, mais ainda, o estado atual de todos nós [...] A Malinche glorifica a mistura em detrimento da pureza (asteca ou espanhola) e o papel de intermediário. Ela não se submete simplesmente ao outro[...] adota a ideologia do outro e a utiliza para compreender melhor sua própria cultura, o que é comprovado pela eficácia de seu comportamento (embora “compreender” sirva, neste caso, para “destruir”).⁵⁵

A análise de Todorov irá influenciar uma geração inteira de escritores e escritoras mexicanas. Muitos (como, por exemplo, Octavio Paz) irão aderir à leitura de uma mulher poderosa, capaz, mas raiz do mito da traição simbolizada na entrega sexual – a "chingada". No entanto, vozes da produção artística e da crítica se tornarão dissidentes, problematizando o mito e recuperando a importância de Malinche como signo de resistência e de luta por liberdade desde o seu próprio lugar de enunciação. Não é o caso de Fuentes, tampouco de Boullosa, que a colocaram de lado em suas obras, ambos reforçando a interpretação de Paz. Segundo Silviano Santiago, em sua obra *As raízes e o labirinto da América Latina*, na sua leitura da obra de Octavio Paz, diz a propósito de Malinche:

A rachadura feminina, que marca a gênese da amaldiçoada nação mexicana nos anos

55 TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo, Martins Fontes, 1993, p. 98.

1500, se confunde com o *pecado original* e tem sua semântica controlada por ele. A pesar de a princesa Malintzin ter sido oferecida pela sua tribo ao conquistador em sinal de paz, a tradição esquece o detalhe, para impor a imagem dela como signo de desobediência e de traição aos comandos dos deuses da antiga nação asteca. Por isso, a punição divina acompanhará para sempre o destino do México e dos seus filhos como marca maldita – em suma, é a marca da Malinche a ferida que nunca cicatriza. Todos os filhos da Malinche, todos os mexicanos, todos os *criollos* (mazombos, em português) trazem à vista dos observadores a ferida original como lembrança da entrega sexual da índia ao conquistador espanhol, do massacre do seu povo e da destruição da cultura milenar. Todos trazem à vista a ferida, mas só a *mulher* a exhibe. Só ela carrega às costas a realidade da rachadura inicial, ou seja, da desobediência e da traição ao povo indígena.⁵⁶

Como vemos acima, a *praxis* erótica não se restringe ao campo da produção literária e ao discurso historiográfico, também motiva a crítica. No entanto, vale ressaltar a comparação feita pelo crítico com o pecado original, tal como sua análise do peso e medida atribuídos à mulher no mito da traição e a conseqüente destruição do cosmo primordial.

Inicialmente, o narrador-defunto apresenta a indígena como “la segunda lengua del conquistador, una princesa esclava de Tabasco bautizada doña Marina”.⁵⁷ À capacidade de interpretar velozmente, ele vai agregando novas e importantes qualidades, decisivas para o projeto conquistador: ela preveniu o capitão de um levantamento de mexicanos em Veracruz; entregou a Cortés o segredo da debilidade asteca; convenceu Moctezuma a deixar-se levar como prisioneiro pelos espanhóis, demonstrando sua capacidade intelectual, sua afronta às regras de conduta do império asteca e, principalmente, seu impressionante poder de articulação:

Una mujer indígena como él, Marina, **fue quien en realidad lo venció desde su tierra, aunque con dos lenguas. Fue ella la que le reveló a Cortés que el imperio azteca estaba dividido**, los pueblos sujetos a Moctezuma lo odiaban, pero también se odiaban entre sí y los españoles podían pescar en el río revuelto; fue ella la que entendió el secreto que unía a nuestras dos tierras, **el odio fratricida, la división**, ya lo dije: **dos países, cada uno muriéndose de la otra mitad**...⁵⁸

Malinche é a grande rival de Aguilar, embora tenham em comum a função de língua e um projeto ideológico de conquista, atuam com objetivos e perspectivas em conflito. Suas forças trabalham juntas, ambos têm acesso e influência entre os protagonistas do embate, mas, na releitura de Fuentes, estão em lados opostos:

56 SANTIAGO, Silvano. *As raízes e o labirinto da América Latina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006, p. 164-165.

57 FUENTES, Carlos. *El naranjo, o los círculos del tiempo*. México D.F.: Alfaguara, 1993, p. 23.

58 *Ibid.*, p. 30.

Cortés escuchaba a Marina no sólo como lengua, sino como amante. Y **como lengua y amante, prestaba atención a las voces humanas de esta tierra**. Moctezuma sólo escuchaba a los dioses; yo no lo era. [...] **Yo, que también poseía las dos voces, las de Europa y América, había sido derrotado. Pues tenía también dos patrias; y ésta, quizás, fue mi debilidad más que mi fuerza.** Marina, La Malinche, acarrea el dolor y el rencor profundos, pero también la esperanza, de su estado; tuvo que jugarse toda entera para salvar la vida y tener descendencia. **Su arma fue la misma que la mía: la lengua. Pero yo me encontraba dividido entre España y el Nuevo mundo. Yo conocía las dos orillas. Marina no; pudo entregarse entera al Nuevo Mundo, no a su pasado sometido, cierto, sino a su futuro ambiguo, incierto y por ello, invicto.** Acaso merecí mi derrota. No pude salvar, contándole un secreto, una verdad, una infidencia, al pobre rey de mi patria adoptiva, México.⁵⁹

Aguilar é um indivíduo cindido na fronteira entre dois mundos, por vezes contraditório e perdido entre as margens apartadas. Ele sofre da dupla consciência, se reconhece como dividido. O confronto ganha dramaticidade trágica no episódio do massacre de Cholula, que entrou para a história como "La Noche Triste"⁶⁰. É o palco do embate entre "as línguas" (Aguilar e Malinche) dispostas a provar o poder da palavra e fazer prevalecer sua aposta no futuro, ele sai derrotado:

aturdido por todo ello, digo, me di cuenta de que Jerónimo de Aguilar ya no hacía falta, la **hembra diabólica** lo estaba traduciendo todo, la tal Marina **hideputa y puta ella misma** había aprendido a hablar el español, la **malandrina**, la **mohatrerera**, la **experta en mamonas**, la **coima** del conquistador, **me había arrebatado mi singularidad profesional, mi insustituible función**, vamos, por acuñar un vocablo, mi *monopolio* de la lengua castellana... **La Malinche le había arrancado la lengua española al sexo de Cortés, se la había chupado**, se la había *castrado* sin que él lo supiera, confundiendo la mutilación con el placer...⁶¹

O estereótipo com que é vestida a mulher indígena pela cultura do conquistador (*puta, hembra diabólica, barragana*) aparece em composição com o fetichismo que o olhar europeu lança no corpo do outro (indígena). Toda a capacidade intelectual, que o narrador expressa em diversos momentos do relato, é desconsiderada pela tese da vitória apoiada na intimidade carnal: a mulher vence o embate porque dorme com o conquistador. Percebemos por esse e outros detalhes que, ainda que diga defender a causa indígena, o tradutor espanhol acaba por deixar evidente sua mirada eurocêntrica (racista, machista). De acordo com Bhabha,

59 FUENTES, Carlos. **El naranjo, o los círculos del tiempo**. México D.F.: Alfaguara, 1993, p. 31.

60 Batalha sangrenta entre espanhóis e indígenas ocorrida no dia 30 de junho de 1520 em Tenochtitlán, antiga capital do império asteca, no contexto da Conquista do México. Segundo a lenda, após a batalha, o conquistador Hernán Cortés teria sentado debaixo de uma árvore e chorado por seus soldados mortos.

61 FUENTES, Carlos. **El naranjo, o los círculos del tiempo**. México D.F.: Alfaguara, 1993, p. 34.

A construção do discurso colonial é então uma articulação complexa dos tropos do fetichismo - a metáfora e a metonímia - e as formas de identificação narcísica e agressiva disponíveis para o imaginário. O discurso racial estereotipado é uma estratégia de quatro termos. Há uma amarração entre a função metafórica ou mascaradora do fetiche e o objeto-escolha narcísico e uma aliança oposta entre a figuração metonímica da falta e a fase agressiva do imaginário. Um repertório de posições conflituosas constitui o sujeito no discurso colonial.⁶²

Henrique Dussel⁶³, falando de Malinche, afirma que a colonização do mundo da vida opera uma *praxis erótica* (assim como, pedagógica, cultural, política, econômica) de domínio dos corpos: “el conquistador, un ego violento y guerrero moderno naciente, era además un ‘ego fálico’ [...] La violencia erótica vino simplemente a mostrar la colonización del mundo de la vida indígena”. Para o filósofo⁶⁴, essa sexualidade masculina, opressora, alienante, injusta, instaura a dupla moral do machismo: dominação sexual da índia e respeito puramente aparente da mulher europeia. Essa relação fetichista não se restringe ao corpo da mulher indígena, segundo o autor, a corporalidade do homem indígena, explorada pelo trabalho, é imolada e transformada em ouro e prata, valor morto da objetivação do trabalho vivo: “lo que era oro y plata en Europa, dinero del capital naciente, era muerte y desolación en América”.⁶⁵ Esta última consideração também nos interessa pelo símbolo que acompanha o vencido herói indígena Guatemuz no relato de Aguilar, seus olhos – um de ouro, outro de prata.

Outro elemento importante trazido pelo relato é o da *conquista espiritual*. Segundo Dussel, a *praxis* conquistadora foi fundada no desígnio divino: "Cortés, por su parte, como Descartes después, necesitarán de Dios para salir del encierro del ego".⁶⁶ A necessidade de um critério absoluto, que pudesse dar significado à oferta da vida pela empresa conquistadora, opera o controle do imaginário a partir de uma nova compreensão religiosa do mundo da vida: a necessária incorporação do indígena ao novo sistema. O relato de Aguilar sinaliza esse processo: "No quedó en Cholula ídolo de pie ni altar incólume. Los 365 adoratorios indios fueron encalados para desterrar a los demonios y dedicados a 365 santos,

62 BHABHA, Homi. “A outra questão: O estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo”. In: BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Trad. Myriam Ávila. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2005, p. 119.

63 DUSSEL, Enrique. **1492, El encubrimiento del otro** – Obras Selectas XVIII. Buenos Aires: Docencia, 2012, p. 62. As oito conferências de Dussel, que compõem essa edição de 2012, foram realizadas no período de outubro a dezembro de 1992 a convite da Johann Wolfgang Goethe Universität de Frankfurt.

64 *Ibid.*, Conferencia 3, p. 64.

65 *Ibid.*, p. 65.

66 *Ibid.*, p. 68.

vírgenes y mártires de nuestro santoral, pasando para siempre al servicio de Dios Nuestro Señor".⁶⁷ A conquista espiritual de Malinche ficou a cargo de Aguilar. Um cruel Cortés, ciente do amor deste por sua *língua* e concubina, o encarrega da conversão da mesma à religião cristã. De alguma forma, ele sai vitorioso, ainda que não seja a glória pretendida.

Curiosa a escolha do título do conto/relato – *Las dos orillas*, já que o importante nele não são as margens, mas o papel que joga aquele que se encontra no meio do caminho, como intérprete de dois mundos profundamente diversos, destinado a possibilitar o encontro, mas impulsionado pelo desejo contrário. Mas, como já vimos anteriormente, Aguilar está dividido entre as duas. De acordo com seu juízo final, sua *desdicha* é compartilhar enfim o mesmo fracasso que acompanha a todos os "fantasmas" do processo histórico:

No nos engañemos; **nadie salió ileso de esas empresas de descubrimiento y conquista**, ni los vencidos, que vieron la destrucción de su mundo, ni los vencedores, que jamás alcanzaron la satisfacción total de sus ambiciones, antes sufrieron injusticias y desencantos sin fin. Ambos debieron **construir un nuevo mundo a partir de la derrota compartida**⁶⁸. Eso lo sé yo porque ya me morí; no lo sabía muy bien el cronista de Medina del Campo al escribir su fabulosa historia, y **de allí que le sobre memoria, pero le falte imaginación**.⁶⁹

Apesar da confissão de derrota, o narrador parece sinalizar, contraditoriamente, o êxito de sua empresa de conquista particular: a língua. A consideração entre parênteses aparece no meio do relato e chama a atenção do leitor atento: "(Me quedo corto: la lengua era más que la dignidad, era el poder; y más que el poder, era la vida misma que animaba mis propósitos, mi propia empresa de descubrimiento, único, sorprendente, irrepitible...)"⁷⁰. Fuentes parece construir, ao longo dos cinco relatos de sua obra, a tese (um tanto utópica e eurocentrada) de que a língua é uma espécie de bem/espólio da conquista, único caminho para uma possível conciliação futura no poder compartilhado da palavra. Aguilar é quem primeiro planta a semente da laranjeira em solo mexicano, em Yucatán. O fruto-símbolo desta árvore representa a concepção de tempo cíclico, que irá reaparecer em cada relato, como elo entre espaços-tempos diversos que se encaram, interrogando a palavra "presente":

un **perpetuo reinicio de historias perpetuamente inacabadas**, pero **sólo a condición de que las presida**, como en el cuento maya de los Dioses y de la Tierra,

67 FUENTES, Carlos. *El naranjo, o los círculos del tiempo*. México D.F.: Alfaguara, 1993, p. 38.

68 Grifo nosso.

69 FUENTES, Carlos. *El naranjo, o los círculos del tiempo*. México D.F.: Alfaguara, 1993, pp. 12-13.

70 *Ibid.*, p. 36.

la palabra. Ésa es quizás **la verdadera estrella que cruza el mar y hermana a las dos orillas.** [...] Y la palabra se despliega, en el aire de escamas, en la tierra de plumas, como una sola pregunta: **¿Cuánto faltará para que llegue el presente?** Gemela de Dios, gemela del hombre: sobre la laguna de México, cabe el río de Sevilla, se abren al mismo tiempo los párpados del Sol y los de la Luna. **Nuestros rostros están rayados por el fuego, pero al mismo tiempo nuestras lenguas están surcadas por la memoria y el deseo. Las palabras viven en las dos orillas. Y no cicatrizan.**⁷¹

Aguilar perde a batalha pessoal que trava com Malinche, mas a sua língua é a que vence a luta perene - contra o tempo - que possibilitará a outra conquista colonial: a do espírito indígena: "Los españoles matamos algo más que el poder indio: matamos la magia que lo rodeaba. Moctezuma no luchó. Guatemuz se batió como un héroe, sea dicho en su honor"⁷². A mentira de Aguilar resgata o heroísmo do vencido, assim como, constrói imagens de rebeldia, cobiça, traição e vingança, revelando o paradoxo de possíveis "verdades" contraditórias. Sobretudo, parece uma tentativa de trazer de volta à vida o tesouro perdido pela violência e negado pela História - o pensamento mágico do outro: "Lo que sí quise fue frustrar el designio fatal, si tal cosa existía, mediante las palabras, la imaginación, la mentira. Pero cuando palabra, imaginación y mentira se confunden, su producto es la verdad..."⁷³. É inevitável a comparação do trabalho do tradutor com aquele realizado pelo autor deste e dos outros quatro relatos que constroem essa viagem pela história americana e espanhola, como mais um espelhismo da circularidade do tempo em Fuentes, tema presente desde a primeira epígrafe da narrativa que abre a obra⁷⁴.

2.2. O embate pelo espólio da conquista: o desejo de posse

Los hijos del conquistador, segundo dos cinco relatos que compõem a obra *El Naranja*, o *los círculos del tiempo*, se apresenta como uma narrativa estruturada a partir de um embate dialógico entre dois herdeiros do conquistador do México Hernán Cortés: Martín 2º e Martín 1º (nessa ordem, adiante entenderemos o porquê)⁷⁵. O tecido narrativo se constrói pela disputa

71 *Ibid.*, pp. 59-60.

72 *Ibid.*, p. 17.

73 FUENTES, Carlos. **El naranja, o los círculos del tiempo**. México D.F.: Alfaguara, 1993, p. 28.

74 "Como los planetas en sus órbitas, el mundo de las ideas tiende a la circularidad", Amos Oz, *Amor tardío*.

75 Nos trechos selecionados da obra, utilizo as abreviaturas M2, para Martín 2; e M1, para Martín 1. Seguindo a lógica dialógica do texto, apresento os discursos em forma de embate, por essa razão, a seleção

entre forças sociais pertencentes a posições ideológicas opostas – a do irmão colonizado *versus* a do irmão colonizador, onde percebemos os usos da linguagem nos seus contextos sociais de legitimação na luta pelo espólio (simbólico e material), cada qual reivindicando seu direito (M2 - à memória; e M1 - ao capital). A definição do gênero é complexa, pois encontramos características que vão da crônica histórica ao relato e até mesmo à epístola, essa indefinição é usada pelo autor para problematizar e ironizar uma outra batalha, que se desdobra em um duplo de papel, entre os constructos da Literatura e da História, forças potentes e muitas vezes divergentes na disputa pelo poder de recordar. Portanto, *valor*, *direito* e *propriedade* são os eixos desse confronto. Os enunciados entre as personagens protagonistas do relato aparecem em posição de constante confronto. Já na abertura do mesmo, fica evidente o conflito entre os discursos e os índices axiológicos contraditórios ocupando a arena do *signo ideológico*, os irmãos se apresentam:

Doce hijos tuvo mi padre, el conquistador de México, Hernán Cortés. [...] También de la Zúñiga nació mi hermano Martín Cortés, nombrado como yo y con quien compartí no sólo el nombre, sino la suerte. [...] **Mucha carne abarcó nuestro padre**, tanta como tierra conquistó. Al rey vencido, Moctezuma, le arrebató una hija preferida [...] Con una mujer anónima, tuvo a un niño llamado “Amadorcico”, al que nos dijo que quiso mucho y luego olvidó, muerto o abandonado en México. [...] **Yo soy el primer Martín, hijo bastardo de mi padre y de doña Marina mi madre india, la llamada Malinche, la intérprete sin la cual nada habría ganado Cortés.** Mi padre nos abandonó cuando cayó México y mi madre ya no le sirvió para conquistar, antes le estorbó para reinar. **Crecí lejos de mi padre**, entregada mi madre al soldado Juan Xaramillo. La vi morir de viruela en 1527. **Mi padre me legitimó en 1529. Soy el primogénito, mas no el heredero.** Debí ser Martín Primero, pero sólo soy Martín Segundo. (M2)⁷⁶

Tres Catalinas, dos Marías, dos Leonores, dos Luises y dos Martínez: Nuestro padre no tenía demasiada imaginación para bautizar a sus hijos, y esto, a veces, conlleva gran confusión. **El otro Martín, mi hermano mayor el hijo de la india**, se solaza en el relato de las dificultades que tuvimos. Yo prefiero recordar los buenos momentos, y ninguno mejor que mi regreso a México, **la tierra conquistada por mi padre para N.S. el Rey.** Pero vamos por partes. **Nací en Cuernavaca en 1532.** Soy producto del accidentado viaje de **mi** padre a España en 1528, a donde fue, por primera vez después de la Conquista, a casarse y a reclamar los derechos que la administración colonial quería negarle mediante juicio instigado por los envidiosos [...] En **pleitos y expediciones igualmente vanos se desgastó a partir de entonces mi padre** [...] ¿El fruto último de la Conquista de México iba a ser un remate de colchones y cacerolas viejas? **Decidí regresar a México a reclamar mi herencia.** (M1)⁷⁷

frequentemente apresentará citações duplas.

76 FUENTES, Carlos. **El naranjo, o los círculos del tiempo**. México D.F.: Alfaguara, 1993, p. 63-64.

77 *Ibid.*, pp. 64-66.

Como podemos ver acima, desde o início está clara a relação dialógica entre os irmãos, assim como, as diferenças na interpretação do fato histórico. O filho bastardo – Martín 2 (M2) faz a descrição detalhada da descendência (legitimada, ainda que tardiamente) de um pai promíscuo, salientando a presença determinante da mãe indígena na empresa da conquista e deixando marcada tanto sua primogenitura quanto o abandono paterno. O herdeiro legítimo – Martín 1 (M1) despersionaliza os irmãos (que também têm direitos na herança) e opta por lembrar as glórias do pai conquistador, deixando claro que volta ao México para cobrar “sua” herança. Os processos de classificação (“o filho da índia”) e despersonificação (a repetição dos nomes dos filhos) operados no discurso do filho/herdeiro europeu de Cortés denuncia os traços da colonialidade do poder na sua forma de relacionar-se com o(s) outro(s): (1) o racismo, construído a partir das diferenças entre conquistadores e conquistados (no caso, os filhos mestiços, estabelecendo uma naturalização da situação de inferioridade desses); (2) a concentração de poder através da espoliação e do controle dos recursos e produtos da conquista paterna e do foco na apropriação desse capital.

Quanto à linguagem, é significativo o uso dos possessivos: enquanto M2 usa o “*nosso pai*”, M1 usa o “*meu pai*”. Segundo Volóchinov, “Essa cadeia da criação e da compreensão ideológica, que vai de um signo a outro e depois para um novo signo, é única e ininterrupta [...] pois o signo surge apenas no processo de interação *entre* consciências individuais”.⁷⁸ O sujeito contemporâneo, leitor a quem se destina esse relato, compreende a partir de seu contexto histórico-social-cultural a cadeia ideológica que se instaura no discurso romanesco e o desafia a recuperar discursos outros, a observar a disputa a partir da reconstrução do autor e a construir o seu próprio signo renovado/reatualizado. M1 usurpa o direito dos demais herdeiros, inclusive da própria mãe, opta pela concentração da riqueza, sendo incapaz de admitir os direitos alheios. M2 está mais interessado na possibilidade de uma revolução (a independência mexicana) que nos bens materiais do pai, no entanto, em razão do seu complexo de inferioridade, não se sente capaz de fazer a transformação por conta própria, espera pelo protagonismo do irmão, que não acontece. M1 conspira contra o rei, mas não vai adiante, perde o giro do tempo e sua inércia determina a prisão dos dois, assim como, a probabilidade da instauração de um novo (e interminável) julgamento, repetindo o destino do pai. Os filhos herdeiros do conquistador terminam fracassados em seus projetos individuais,

78 VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem (1929). São Paulo: Editora 34, 2018, p. 95.

ambos derrotados em empresas falidas, vencidos pela estratégia equivocada: agir somente por si, desmobilizados pela insegurança e pela incompreensão. O direito à propriedade é usurpado pela força centralizadora do poder: a Coroa, que faz o mesmo quanto à liberdade e à memória cultural. M1 desconsidera o último pedido do pai no leito de morte: libertar os índios e devolver-lhes as terras. Percebemos aí um traço significativo na reconfiguração da personagem histórica de Hernán Cortés e no ideário utópico de Fuentes.

A questão da alteridade é, provavelmente, a mais relevante no desenvolvimento do relato. O diálogo entre o *eu* e o *outro* é o que o constitui como base, como signo ideológico, como proposta de releitura do constructo histórico a partir de uma perspectiva diferente: lúdica (no sentido de apresentar-se como jogo discursivo), dialógica, carnavalizada. Ele se sustenta também na reavaliação - do mito, dos símbolos e do duplo - que povoa a narrativa do princípio ao fim. Segundo Mello, a literatura tem uma vocação especial para tematizar o duplo, com o próprio autor desdobrando-se em narrador e, através de seus personagens, liberando partes aprisionadas de si mesmo, que estão sob a máscara de um Eu particular, fixo no molde da personalidade. Mello usa como exemplo as narrativas de viagens, nas quais "o encontro de outras culturas, com seus modos de ver e conceber a vida, põe em questão valores do viajante"⁷⁹, pois é na alteridade que o eu descobre faces inusitadas de si.

O imaginário nasce do embate do eu e o mundo, o símbolo mostra-se como um elemento multifacetado que dá vazão ao questionamento da identidade americana, da problemática da mestiçagem e de um intento de reencontrar-se com a sua face oculta ou apagada. Nessa variação histórica e cultural da atualização do tema em Fuentes, a experiência do duplo (os dois "Martins", principalmente, mas também o par pai-filho ou o mãe-filho, os discursos da história e da literatura, o México e a Espanha etc.) opera uma transformação, transcende o estereótipo da culpabilidade por si só. A busca pela compreensão do reflexo segue seu curso, vivemos o conflito com o espelho no percurso da palavra reconquistada, onde passado, presente e futuro se fundem sob a forma de uma angustiante pergunta: quem sou/somos passados quinhentos anos desse singular (des)encontro?

O mais surpreendente na reconfiguração de Fuentes, quanto à questão do duplo, é o fato de M1 (o filho legítimo) não aceitar nenhuma proximidade ou semelhança com o irmão, apesar de ter o mesmo pai e o mesmo nome. Ele não aceita a outra face, só se vê entre os

79 MELLO, Ana Maria Lisboa de. "As faces do duplo na literatura". In: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo. **Discurso, memória, identidade**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000, p. 123.

iguais (o pai, o fidalgo Alonso), produzindo um falso (no mínimo, superficial) espelhamento. Enquanto M2 parece produzir o que Bakhtin chama de *excedente de visão*, tem a capacidade de ver o outro e se enxergar a partir dele. No entanto, furioso por ter sido apontado de “segundón”, também por inveja da relação íntima/amorosa do irmão com o fidalgo, ironiza e questiona sua atitude de entregar tudo o que os inimigos queriam: motivos de sobra para acusá-lo (M1) de traição. Segundo Volóchinov⁸⁰, a forma da ironia é condicionada por um conflito social: o encontro de duas avaliações encarnadas em uma voz, bem como a sua interferência e alternância:

Hago **un esfuerzo por congraciarme contigo**, hermano Martín. Acepto que por razones distintas, pero al cabo comunes, los dos tenemos **algo que hacer juntos**. Más vale hacerlo de buena voluntad, digo yo, como buenos cuates. **No me importa que dejes de tutearme y me reagues a la tercera persona**. Mira: para **halagarte**, yo mismo contaré la manera como regresaste a México, a los treinta años de edad, en el año 1562" [...] Nadie más seductor, sin embargo, que **Alonso de Ávila** [...] Intimaron Martín y Alonso; juntos organizaron los brindis y las mascaradas; entre ellos se admiraron, como hidalgos jóvenes y ricos que se sorprenden a veces (como más de una vez los sorprendí **yo, desde las sombras**) admirándose entre sí más que a las mujeres que cortejaban; pujando por ganarse a una dama hermosa sólo para imaginarla en brazos del otro; culeando los muy cabrones para imaginarse **cada uno en el lugar del otro**; así **de cerca se unieron** Alonso de Ávila y Martín Cortés (M2)⁸¹

¿Quién no vio en mí **a mi padre vuelto a nacer**, gozando ahora de los frutos bienhabidos de la Conquista? [...] Ya sé lo que vas a decir. Tú, Martín Cortés **el segundón, el mestizo, el hijo de las sombras**. Sin ti, nada podía yo en esta tierra. **Te necesitaba a ti, hijo de La Malinche, para cumplir mi destino en México**. ¡Qué desgracia, desgraciado hermano: **necesitarte a ti, el menos seductor de los hombres!** [...] Alonso y yo, **herederos reales de la Nueva España**, por ser hijos de los conquistadores, respetuosos del virrey muerto y del virrey por venir, aunque no de la mediocre Audiencia, decidimos mantener viva la alegría, el lujo, y **los derechos de la descendencia** en estas tierras conquistadas por nuestros padres. [...] Murió el Virrey, pero **yo tuve mellizos** y sentí que éste era motivo de regocijo para dejar atrás el luto del Virrey y mostrarle a la Audiencia quiénes éramos **los verdaderos dueños de la Nueva España**. Quiere mi hermano que lo cuente: le doy ese gusto. (M1)⁸²

É significativo que a insinuação feita por M2 sobre a ligação sexual ilícita de M1 e Alonso apareça em uma mescla de ciúmes, inveja e machismo por parte do irmão bastardo e mestiço. Ao longo da narrativa, vemos que essa é talvez a única marca de humanidade/amorosidade do

80 "A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica" (1926). In: VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 141.

81 FUENTES, Carlos. **El naranjo, o los círculos del tiempo**. México D.F.: Alfaguara, 1993, pp. 91 e 96.

82 *Ibid.*, pp. 95 e 98.

filho legítimo, quando vê o amado sendo executado por mando da Audiência: “¿qué nos faltó Alonso, qué nos faltó decirnos, hacernos?”(M1)⁸³.

O heterodiscurso dialogizado se evidencia na pluralidade de discursos (Literatura, História, Direito, Religião, Sociologia), assim como, na diversidade de linguagens (no caso, principalmente, das línguas espanhola e náhuatl, mas também do árabe e das inúmeras línguas indígenas da América), presenças intercaladas e participantes do diálogo social. Os oito dias de festa pelo nascimento dos netos (gêmeos) do conquistador, muito bem planejados na inconsequente atitude dos poderosos fidalgos legítimos (Martín Cortés e Alonso de Ávila) com o único objetivo de afrontar a Audiência (principal órgão de justiça Real) na figura de seu ouvidor. Martín 2, o bastardo, fica indignado, pois deseja/planeja uma revolução (a tomada do poder pelas mãos do filho legítimo de Cortés, seu irmão). No entanto, a festança desmascara o projeto, pois os amigos fidalgos decidem fazer a dramatização do encontro de Cortés e Montezuma. No fim, a *carnevalização* do passado projetando o futuro alerta a todos, principalmente a Audiência Real. Enquanto M1 se diverte, repleto de luxo e soberba, M2 (de penetra, também disfarçado) observa o movimento das pessoas do povo e dos descendentes da antiga nobreza asteca, agora humilhada, mendicante. A transformação das línguas, das personagens e da própria paisagem o submergem em uma ação reflexiva de espanto e interrogação sobre o futuro. Nesse momento, fica clara a presença da voz do autor e seu tempo:

¿Cómo reconquistarte a ti? ¿Cómo llamaré a nuestro tiempo próximo: reconquista, contraconquista, anticonquista, retroconquista, cuauhtemoconquista, preconquista, cacaconquista? ¿Qué haré con ella, con quien la liaré, en nombre de quién, para quién? ¿Mi madre Malinche, sin la cual mi padre no habría conquistado nada? Espada de Damocles, pedernal de Cuauhtémoc, estilete de los Austrias. (M2)⁸⁴

O debate incessante de ênfases de posições ideológicas diversas da existência, determinado histórico-socialmente, reavalia, altera o sentido. O uso da metáfora convoca todas as forças, inclusive a do leitor, frente ao dilema:

Entre la gente, en las barbacoas, las pulquerías, junto a los que fabricaban equipales y amasaban tortillas y cargaban ollas de aguas frescas; junto a canales y las pocilgas y los merenderos, oyendo **el nuevo lenguaje secreto que se fraguaba entre el náhuatl y el español** [...] los secretos suspiros de este que **ayer era sacerdote y ahora viejo mendigo cacarañado**, de éste que **era tan hijo del príncipe azteca**

83 *Ibid.*, p. 118.

84 *Ibid.*, p. 89.

como yo y mi hermano de conquistador español, pero él cargaba sacos de leña de casa en casa, y mi hermano bautizaba a sus gemelos en la catedral, pero el hijo y los nietos de Cuauhtémoc entraban de rodillas a la misma catedral, con cabezas gachas y los escapularios como cadenas arrastradas por la mano invisible de los tres dioses del cristianismo, padre, hijo y espíritu santo [...] Me paseo de noche, entre los fuegos de las hachas encendidas para celebrar a los descendientes criollos de mi putaño e insaciable padre, preguntándome por mi propia sangre, mi propia ascendencia, y mi descendencia también, ¿cuál será?(M2)⁸⁵

Cree que no sé leer sus razones. Cualquiera que vive aquí las comprende. Quiere vengar a su madre. Me seduce convenciéndome de que yo debo vengar a mi padre. **No nos unen las venganzas**, pues. Va más allá. **Me recuerda que nuestro padre acabó por amar a México más que a España, consideró que México era su tierra y aquí quiso regresar a morir.** España, el tiempo, los papeles, la perversidad oficial, le negaron esta voluntad. Quizás, alega mi hermano, se temía la presencia de nuestro padre en México. **El largo proceso legal en realidad fue un exilio.** [...] **Hernán Cortés quiso salvar a los templos indios; los franciscanos se lo impidieron.** El Rey vio en el humanismo de nuestro padre lo que más temía: **el gobierno irrestricto de los conquistadores.** Su capricho. Su insolencia. [...] Joder, que **mi resentimiento no es el suyo y mi secreto él no lo comparte.** (M1)⁸⁶

Já vimos o funcionamento da carnavalesação no discurso no episódio da representação do encontro original do conquistador com o imperador asteca. No entanto, o recurso é tão importante na obra que não podemos deixar de ressaltá-lo na seleção de mais alguns trechos:

Nunca se vio a un Capitán de las Indias regresar con tanta gloria, y toda pagada por él mismo, que no por la Corona [...] con una comitiva de ochenta personas traídas de México [...] **nobles, indios, cirqueros, enanos, albinos y muchos criados, además de los colibríes, guacamayas y quetzales, auras y guajolotes, plantas del desierto, tigrillos, joyas y códices ilustrados,** que mi padre trajo en dos naves, alquilando mulas y carrozas para subir de Andalucía a Castilla, donde se inclinó ante la tumba de su padre, mi abuelo, en cuyo honor yo fui nombrado, y besó la mano de su madre viuda, Catalina Pizarro, madre de un conquistador y tía de otro (M1)⁸⁷

Los vi allí en las fiestas con que mi hermano celebraba su progenie, **los vi inventándose un color, una lengua, un dios, tres en vez de mil,** ¿cuál lengua? [...] ¿cuál Dios, espejo de humo o espíritu santo, serpiente emplumada o Cristo crucificado, pedernal o cruz?, ¿cuál Madre de Dios, Tonantzín o Guadalupe?, ¿cuál lengua, si española: Guadalupe misma, Guadalquivir, Guadarrama, alberca, azotea, acequia, alcoba, almohada, alcázar, alcachofa, limón, naranja, ojalá?, ¿cuál lengua, si náhuatl: seri, pima, totonaca, zapoteca, maya, huichol? (M2)⁸⁸

O discurso do relato dessacraliza não apenas a legitimidade dos documentos oficiais (da História, do Direito), mas também desconstrói o discurso falacioso da homogeneidade e

85 *Ibid.*, pp. 88 e 89.

86 *Ibid.*, pp. 94 e 95.

87 *Ibid.*, p. 71.

88 *Ibid.*, p. 88.

unidade da Igreja e da Língua. Os constructos discursivos que operam a centralização do poder nos níveis do histórico, do jurídico, do religioso e, inclusive, do linguístico – da cultura como um todo - orquestram uma grande farsa. Fazendo o movimento contrário, os enunciados do relato denunciam o processo de hibridização, o procedimento é um recurso capaz de refratar o reflexo da palavra da vida no discurso do relato, recheado de réplicas e/em vozes dissonantes.

A avaliação social aparece em cada tentativa – em uma espécie de turno de fala - de vencer pela palavra. O leitor contemporâneo (do discurso histórico e do literário) reconhece as formações discursivas em conflito, pois o signo ideológico tem natureza social. Fuentes resgata os constructos histórico e sociocultural nas experiências desses dois filhos do conquistador, promovendo um novo encontro, que acaba por denunciar um profundo desencontro (entre seres, culturas, histórias, tempos, vozes) dado sob o signo da disputa a partir de horizontes sociais diferentes, que se olham com certa admiração, mas também desconfiança, pois conhecem e carregam o peso de um presente/passado (ou passado/presente, dependendo de que perspectiva se observe) de violência. O horizonte social distinto determina as ênfases valorativas diversas dos irmãos, os interesses individuais não chegam a um acordo coletivo:

Se lo digo y casi me ahorca, me trata de envidioso, hijo de puta, **su dinero él lo tiene sin condiciones, como hombre libre**. Esto me gritó y yo le digo con **mi voz opaca, siempre obsequiosa, melancólicamente aflautada**, entonces demuéstalo, **haz lo que ellos más temen...**(M2)⁸⁹

Quiere que me olvide de mi existencia, de honores y placeres. No se da cuenta de que **eso a mí me basta. No pretendo gobernar esta tierra**. Que la gobiernen otros y **mientras más mediocres sean, más me envidiarán**. ¿qué tiene de malo? (M1)⁹⁰

No entanto, o autor parece precisar de uma espécie de sonho utópico de comunhão. Então, bem no meio da batalha, propõe uma momentânea trégua, há uma parte do relato intitulada “Los dos Martines”: um encontro presencial entre os dois, visto que estão (e assim estiveram, desde o início do relato) ambos no México. Aparentemente, o tema social da conversa – imersos na natureza exuberante do Vale do México - é a rebelião contra a Coroa, mas também falam da relação que cada um tem com a sua respectiva mãe, próxima no caso de M2 e distante no de M1 (o exato oposto da relação paterna). As histórias e as vozes aos

89 *Ibid.*, p. 90.

90 *Ibid.*, p. 93.

poucos se fundem e já não é possível ter certeza de quem é a voz que diz:

Ayer lo llevé (me llevó mi hermano el mestizo) a lo alto de Chapultepec y allí le enseñé (me enseñó) la belleza de este Valle de México. La **hermosura de este Valle** es que **vuelve tangible un espejismo**. Las distancias se mudan gracias al engaño de las montañas y el llano. **Lo distante parece próximo, y muy lejano lo que tenemos a la mano**. [...] contemplamos **los dos hermanos** una mañana y luego una tarde, **me dice a mí**, que lo que cuenta es el poder de la tierra, no sobre las cosas [...] Haz lo que tu padre no hizo. **Mira la tierra y recuerda**. No fue Hernán Cortés el único en verla por primera vez. [...] **No está solo**. **Nuestro padre nunca estuvo solo**. [...] Metemos las manos, los dos Martines, en ese vientre abierto, nos embarramos de sangre hasta los codos, **removemos las tripas y las vísceras de la ciudad de México** y no sabemos separar las joyas del lodo [...] Entonces surge del fondo de la laguna, inesperadamente, **un coro de voces** que al principio no acertamos, los dos hermanos, a distinguir...Una canta en náhuatl, otra en castellano, pero **acaban por fundirse** [...] Se funden las voces para cantar juntas el paso fugaz de la vida; se pregunta si en vano hemos venido, pasamos por la tierra [...] **tendremos**, dice la voz náhuatl, **que ir al lugar del misterio** (Los dos Martines)⁹¹

Como vemos, somente através de um jogo de “espejismos” esse encontro é possível. Esse fenômeno óptico também é chamado de miragem, formando diferentes tipos de imagens na atmosfera (inclusive podendo ser fotografado), ocorre devido às propriedades de refração da luz. Fuentes usa o recurso para mostrar como o constructo literário tem liberdade, não está regulado pelas mesmas convenções do discurso totalizante da História, pode, como o fez, juntar os irmãos e promover uma ilusória/transitória comunhão. Bakhtin⁹² afirma que as personagens de Dostoiévski são movidas por um sonho utópico de fundação de alguma comunidade de seres humanos fora das formas sociais existentes. Fuentes também “brinca de Deus”, cria seu breve paraíso no solo do México, colocando os dois irmãos unidos a manipular o corpo da cidade, como crianças que se aventuram em fantasias de heroísmo. Segundo Ordiz,

La necesidad de una transformación en el devenir de la Historia que traiga consigo una regeneración moral y unas bases nuevas y diferentes para la convivencia entre los seres humanos es pues, a tenor de lo visto, la idea principal que se desprende de los diferentes mitos y figuraciones simbólicas que comparecen en la narrativa de Carlos Fuentes. El novelista expresa de forma clara estas convicciones en su extensa obra ensayística, donde va desgranando los conceptos principales de esa suerte de humanismo utópico que nutre su pensamiento. En sus obras teóricas el escritor defiende, entre otras cosas, la riqueza del mestizaje por encima de planteamientos nacionalistas o xenófobos, aboga por la desaparición de fronteras y pasaportes e insiste en la necesaria cooperación entre pueblos y culturas –hermanados todos ellos en una historia de fracasos- para alcanzar un régimen de igualdad y respeto mutuo

91 *Ibid.*, p. 90-93.

92 BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal** (1979). Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.

donde no existan explotadores (chingones) ni explotados (chingados).⁹³

Antes de chegar ao fim da análise, é preciso falar da potência da palavra como acontecimento social. Fuentes se apropria do dialogismo bakhtiniano como instrumento adequado para a abertura de uma nova temporalidade: a concretização de um passado histórico “em aberto”, que não cessa:

No quiero ser mártir. **Prefiero la farsa a un proceso interminable que nos desgaste por igual a mis jueces y a mí.** Me voy de México, como me lo piden. Quieren tenerme tranquilo. Está bien. **Me voy y dejo mis bienes a cargo de mi hermano mayor, el hijo de la india.** (M1)⁹⁴

Mi piel es un campo. Mis arrugas y mis venas son campos arados, accidentes del terreno. **Mis huesos son piedras.** Las líneas de mi palma son **piel, campo y papel.** **Tierra escrita, tierra doliente y sensible como una piel, inflamable como un códice [...]** **Estoy harto del espectáculo de la muerte.** No sé qué significa el nacimiento de un país. (M2)⁹⁵

O Círculo de Bakhtin construiu, a partir da lógica do ato ético e responsivo, participante do fluxo dinâmico-social da interação discursiva na constituição do *eu* pela alteridade, todo um instrumental teórico para se pensar as relações dialógicas do ser no mundo. A ação responsiva do constructo literário entra no jogo, como qualquer criação humana, está situada, reflete e refrata a partir do seu lugar. Carlos Fuentes faz uso desse conhecimento e, com ele, ultrapassa o estereótipo, problematizando a questão das identidades atravessadas pela colonialidade.

Finalmente, a narrativa estruturada a partir de uma perspectiva dialógica desempenha o trabalho de elevar a voz que fala da margem, dos discursos sempre colocados em suspeição pela autoridade eurocêntrica. Vemos aí a comprovação da vontade de subversão do literário, da qual falava no início desta pesquisa. O escritor propõe um jogo discursivo em que se arrisca a questionar a cristalização do sentido e o embate declarado pelo domínio do mesmo, afinal, *Martín 2* (o bastardo, o mestiço) não só começa como termina o relato, portanto, tem uma fala a mais que o irmão herdeiro. Vemos aí uma provocação à crítica (tanto a de lá quanto

93 ORDIZ, Francisco Javier. “Mito e identidad en la obra de Carlos Fuentes.” Ponencia presentada en las Jornadas de Literatura, Crítica y Medios: perspectivas 2003, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Católica Argentina. Buenos Aires, 2003, p. 7-8. Disponível em: <http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/ponencias/mito-e-identidadfuentes.pdf> Acesso em 25 de janeiro de 2022.

94 FUENTES, Carlos. **El naranjo, o los círculos del tiempo.** México D.F.: Alfaguara, 1993, p. 111.

95 *Ibid.*, p. 112.

a de cá) na leitura e criação de uma outra imagem da conquista, ressignificada no novo encontro de culturas, realidades, temporalidades diversas. M2 e M1 são irmãos que se desencontram, personagens na fronteira entre dois mundos, testemunhas de um espaço-tempo brutal.

2.3. Utopias de recordação e desejo: fragmentos de uma invenção

O conto "Las dos Américas" é o último da obra *El Naranja*, que termina com o relato da chegada de um naufrago, único sobrevivente de uma expedição que sai da Espanha com três caravelas e que termina com um batel. O capitão se salva da sublevação e da morte, desembarcando completamente só em uma praia de areias brancas e água cristalina. Seu primeiro ato carrega a simbologia em que sua empresa representará: "Cruzo dos palos viejos e invoco el sacrificio y la bendición. Reclamo la tierra en nombre de los Reyes Católicos que jamás podrán pie en ella".⁹⁶

Fuentes constrói a imagem de um menino italiano sonhador, com grande imaginação e sede de aventura, voraz devorador das tetas da mãe, que representam o próprio mundo. Depois apresenta ao leitor o jovem empreendedor que, para alcançar seus objetivos, precisa deixar sua terra natal, Gênova, e fazer sua formação na aberta e promissora Lisboa:

Por eso me trasladé a Lisboa, pues **en la capital portuguesa se congregaban todos los aventureros, soñadores, comerciantes, prestamistas, alquimistas e inventores de mundos nuevos**. Allí, **podía ser uno entre muchos y serlo todo** mientras aprendía lo que, sin duda, me faltaba aprender para abrazar al mundo redondo, agarrar al universo de las tetas y chuparle los pezones hasta dejarlo sin gota de leche. **Tuve un caro aprendizaje.**⁹⁷

Como podemos observar no trecho acima, o fetichismo com que essas personagens históricas são configuradas na obra de Fuentes opera uma *praxis* erótica de desejo de contato, controle e posse de um território metaforicamente identificado com o corpo feminino. O símbolo maior da obra – o "naranja" (a laranja) – é signo de tempo, mas também de desejo:

En el naranja, se reúnen mis más inmediatos placeres sensuales – miro, toco, pelo,

96 *Ibid.*, p. 229.

97 *Ibid.*, p. 232.

muerdo, trago – pero también la sensación más antigua: mi madre, las nodrizas, las tetas, la esfera, el mundo, el huevo... Mas si deseo que mi historia personal tenga resonancia colectiva, debo ir más allá de la teta-naranja.⁹⁸

O primeiro olhar do naufrago se dirige à natureza, a mirada comparativa coloca em evidência a exuberância e a pureza desse novo mundo:

La blanca playa. El abrupto silencio, **tan lejos de los aturridos rumores de Génova y Lisboa**. Las suaves brisas y **el tiempo como en abril en Andalucía**. La pureza del aire, sin uno solo de los malos olores que son la plaga de los atestados puertos del Mar Tirreno. Aquí, sólo las bandadas de papagayos oscurecen el cielo. Y **en las arenas de la playa no encuentro la mierda, la basura, los paños sangrantes, las moscas y las ratas de todas las ciudades europeas**, sino albos confines de pureza, **perlas** tan numerosas como las arenas mismas, **tortugas parturientas**, y detrás de la playa, en formaciones sucesivas, **la selva tupida de palmeras junto al mar** y luego, en ascenso hacia las montañas, **macizos conjuntos de pinares, robles y madroños**, que es una gloria mirarlos. Y en la cima del mundo, **una altísima montaña coronada de nieve, dominando al universo y salvada, me atrevo a decirlo, de las furias del diluvio universal. He llegado, qué duda cabe, al Paraíso.**⁹⁹

A descrição dos homens e mulheres do povo que o acolheu e cuidou, ainda que não tão minuciosa e encantada quanto a do entorno natural, demonstram o olhar atento e admirado, salientando que eles são pacíficos e vivem de forma regular e feliz. Alguns detalhes da vida social são destacados: andam nus; dormem em redes; constroem embarcações belas e úteis; se comunicam com os povos de outras ilhas.

Passadas as descrições iniciais, da terra e do povo, e recuperadas as etapas da vida do "descobridor", o narrador-protagonista traz à tona a grande questão do relato: contar ou não aos reis o que ele havia encontrado? A apresentação do dilema, assim como, do talento de Colombo para persuadir sua nobre audiência com promessas de riqueza e assombro, é seguida pela confissão de um pecado atroz: ter feito parte de uma expedição de tráfico negreiro. Essa experiência desonrosa, em sociedade com a nobreza e o clero, é que dará mais dramaticidade ao impasse em que se encontra: "Había llegado a la Edad de Oro. Abracé al buen salvaje. ¿Iba a revelar su existencia a los europeos? ¿Iba a librar a estos pueblos dulces, desnudos, sin malicia, a la esclavitud y la muerte?"¹⁰⁰

O marinheiro do relato de Fuentes opta por calar, pelo "silêncio absoluto". A estratégia

98 *Ibid.*, p. 243.

99 *Ibid.*, p. 230.

100 *Ibid.*, p. 236.

que usa é a do engano, mente sobre a própria origem, cria o seu mito pessoal – o estrangeiro: "sembré confusiones minuciosas, [...] Todo lo disfracé [...] Arrojá al mar la botella de la fábula [...]".¹⁰¹ O próprio espaço parece favorecê-lo, pois a ilha apresenta uma particularidade aparentemente oportuna:

Todo lo disfracé, sin embargo, con un nombre que escuché aquí y la naturaleza que le atribuí. **El nombre era Antilia. La naturaleza, intermitente.** La isla de Antilia **aparecía y desaparecía de la vista.** Un día el sol la revelaba; al siguiente, la bruma la esfumaba. Flotaba un día, se hundía al siguiente. **Tangible espejismo, fugaz realidad, entre el sueño y la vigilia esta tierra de Antilia sólo era visible, al cabo, para quien primero fuese capaz, como yo de niño, de imaginarla.**¹⁰²

Como nos contos/relatos anteriores, aqui também a interpretação potencializada pela capacidade da imaginação, o poder de criar realidades inventadas – miragens – motiva o seguir adiante e potencializa as sobreposições de tempos, espaços e personagens diversos, mas em relação. A ilusão, o sonho, o engano (mentira, ficção) produzem mundos possíveis, que nos permitem enxergar e compreender em profundidade aquele habitualmente tomado como o real ou verdadeiro.

A construção identitária também aqui aparece como o eixo da narração, a necessidade de desconstruir os estereótipos criados a seu respeito em todas as cortes da Europa: mentiroso, falador, suspeito. Segundo Stam¹⁰³, o estereótipo é uma espécie de "atalho mental": "um instrumento pela qual as pessoas caracterizam, de maneira necessariamente esquemática, outro grupo com o qual estão parcialmente familiarizados". O pesquisador salienta que, numa situação de dominação racial, ele possui a função de controle social, racionalizando e justificando as vantagens dos detentores do poder social. É muito interessante a forma como o narrador apresenta os estereótipos que os habitantes das diferentes regiões italianas têm uns dos outros:

A los **genoveses** no se nos toma muy en serio. En Italia hay grados diversos de la seriedad. Los **florentinos** consideran que los genoveses no somos dignos de crédito. Ellos, en cambio, se ven a sí mismos como nación de gente sobria, calculadora y con buena cabeza para los negocios. Pero los ciudadanos de Ferrara ven a los florentinos como gente sórdida, siniestra, avara, llena de engaño y treta para obtener sus fines y justificarlos con cualquier medio. Los **ferrarenses** prefieren ser fijos y aristocráticos como un medallón clásico, inmutable y refinado. De tan superiores que son (o se sienten) no hacen nada para no desmentir la efigie de su nobleza, y pronto caen en la

101 *Ibid.*, pp. 237-8.

102 *Ibid.*, p. 238.

103 STAM, Robert. "Os potenciais da Polifonia: Reflexões sobre Raça e Representação". In: **Multiculturalismo Tropical**. São Paulo: EdUSP, 2008, p. 456.

desesperación y el suicidio. **De manera que si los de Ferrara desdennan a los de Florencia y éstos a los de Génova, a nosotros no nos queda más recurso que despreciar a los napolitanos gritones, mugrosos, frívolos, y los napolitanos no tienen otro remedio que echarle basura a los sicilianos, torvos, asesinos, deshonestos.**¹⁰⁴

O curioso é que essa relação de alteridade parta de cidadãos que compartilham um mesmo espaço geográfico "nacional" (embora, na época, o Estado-Nação não estivesse formado) e expressões culturais em permanente contato, ainda assim, em redundante contradição e conflito. Também observamos, no recorte citado acima, as bases em que se fundam a perspectiva eurocêntrica: o **dualismo**, o **complexo de superioridade** e o **desprezo pelo diferente**. Os processos de **separação** e de **naturalização**¹⁰⁵ do ser constroem essa visão estereotipada do outro. Dessa forma, percebemos como Fuentes aponta as raízes do pensamento eurocêntrico e sua forma de tratar a alteridade.

O Colombo reconfigurado por Fuentes já não é um colonizador, ele tem aptidões para a ciência e as artes e opta, consciente, pela ocultação do seu “achado”. Ele não acredita estar diante de um povo bárbaro, aliás, reflete exatamente a ideia contrária. Segundo Coutinho,

O argumento mais falso da colonização era que estavam implantando a civilização contra a barbárie. Em nome dessa noção tudo se permitia: o massacre das populações aborígenes, a imposição fiscal, a espoliação econômica, o aniquilamento geográfico. A colonização significou exploração, e nenhuma nação europeia e colonizadora ficou com as mãos limpas nesse sistema de conquista e domínio.¹⁰⁶

Como podemos observar, o protagonista do relato de Fuentes não defende nem promove a lógica apontada por Coutinho. No entanto, ironicamente, será o representante do oriente, tão imaginado e sonhado pelo marinheiro, quem a repetirá no futuro-presente.

O embate com o outro não-europeu vai acrescentar camadas significativas nessa incapacidade de aceitação da diferença. Segundo Dussel, a “conquista” é um processo militar, prático, violento, que inclui dialeticamente o Outro como “o Mesmo”¹⁰⁷. O outro é privado da própria história em razão dessa necessidade própria do eurocentrismo de negá-la:

104 FUENTES, Carlos. **El naranjo, o los círculos del tiempo**. México D.F.: Alfaguara, 1993, pp. 231-232.

105 Processos basilares na leitura e crítica decolonial da Modernidade e seus mecanismos/estratégias de controle e dominação.

106 COUTINHO, Afrânio. **O processo de descolonização literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, p. 12.

107 DUSSEL, Enrique. **1492, El encubrimiento del otro** – Obras Selectas XVIII. Buenos Aires: Docencia, 2012, p. 52.

El paraíso, sí. Pues en él **permanecía, liberado sobre todo de la horrible necesidad de explicarles a los europeos una realidad diferente, una historia inexplicable para ellos. ¿Cómo va a entender Europa que hay una historia distinta de la que ella hizo o aprendió? Una segunda historia? ¿Cómo van a aceptar los europeos que el presente es no sólo el heredero del pasado sino el origen del futuro?** Qué responsabilidad tan atroz. Nadie la toleraría. Menos que nadie, yo.¹⁰⁸

Fuentes nos apresenta um Colombo eterno, experiente, viajado e ciente da *colonialidade do saber* imposta pelo domínio europeu. A sapiência da personagem faz com que ela esconda sua origem sefardi, novamente revelando os laços históricos entre povos em confronto e a forma como o europeu se coloca diante das relações de alteridade. A experiência da expulsão da península ibérica motiva o desejo de encontrar um paraíso perdido, onde a vida encontre a dádiva da leveza, simplicidade e pureza de um mundo novo. Antilia é esse lugar idílico e o bem-aventurado náufrago, o seu guardião. No entanto, o desejo se inscreve nos signos da memória (a chave da casa paterna; a prece familiar) na esperança de um futuro retorno:

Mas **si deseo que mi historia personal tenga resonancia colectiva**, debo ir más allá de la teta-naranja a los dos objetos de la memoria que celosamente traigo conmigo desde siempre. **La llave de la casa ancestral** de mis padres **en la judería de Toledo** es uno. Arrojadlos de España por la persecución, **jamás perdimos la lengua castellana ni la llave del hogar**. Ha pasado de mano en mano. Nunca ha sido una llave fría, pese el metal de su factura. Demasiadas palmas, yemas, dedos, uñas judías la han mimado. La otra cosa es **una plegaria**. Todos los sefardíes españoles viajamos con ella y la clavamos a la puerta de nuestro armario. Yo hago lo mismo en Antilia. [...] Allí he clavado **la oración de los judíos emigrados** y dice así: Madre España, **has sido cruel con tus hijos israelitas**. Nos ha perseguido y expulsado. Hemos dejado atrás nuestras casas, nuestras tierras, **no nuestros recuerdos**. Mas **a pesar de tu crueldad, te amamos, España, y a ti anhelamos regresar**. Un día **tú recibirás a tus hijos errantes, les abrirá los brazos, pedirás perdón**, reconocerás nuestra fidelidad a tu tierra. Regresaremos a nuestras casas. Ésta es la llave. Ésta es la oración.¹⁰⁹

Diferente da forma como era recebido na Europa (nas mais diversas cortes europeias), em Antilia ele encontra uma recepção sincera e acolhedora: “Los hombres y mujeres de mi nuevo mundo saben cuidar la tierra. Se los digo a cada rato, y por ello me veneran y protegen, aunque no sea Dios”¹¹⁰. Nessa terra nova, que como homem de ciência devia

108 FUENTES, Carlos. **El naranjo, o los círculos del tiempo**. México D.F.: Alfaguara, 1993, pp. 239-40.

109 *Ibid.*, p. 243.

110 *Ibid.*, p. 242.

admitir, mas como homem político devia ocultar, o marinheiro – em paz com a natureza - faz o que melhor sabe: contemplar e gozar. No entanto, nem mesmo a natureza intermitente da ilha (que aparecia e desaparecia da vista) é capaz de impedir a chegada de um outro estrangeiro, um japonês: o senhor Nomura. Com ele, um exército de advogados e empreendedores dispostos a fazer de Antilia a Meca do turismo mundial:

-No se preocupe. Colabore con el equipo. **Colabore** con la corporación. **No se pregunte** quién va a ser el dueño de todo esto. **Nadie. Confie en nosotros:** Sus nativos van a vivir mejor que nunca. Y el mundo va a agradecerle el Último, el Supremo, **el Más Exclusivo Lugar de Recreo del Planeta, el Nuevo Mundo,** la Playa Encantada donde Usted y sus Hijos pueden Dejar Atrás la Polución, el Crimen, la Decadencia Urbana, y Gozar a sus Anchas de una Tierra sin Contaminación, PARAÍSO INC.¹¹¹

A colonização da ilha encantada não transforma apenas a natureza, mas também seu “protetor”, que acaba isolado e temeroso. Em uma noite indeterminada, uma jovem mulher alemã, esbelta e de cor de mel (erotizada, nova representante das míticas tetas maternas) – Ute Pinkernail – a mensageira de uma verdade enunciada ao pé do ouvido:

somos seis mil millones de seres en el planeta, **las grandes ciudades del oriente y del occidente están a punto de desaparecer, la asfixia, la basura, la plaga las sepultan, te han engañado,** tu paraíso es el último desagadero de nuestras ciudades sin luz, estrechas, hacinadas, mendicantes, sin techo, por donde deambulan asaltantes, locos, multitudes que hablan solas, ratas escurridas, perros en manadas salvajes, migrañas, fiebre, mareos: **ciudad en ruinas,** sumergida en las aguas negras, para muchos; **otra ciudad inaccesible,** en las alturas, para muy pocos y **tu isla es sólo la alcantarilla final, has cumplido tu destino, has esclavizado y exterminado a tu pueblo...**¹¹²

A sentença “*vivir en el paraíso es vivir sin consecuencias*” lançada na metade da narrativa é repetida ao final, parecendo um letreiro da ilha da fantasia ou um alerta vermelho para o futuro do planeta, logo após Ute Pinkernail ser metralhada pelos samurais da corporação.

Além de constituir o caráter mítico e misterioso de Antilia, a relatividade do espaço-tempo é que permite o salto para o futuro de um Colombo no século XXI (o Colombo San) em um novo e contraditório encontro com o "outro" (Japão), que dessa vez vem até ele. Fuentes relê os diários do Colombo histórico e o conduz a uma viagem no tempo, recolocando-o ficcionalizado no presente. Ao contrário do que sugere a sentença citada acima,

111 *Ibid.*, p. 248.

112 *Ibid.*, pp. 250-51.

ele está ciente do passado e das consequências da sua "descoberta" para o futuro, embora sua atitude final seja abandonar a ilha, optando pelo regresso à Espanha. De acordo com Ceballos,

El marinero genovés real busca en el Nuevo Mundo las referencias del mundo que sólo conocía a través de las descripciones de los libros de viajes (Marco Polo, Carta de Toscanelli, Séneca, etc.). El marinero ficcional, al contrario, sabe que ha descubierto un nuevo territorio y que para ello se ha dejado llevar por su imaginación, es decir, por sus lecturas y por su deseo (pasión, apetencia, anhelo). [...] Exactamente ésta es la receta que Fuentes mismo adopta en su relato. La imaginación dicta la interpretación que él hace de la situación actual de América.¹¹³

A crítica ao processo de globalização representada pela PARAÍSO INC. é o ponto de chegada, como uma grande ironia do desejo humano de descobrir que leva ao de dominar e destruir – Eros e Tânatos – pulsão de vida e de morte: “¿Qué se creía, que iba a mantener su paraíso apartado de las leyes del progreso para siempre? Dése cuenta de que manteniendo un paraíso, usted sólo estaba multiplicando el deseo universal de invadirlo y aprovecharlo”.¹¹⁴

O título “Las dos Américas” também parece sugerir o abismo existente entre o Norte e o Sul e as consequências, sobretudo a desigualdade, do capitalismo para as duas metades dessa laranja chamada América. Ou ainda, a América inventada do/pelo exterior (Europa, principalmente) e a imaginada a partir da experiência do seu interior. Apesar de todas as potencialidades que esse relato propõe sobre as relações entre o passado, o presente e o futuro das Américas (e, de certa forma, do mundo todo), o outro não tem uma voz própria, é visto como mais um elemento da natureza, como uma espécie de guardião ou servidor que protege um bem precioso e em risco. Antes de morrer, ele pede para voltar à Espanha, recebe a permissão e regressa em um voo da Iberia, tratado como uma relíquia venerável: “Cristóbal Colón que regresa a España después de quinientos años de ausencia. Había perdido toda la noción del tiempo y del espacio. Ahora, desde el cielo, los recupero”.¹¹⁵ Mesmo passados cinco séculos, a perspectiva eurocêntrica, relida por Fuentes, segue vendo o outro como “o mesmo” (Dussel).

Como podemos observar na análise dos três relatos selecionados da obra *El naranjo: o los círculos del tiempo*, a viagem de Carlos Fuentes no rastro dos conquistadores envolveu um

113 CEBALLOS, René. "Las dos Américas: Re-Descubrimiento del Nuevo Mundo". Revista *Atenea*, n. 496, 2007, p. 67-79 (pp. 73-4). Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-04622007000200005 Acesso em 16 de maio de 2022.

114 FUENTES, Carlos. *El naranjo, o los círculos del tiempo*. México D.F.: Alfaguara, 1993, p. 251.

115 *Ibid.*, p. 252.

diálogo entre as histórias da Espanha e da América, contrastando figuras e polêmicas constituidoras de identidades plurais forjadas em períodos de desencontros, dissensões e violências. Nesse contexto, foram privilegiadas as experiências do conquistador e dos intermediários, salientando a importância da subjetividade na atualização dos discursos (histórico e literário). A língua aparece como elemento integrador, bem imaterial comum e veículo da imaginação literária, cuja função primordial é a de reinventar a história e a própria linguagem que reconfigura os mitos fundacionais e transforma as identidades construídas por eles. A luta pela posse do discurso perturba, na narrativa literária, a ordem estabelecida pela historiografia da Conquista, reorganizando personagens centrais e controversas no resgate das memórias em conflito dos herdeiros desta. O jogo mnemônico da literatura de Fuentes opera a possibilidade de retorno do invasor/"descobridor" no futuro, construindo uma imagem distópica de um paraíso dupla e novamente perdido na insensibilidade na relação com o outro e com a natureza. Os entraves da comunicabilidade e da incomunicabilidade – entre personagens, destinos e espaços-tempos diversos – se repetem nas vozes narrativas, que tentam explicar o processo histórico e uma espécie de sina identitária de contenda e incompreensão.

3. A AUTÓPSIA DE UMA INFÂMIA: O RESGATE DE UM CORPO HISTÓRICO DA MEMÓRIA DO FRACASSO

Carmen Boullosa nasceu na Cidade do México em 1954. Seu trabalho como poeta, romancista, roteirista, ensaísta e dramaturga a tornou uma das escritoras mais reconhecidas no atual contexto da literatura mexicana. Formada em Letras Hispánicas pela Universidad Autónoma de México, constrói uma atividade acadêmica que atravessa fronteiras, ela ganha bolsas de estudos e trabalha em universidades renomadas em diversos países: México, Alemanha, EUA, França. Até o momento, publicou dezoito romances, nove compilações de poesia, três livros de ensaios e três volumes de obras de teatro. Sua obra já foi traduzida em doze idiomas e sua escrita aborda temas relacionados ao feminino, ao masculino, ao sagrado, à vida e à morte, à infância, revelando especial interesse pelos laços entre história e ficção e suas ressonâncias na memória coletiva.

Os silêncios da História levaram Boullosa a dar vida ao romance *Llanto: novelas imposibles*¹¹⁶, publicado em 1992 pela editora Era. Neste capítulo, analisaremos a citada obra, questionando-nos sobre a importância da reconfiguração de Moctezuma (figura consagrada pela História como signo de traição e fracasso) na escrita boullosiana.

3.1. O retorno finissecular do Tlatoani

Llanto conta a história da reaparição de Moctezuma Xocoyotzin no Parque Hundido, na Cidade do México, em 1989, onde é resgatado por três amigas que voltam para casa depois de uma noite de festa. Entre elas, Laura, que se intriga com o raro homem e decide levá-lo para si. Além dos signos encontrados pelas mulheres e que o representam, o próprio desconhecido se apresenta como o último Tlatoani¹¹⁷ asteca. Durante o passeio de carro pelo centro histórico da cidade, Moctezuma não reconhece a cidade antiga e se espanta com as novidades tecnológicas da cidade moderna. Enquanto sofre com os efeitos desse novo nascimento – dor, pranto, surpresa – se deixa conduzir pelo trio até a casa de Laura e pena o

116 BOULLOSA, Carmen. **Llanto: novelas imposibles**. México D. F.: Ediciones Era, 1992.

117 A palavra tlatoani deriva da língua nahuatl, significa "pessoa que fala", assim era chamado o governante asteca.

absurdo de não ser reconhecido pelos governantes com a honra e o poder que lhe seriam devidos. As amigas realizam uma tentativa de comprovação da identidade, através dos objetos históricos e de uma conversa por telefone com um renomado historiador, que acaba por revelar-se vã com a desapareição do indígena e de Laura depois de uma relação sexual, dissolvidos em partículas. Paralela a essa espécie de eixo narrativo, temos uma outra história: as interferências de uma personagem-escritor/a (ora escritor, ora escritora) que produz uma metanarrativa que tem como centro a tese sobre a impossibilidade da escrita de um romance sobre a vida e morte de Moctezuma. Vozes estranhas/intrusas também reclamam seu direito de contar a história e, avulsas entre as histórias das personagens, páginas de documentos históricos relacionados à conquista do México, mais precisamente, à polêmica morte do imperador.

Dada a evidente fragmentação do romance, observável já no índice da obra, como também na pluralidade das vozes narrativas e nos planos de histórias paralelas, torna-se significativa a análise do primeiro capítulo - "La aparición" - como uma espécie de reivindicação ao direito à memória mexicana, impossibilitada pela ambígua e contraditória morte - dupla e infame - do último imperador asteca. O ressurgimento de Moctezuma parece orientar-se ao desejo de que ele fale por conta e risco da própria vida, mas sobretudo de sua morte, desconstruindo as estratégias de seus assassinos e a falácia de uma falsa morte dramatizada.

Tudo se inicia com a aparição de um formigueiro habitado por incontáveis mulheres que, no mesmo instante em que surgem em forma de mulher como botões de carne, se desfazem em cinza, em um pó fino que depois viajará como um vento rasteiro ao longo de toda a trama. O corpo ressurgido de Moctezuma se constitui dos elementos básicos da natureza e sua forma é fixada pelo pranto: "Él, cuya sustancia arraigó en el llanto, nació entonces de la risa del cielo. Si nacer es eso, retornar."¹¹⁸ As aparições das mulheres e de Moctezuma possibilitam o retorno dos deuses, antes imaginados mortos.

O despertar dele é penoso, dolorido e confuso, mas o que se segue é "una estampida de imágenes" através da qual uma narrativa fortemente poética reconstrói um tempo-espaço outro: o da experiência asteca dos anos que antecedem a conquista. Assim, se recupera a memória de Moctezuma: o passeio com sua comitiva pelos manguezais; o poema de sua

118 *Ibid.*, p. 13.

favorita; os presentes (prisioneiros) dos guerreiros ao imperador; a primeira vez que viu o mar; os presságios sobre sua boa saúde; os sacrifícios dos jovens nobres; as brincadeiras de criança; o encontro com o cachorro que o ajudará no momento de cruzar ao mundo dos mortos. Entre os flashes aparentemente desconexos de memória, percebemos a configuração da subjetividade de uma personagem singular e da cosmovisão indígena em que ela se conforma. O relato de um sonho ganha destaque nesse resgate de vida: Moctezuma sonha, caminhando pelo mercado como um homem qualquer, com a queda da cidade. Também recorda um outro sonho, muito antigo, em que um homem rubro, enorme e brilhante, se aproxima:

Recuerda lo hermoso que lo percibió a la distancia y se acrecienta el desagrado. El hombre verdura cocida, el hombre puerco de monte, saca una daga de sus ropajes y lo toma por el cuello; no puede verlo, sólo siente su brazo bajo la barbilla y la daga empujando las carnes bajo su ombligo, en la espalda, entre sus nalgas. El hombre que él creyó ver brillante en la distancia **lo mata y permite que su sangre corra en la tierra, alimente a los malos seres** que la chupan bajo el piso para que la devoren. Ceba a la noche con su sangre; **el que él creyó admirable a la distancia es sólo un ser despreciable, es un bicho despreciable.**¹¹⁹

A partir da recordação do sonho que revela sua morte, as lembranças de Moctezuma se conectam aos presságios da queda, revelando a cosmovisão indígena do mundo sobre o fim da ordem que o sustentava e do homem que a representava no diálogo com os deuses. Nesse contexto, aparece o argumento central do tecido narrativo: o questionamento sobre um assassinato infame, resultando na morte sem honra e na profanação do corpo do imperador:

¿Por qué dejan regar su sangre al piso? **Por qué lo matan encajándole una daga entre los intestinos, por qué dejan entero su cuerpo, como engaño de que estuviera vivo**, a quién quieren engañar, **qué destino le espera en la muerte con una forma de muerte así, muerto a manos sucias**, muerto por el miedo **de los cobardes inmundos** que lo rodean, de los **mentirosos**, de los **ebrios**, **de los que no tienen sabiduría en sus lenguas ni en sus manos**, muerto a medias, con el cuerpo entero, un cascarón de vida, el corazón vaciado miserablemente.¹²⁰

Ao reconfigurar uma personagem a partir da alteridade indígena, reafirmando a diferença de sua cosmovisão, a potência poética de suas línguas e linguagens, a leitura final sobre a natureza desse outro invasor, a experiência da dominação e destruição de antigos códigos e ritos nativos, Boullosa produz um movimento de descolonização (do poder, do

119 *Ibid.*, p. 21. São nossos todos os grifos dos trechos selecionados da obra.

120 *Ibid.*, p. 23.

saber e do ser) em sua escritura. O tema central denuncia as estratégias conduzidas pela matriz colonial de poder/saber, apontando o horizonte de uma transformação que conta com o fazer literário. Segundo Paola Madrid Moctezuma, a morte de Moctezuma é um dos temas mais complexos do discurso historiográfico sobre a conquista:

En el esfuerzo por derribar tópicos sobre Moctezuma la autora insiste en un momento fundamental de su historia para contradecir la versión que Cortés expone en la segunda carta de relación: la muerte del Tlatoani. Este tema es uno de los más espinosos de la conquista ya que existen dos versiones opuestas: por un lado, aquellas que sostienen que Moctezuma murió a causa de la pedrada que el pueblo le asestó: dentro de este grupo está la versión de Cortés, la de Gómara, quien afirma que la piedra no iba dirigida a Moctezuma sino a los españoles, pero los aztecas no alcanzaron a reconocer el rostro del emperador ya que la tapaba un escudo; Cervantes de Salazar y Bernal, por su parte, sostienen que la piedra desde el principio iba dirigida a él pero la muerte se debió al estado de aflicción del propio Moctezuma; por otra parte, la versión de las fuentes indígenas, como la de los Códices Ramírez, interpreta que Moctezuma fue asesinado por los soldados españoles por mandato de Cortés, mediante una puñalada en la parte baja de su cuerpo para que cuando lo sacaran ante su pueblo este no se percatara de la herida. Es la versión que apoyan Las Casas, Durán y Acosta, entre otros y la que plantea Boullosa a lo largo de la novela como alternativa a la que tradicionalmente la historia de los conquistadores ha proclamado.¹²¹

Carmen Boullosa, ao tomar uma das personagens mais controversas da história do México e da Modernidade, realiza em *LLanto* uma leitura decolonial da conquista. Através do resgate do imperador caído – pivô do fracasso e, de certa forma, da fratura exposta na identidade ameríndia - ela opera a desconstrução da "verdade" consagrada pela historiografia oficial, optando pela visão dos vencidos na escolha do sujeito da enunciação e na interpretação do polêmico tema da morte como questão fundamental. Com seu movimento, a literatura reclama a autópsia do crime símbolo, memória necessária da violência e apagamento exercidas sobre um corpo não apenas discursivo, mas histórico; não só metafísico, mas físico. Notamos, sobretudo no desenvolvimento do relato/lembrança da morte, a necessidade da configuração de um novo corpo ao sujeito histórico. Este exerce o direito à memória e é portador de uma bagagem subjetiva, que acaba por humanizá-lo, dessacralizando o discurso histórico, revelando o processo (próprio da matriz colonial do poder) de naturalização das diferenças culturais entre grupos humanos por meio da codificação a partir da ideia de raça. Moctezuma é assassinado de forma covarde e brutal, sem

121 MOCTEZUMA, Paola Madrid. "Las narraciones históricas de Carmen Boullosa: el retorno de Moctezuma, un sueño virreinal y la utopía de futuro". *América sin Nombre*, n. 5-6, Alicante, 2004, p. 140.

qualquer consideração pelos rituais sagrados (tanto os da guerra quanto os fúnebres). Boullosa subverte os traços identitários construídos pela mitologização de Moctezuma (governante confuso e incapaz, traidor de seu povo), fazendo uso dos recursos da imaginação literária para propor o contraditório: um homem coerente e fiel à sua lógica de mundo, só e traído. A própria autora, no ensaio intitulado "La destrucción en la escritura", publicado três anos após a obra em questão, evidencia a razão de sua escolha:

Entonces decidí usar mis fantasías para escribir una novela. Vi, lo juro, un día aparecer a Moctezuma en el Parque Hundido. Vino para que se repensara su figura, porque la que nos han vendido de él no le convenía ni a él ni a nuestra memoria. El pasado nos da el presente, el pasado como lo vemos hoy es lo que nos da la forma que tenemos. Moctezuma pensó "mis macehuales no tienen por qué pensar que yo fui un cobarde o un traidor, voy a regresar para decirles que no morí como se dice, que si se leen con detenimiento las fuentes se verá que fui asesinado por las manos de los conquistadores." Esto pensó, pero cuando se vio en el Parque tirado con una cruda tremenda olvidó por completo que lo había pensado.¹²²

A cosmovisão indígena da morte, da ressurreição em um corpo novo/outro, é um dos argumentos significativos sobre a impossibilidade da escrita desse corpo na contemporaneidade – o principal dilema apresentado pelas mãos que escrevem o romance. É basilar que Moctezuma não compreenda nem aceite a visão cristã da morte, elemento que indica a opção decolonial da autora que, embora apresente um imperador talvez batizado (pela força e não pela fé), não faz dele um convertido:

Puedo estar vivo. **Pero no en mi cuerpo. Puedo ser piedra, colibrí, pluma, oro...** Podría (por qué no) estar sobre la superficie de la tierra contemplando. Vería que en la vida nunca habrá fin, que la vida no terminará nunca. Podría, siendo piedra, tener ojos por el recuerdo; podría ser colibrí o pluma y pensar y sentir, **por el recuerdo de lo que algún día fui, eso lo acepto, así como confirmar que el cielo está y que el cielo guarda en su presencia mi memoria, y que me hace sentir presente cuando ha tiempo que he muerto.** Pero **no puedo tener el cuerpo que tenía en la Tenochtitlan.** Esto querría decir que el desorden y la vacilación han llegado a la tierra, querría decir que la vida podrá terminar porque las piedras han dejado de serlo, y el cielo ya no lo es, ni las plumas ni los colibríes aleteando... Ni el viento. Ni el sol: **el final sobrevendría sobre la tierra si yo regresara con un cuerpo que he perdido,** anunciando que el final llegará, que el final está a punto de llegar aquí...¹²³

Quanto à última recordação de Moctezuma, aquela que encerra o capítulo I, é a que relembra o episódio da exposição de seu corpo como se estivesse vivo em atitude de pretensa

122 BOULLOSA, Carmen. "La destrucción de la escritura". *Inti-Revista de Literatura Hispánica*, n. 42, México, 1995, p. 218.

123 BOULLOSA, Carmen. *Llanto: novelas imposibles*. México D. F.: Ediciones Era, 1992, p. 29.

interação com o seu povo. O esquecimento de parte do rito que acompanhava a aparição do imperador, uma falha no teatro elaborado pelo inimigo (os espanhóis não colocaram a música que a antecedia) acaba por revelar a farsa:

Todo era falso, y el cuerpo que alguien detenía para que no cayera (**pues si era un muerto**) se repetía a sí mismo las palabras que le habían sido dichas el día de su coronación: "¿Qué hará si en su tiempo se destruye su reino, o nuestro señor enviase sobre usted su ira, enviando pestilencia? ¿Qué hará si en su tiempo se destruye el reino y su resplandor se volviese en tiniebla? Pero **dejó el orden de sus recuerdos cuando sintió sobre su carne muerta, en la frente, una piedra lanzada desde allá abajo** y se dijo: "**No es para mí, es para Hernando Cortés, porque quién no se dará cuenta de que me han matado**, pero me ha atinado a mí, en la frente"¹²⁴

Além da memória individual de Moctezuma (o intermediário privilegiado responsável pelo diálogo com o divino) *Llanto* oferece uma via dupla no caminho de resgate da memória, pois enquanto a personagem protagonista ressurge para contar a "verdade" sobre a sua morte e de sua experiência de vida e queda, existe um movimento coletivo também ocupado na atividade do recordar. Ele cresce no mesmo espaço de renascimento – nas galerias do formigueiro no Parque Hundido da atual Cidade do México - onde antigas vozes de mulheres enterradas com o imperador ressurgem e, incapazes de suportar a materialidade de seus corpos gendrados, se dissolvem em cinza, pó fino ou areia - todos elementos impalpáveis na singularidade - e viajam, reclamando uma memória não só coletiva como *outra*. Através de sua incorporeidade, na volatilidade de um *não-corpo*, elas se unificam numa espécie de vento rasteiro (impulsionado pela ira dos deuses), com a incansável sina de ser cinza-mensageira. no presente histórico, com a digna tarefa de enunciar o retorno de Moctezuma:

La arenilla, el polvo fino, la cenicita en que reventaron las mujeres apenas encarnaron, apenas aparecieron, la cenicita en que su débil y única posible conformación había cobrado cuerpo, **ya sin memoria personal acogió la ira de los dioses**, y cargada de ella en la sustancia del enojo se dio a volar, haciéndose parte del vuelo bajo en la que la transportaba el viento recién nacido, el viento tibio, casi imperceptible, con que los dioses externaban su enojo. **Siguió tras los talones de quien la dejara hablar, rápida, constante, incansable**, persiguió como si tuviera voluntad un cuerpo sobre el cual pudiera alzarse para decir que Moctezuma había llegado, que había aparecido en el Parque Hundido, que ahí estaba de vuelta el Tlatoani de cuerpo entero, que aunque las mujeres habían llegado con él y antes que él, **sin soportar su forma humana se reventaron en el polvo fino, en la ceniza que se había vuelto mensajera**.¹²⁵

124 *Ibid.*, p. 32.

125 *Ibid.*, p. 35.

Ainda que sua função seja o anúncio do governante retornado, as vozes das mulheres trazem um testemunho de violência e invisibilidade a que eram submetidas na ordem política, histórica e sociocultural do império asteca. Entre as lembranças do imperador, o episódio da mutilação de sua favorita (ocasionada por um capricho do mesmo) ganha destaque pela crueldade do Tlatoani e pela submissão da mulher indígena:

Pidió pusieran al perro en los brazos de su favorita. Cuando llegó la noche, ella seguía cargando al perro, ya bañado y comido. Pidió entonces a la favorita que pegara el hocico de su perro a sus pezones frescos. _Dale de mamar a mi perro. Dale chiche. **¿Cómo iba una mujer a dar de mamar a un perro? Pero quién podría contradecir una orden que él dijera, o rejegar siquiera... ¡Quién!** La favorita forzó al perro a abrir su hocico. Lo acomodó entre las quijadas del pecho y apenas sintió su áspera lengua sobre el tierno pezón sobrevino el dolor de la mordida, y el chorro de sangre y el alboroto con que la sacaron le impidieron ver la cara de desagrado del emperador. **Ella no era ya la favorita.**¹²⁶

De acordo com Navarro (2001, p. 59), Boullosa reinterpreta uma história contada pela visão parcial dos dominadores, buscando eliminar a invisibilidade das mulheres, duplamente dominadas e apagadas pelo discurso histórico:

Se as índias de *Llanto* não se materializam corporalmente, deixam, sem dúvida, a mensagem do silêncio, que se torna muito eloquente e significativo. Assim como "as mulheres indígenas foram o veículo mais ativo e eficaz da colossal experiência de transculturação que supôs a conquista da América",¹²⁷ as mulheres de nossos dias, que escrevem estes romances, proporcionam o veículo adequado para fazer com que a herança do passado seja aproveitada em todas as suas "posibles bifurcaciones del porvenir", mas jamais repetida.¹²⁸

Dessa forma, podemos observar entre as diversas intromissões do/a possível escritor/a do romance, no capítulo XIV, a voz narrativa falando sobre aquela que seria a voz legítima, a única capaz de contar a história: "Ella hubiera sido, sí, de haber sido polvo, ceniza viajera, ella, la del cuerpo roto, la víctima de un capricho, la que cambió todos los gustos de su vida por los disgustos del rechazo...Sólo ella hubiera podido decir como tenía que contarse la historia de la reaparición de Moctezuma a la orilla final del siglo veinte".¹²⁹

Asunción Lavrin, no capítulo de introdução do livro *Las mujeres latinoamericanas*:

126 *Ibid.*, p. 19.

127 Apud SALAS, Alberto. "El mestizaje en la conquista de América". In: DUBY, G. PERROT, M. **Historia de las mujeres**. Vol. 3- Del Renacimiento a la Edad Moderna. Madrid: Taunus, 1993. p. 569.

128 NAVARRO, Márcia Hoppe. " 'Lo indígena lo llevamos en la sangre': comparando três romances de mulheres hispano-americanas." **Signo**, n. 40, Santa Cruz do Sul, 2001, p. 55-66. (p. 66)

129 BOULLOSA, Carmen. **Llanto: novelas imposibles**. México D. F.: Ediciones Era, 1992, p. 95.

Perspectivas históricas, chama a atenção para a relevância do estudo, ainda não empreendido pelos historiadores, das mulheres latino-americanas (tanto como grupo quanto como indivíduo): "Se sigue viendo a las mujeres indígenas o negras como medios para satisfacer las necesidades sexuales del conquistador o del varón de la élite blanca, y como tales, las cooperadoras irresponsables o las víctimas de la opresión de los hombres".¹³⁰ Lavrin reclama o resgate do papel histórico da mulher na época colonial, salientando a importância de estudos que tomem o impacto da conquista na população feminina indígena. Com respeito ao tema, faz uma crítica ao que chama de "síndrome da grande mulher", denunciando que somente as mulheres mais destacadas são tomadas como modelo daquilo que se pretende que seja a história da mulher na América Latina.

Embora formem um coletivo, na narrativa de *Llanto*, cada *mujer-ceniza* tem sua forma própria de dizer a história, com maneira e consistência distintas. Elas vivem a experiência da violência, da morte e do apagamento histórico tanto quanto o imperador, em tempos e espaços diversos, são repetidamente violadas e desprezadas (pela cultura do outro e também pela própria). Boullosa parece não sofrer da síndrome assinalada por Lavrin, opta por inserir essas mulheres anônimas através da metáfora de um dizer plural invisibilizado e estereotipado no discurso da historiografia da conquista.

Lélia Gonzales nos elucida sobre a hierarquização das sociedades ibéricas e sua sólida experiência em articular as relações raciais com o objetivo de um controle social e político violento. Segundo a análise da destacada filósofa e intelectual brasileira,

Herdeiras históricas das ideologias da classificação social (racial e sexual), bem como das técnicas legais e administrativas das metrópoles ibéricas, as sociedades latino-americanas não puderam deixar de se caracterizar como hierárquicas. Estratificadas racialmente, elas apresentam um tipo de contínuo de cor que se manifesta em um verdadeiro arco-íris classificatório (no Brasil, por exemplo, existem mais de cem denominações para designar a cor das pessoas). Nesse contexto, a segregação de mestiços, índios ou negros se torna desnecessária, porque *as hierarquias garantem a superioridade dos brancos como grupo dominante*.¹³¹

A presença dessas *voces-ceniza*, dados o mistério, ambiguidade e incerteza da memória fragmentada de Moctezuma, ganham relevância narrativa em *Llanto*, pois são elas

130 LAVRIN, Asunción. "Introducción". In: **Las mujeres latinoamericanas: Perspectivas históricas**. México: Fondo de Cultura Económica, 1985, p. 9.

131 GONZALES, Lélia. "Por um feminismo afro-latino-americano". In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 143.

que fazem o papel das musas, inspirando a escritura de suas "novelas imposibles". Mensageiras de uma tradição oral transmutada a partir da tinta em palavra pelo trabalho do/a escritor/a, na levada constante, incansável e onipresente desse vento-mulher, reclamam seu direito à memória. Segundo Achugar:

A revisão da memória coletiva e, sobretudo, do processo de construção dessa memória e da memória oficial não é uma tarefa finita. Ainda mais se, como vem afirmando esta revisão, tal tarefa está ligada ao presente da enunciação, um presente em permanente mudança e transformação. [...] Direitos da memória que são direitos à memória. Disso tratei, disso se trata, de revisar relatos, histórias, construções que permitam o direito à/memória/s em um Estado de direito. Não se trata de um simples jogo de palavras. Nós, os habitantes desse lugar que se chama América Latina, temos "direitos da memória" e a diversidade e a heterogeneidade dos habitantes implicam, necessariamente, uma multiplicidade de "direitos à memória".¹³²

O direito de memória sobre o corpo (histórico e físico) do último Tlatoani asteca e o questionamento sobre os contraditórios relatos de sua morte, bem como sobre o destino de seu cadáver, traz consigo a necessidade de resgatar vozes históricas em conflito – as dos vencidos e as dos vencedores – nessa tarefa de revisionismo assinalada por Achugar e realizada por Boullosa. A crise instalada por um assassinato não elucidado, mesmo depois de quinhentos anos, desencadeia novos embates e faz ressurgir a memória subjetiva do indivíduo e a memória coletiva de gêneros, povos e territórios marcados pela violência.

3.2. O texto aberto: o heterodiscurso dialogizado em *Llanto* e a escrita boullosiana da destruição

A estrutura fragmentada do romance *Llanto: novelas imposibles* constrói uma escritura que abre mão da unidade em favor da multiplicidade de vozes narrativas como caminho escolhido para fazer renascer Moctezuma II na finaleira do século XX. A obra tem dezenove capítulos, entre esses, nove fragmentos (dentre os quais cinco são intitulados "de novela"), dez recortes de textos históricos entremeados (epígrafes, carta, códices), também entra nesta conta uma página de agradecimentos. Cada "fragmento de novela" apresenta um narrador diferente, logo, são cinco; os outros quatro (que carecem do título que os legitimaria) deixam

132 ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca**: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 248.

em aberto a possibilidade de serem escritos por narradores diversos. São esses fragmentos de texto que constroem a tese da impossibilidade do romance sobre a vida e morte do imperador caído. Além destes, contamos com textos "intrusos" entre os capítulos, com títulos sugestivos e letras em destaque (maiores): "Otra voz"; "Otra voz"; "Aquella voz"; "Addenda"; "Último capítulo"; "Última palabra". Como podemos ver, a simples descrição estrutural, que pode ser notada desde o sumário, sinaliza o dialogismo e a heterogeneidade (das vozes narrativas, dos gêneros literários e dos discursos) presentes no corpo textual. A novela das três amigas que encontram Moctezuma, com características da oralidade e elementos da estrutura do gênero teatral, faz a costura desse palimpsesto.

O *heterodiscurso dialogizado* é predominante em todos os textos/"novelas" de *Llanto*, até mesmo no capítulo inicial (analisado no apartado anterior), o dos *flashes* mnemônicos do imperador, notamos os discursos alheios em diálogo (por exemplo, o do episódio da mutilação da favorita ou o carro com rodas de madeira de Orteguilla ou ainda a lembrança intitulada "la noche", que traz as vozes dos seus assassinos¹³³). Esse recurso/conceito é usado ao longo de toda a obra, responsável em grande medida pela estratificação social das múltiplas vozes presentes no romance, que acabam por gerar a dissonância característica das narrativas fragmentárias e heterovocais que o compõem. Segundo Bakhtin,

O discurso do autor, os discursos dos narradores, os gêneros intercalados e os discursos dos heróis são apenas as unidades basilares de composição através das quais o heterodiscurso se introduz no romance; cada uma delas admite uma diversidade de vozes sociais e uma variedade de nexos e correlações entre si (sempre dialogadas em maior ou menor grau). Tais nexos e correlações especiais entre enunciados e linguagens, esse movimento do tema através das linguagens, sua fragmentação em filetes e gotas de heterodiscurso social e sua dialogização constituem a peculiaridade basilar da estilística romanesca, seu *specificum*.¹³⁴

Faremos a divisão dos diferentes textos/novelas para organizar a análise, embora elas apareçam misturadas e fragmentadas entre os capítulos. Começaremos pela novela que, partindo do presente histórico (precisamente, 13 de agosto de 1989, nove vezes cinquenta e dois anos depois da queda da grande Tenochtitlan), tece o enredo do romance: a história de Laura, Margarita e Luisa, as três amigas que, ao fim de uma noite de conversa e bebedeira, dão de cara com o último Tlatoani asteca no Parque Hundido na contemporânea Cidade do

133 *Ibid.*, pp. 19, 22 e 27.

134 BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: a estilística** (1930-1936). Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2015, p. 30.

México.

Laura é quem o vê primeiro, também a que estabelecerá uma especial relação de apego e afeto com o homem do passado. Tudo se passa pela ausência de uma pedra, que servia de apoio na saída do carro e que estava estranhamente ausente. Sabemos que a pedra é a metáfora usada para simbolizar o passado histórico, assim como, a memória como monumento, a solidificação daquilo que permanece, o perene. A personagem passa por uma fase de vulnerabilidade emocional, está triste e, durante aquela noite, havia chorado muito. Essa situação específica é relevante, pois, assim como Moctezuma e outras diversas personagens indígenas, a experiência do pranto incontido (*el llanto*) une os protagonistas do presente aos do passado. Não se trata de um simples pesar, um lamento sentido, é manifestação de uma dor profunda, identitária. Ela exige às amigas a propriedade sobre "sua descoberta". O considera muito bonito, mas não gosta dos ornamentos indígenas que ele traz no corpo, acaba por arrancá-los, entre eles, o mais significativo (a pedra de jade na boca). Ela é quem se apresenta e pergunta seu nome. Depois de revelada a identidade do desconhecido, obcecada pelo achado, se encarrega de mimá-lo, conduzi-lo, situá-lo no espaço e no tempo presentes. Após um passeio de carro pelo centro da cidade, decide levá-lo pra casa, lugar onde se dará o acolhimento, a explicação dos objetos-signos do presente (a música, o livro, o telefone, o banheiro, etc.) e da solidão do indivíduo moderno, como também havia ocorrido com os da cidade (o carro, o semáforo, os prédios, etc.). Laura é escritora, que confessa ao leitor ter vivido uma vida vazia de sentido, até a noite em que, em sua cama, transa com Moctezuma, depois, seu corpo se dissolve em partículas, e sua voz "es silencio que sólo quiere ser quien es, puro recuerdo". Temos aí uma personagem signo do seu espaço-tempo, do corpo de mulher e da própria função social – o fazer literário. Por fim, o recurso da *carnevalização* presente na obra alcança na configuração do ato sexual a nova metáfora do encontro entre culturas, cosmovisões, mas sobretudo, de histórias de uma dor física, onipresente e compartilhada por todos: o incômodo de ser/estar no mundo. O sentimento de "alívio doloroso" experimentado na cópula final é uma espécie de salvação do sem sentido da vida, da experiência de inadequação nessa cidade que, em outro tempo, já foi a maior e mais bela:

[..] para **auxiliarse los dos en su dolor, en su incomodidad**, ella la estúpida de ser mujer joven y llena de vida a fines del siglo veinte y en una ciudad situada donde antes estuvo la más hermosa y grandiosa del mundo y ahora es la más poblada, la

que tiene más habitantes de todo el mundo y no sé si la más enloquecida, y él en la incomodidad de haber despertado de la muerte después de siglos, en el mismo sitio donde estuvo su ciudad, **con nada que reconocer más que los esqueletos de los que fueron los templos**. [...] En su desesperación, los dos encontraban alivio: él del dolor del parto en que un trozo rebelde de tiempo lo había gestado, reconfigurándolo, y ella de la incomodidad natural de la vida. **En material de incomodidad los dos eran lo mismo**. Los dos y seguramente muchos más, y lo digo así porque no me atrevo a asegurar que todos, que todos los humanos. Si pusiéramos una prueba contraria, ¿quién podría pasarla? Imaginémosla: pararse en el centro de un llano, a solas. Respirar hondo y sentirse: **¿hay dolor o incomodidad en el cuerpo?** Quien dijera *no* pasaría la prueba. ¿A quién no le incomoda la lengua, el brazo o siente que le sobran ojos o le faltan pulmones o que todo es inexacto, incómodo? **Me atrevo a conjeturar que no se escucharía tal *no*... La angustia está en el cuerpo, y el alivio natural** que consiguen los cuerpos cuando se besan o acarician o penetran es **un alivio doloroso**. Pero es, al fin, alivio.¹³⁵

Margarita tem a atitude mais desconfiada, está irritada com a presença inquietante desse estranho. Ainda assim, é ela quem dirige o carro no passeio pela cidade e, a princípio, chega a chamar Moctezuma de "índio louco", é repreendida por ele, incitada por Laura a pedir desculpas, depois de fazê-lo, só então começa a crer. Quando chegam à casa de Laura, só pensa em dormir e das três é a menos interessada em ouvi-lo. Sua perspectiva é a do cético, não demonstra satisfação nem curiosidade, parece estar somente pela amizade, pois prefere esquecer o fato: "eso fue lo que hice, meterme al cuartito y **olvidarme de todo**, y vaya que me olvidé porque de lo que pasó después yo no puedo decirles nada, **no sirvo de testigo**. Al despertar, **lo único que encontré fueron las cosas**, todas las de Laura y las pocas que de él quedaron tiradas en el piso del baño y al pie de la cama".¹³⁶

Ao contrário de Margarita, Luisa se envolve e não nega a curiosidade e interesse de antropóloga. Desde o primeiro momento, recolhe os artefatos e objetos do desconhecido, reconhece a urna funerária e demonstra conhecimento sobre arte indígena. Na viagem pela cidade, ela indica o lugar do antigo *Templo Mayor* (onde os espanhóis, liderados por Pedro de Alvarado, haviam massacrado os nobres astecas durante uma importante cerimônia aos deuses Tezcatlipoca e Huitzilopochtli). Laura a reprova pela tão triste e desnecessária lembrança, ele a agradece com um sorriso. Também é Luisa quem comenta o momento em que Laura mostra as esculturas que reproduzem a cena mítica da fundação de Tenochtitlan, ao lado do Hospital de Jesús, lugar onde dizem ter ocorrido o primeiro encontro entre Cortés e Moctezuma. Assim como as demais esculturas/monumentos, ele não compreende sua representação, atônito com

135 *Ibid.*, p. 102-104.

136 *Ibid.*, p. 72.

a possibilidade daquela cidade ser a antiga capital asteca, irreconhecível sem seu lago e canais. O capítulo XII, relativamente longo pelos parâmetros de *Llanto*, é o mais importante sob a narração de Luisa. Nele, ela relata a conversa com o Tlatoani durante um agradável café da manhã, em que falam de temas culturais (antigos e atuais), e que segue com a leitura de um livro intitulado *El rostro de la muerte*, feita por ela:

[...] como si él fuera el hijo que ella siempre ha querido tener y que ese hijo **viniera desde otro tiempo, recordando lo que nosotros no sabemos recordar, viviendo en aquello que hemos entre todos destruido**, y su mirada hacia él era tan conmovedora que me costaba trabajo no distraerme de la lectura a que me apresuraba Moctezuma, **sorprendido, divertido, conmovido, atolondrado, generoso** mostrando todas sus emociones sin miramientos. Cuando ya iba a acabar de ver el libro y escuchaba sus frases, sus comentarios (**¡cómo nos supo envolver en sus propios recuerdos!**), pensé que era **un crimen** que estuviera yo sentada ahí, sin hacer nada, nada más oyéndolo. Me levanté, tomé el teléfono, [...] y marqué el número de **López Austin**.¹³⁷

A partir desse contato telefônico com o doctor Alfredo López Austin, que havia sido seu professor, depois de uma conversa deste em náhuatl com Moctezuma, decide que quer vê-lo junto com Eduardo Matos Moctezuma, nomes que também aparecerão na lista de agradecimentos na última página da obra. Boullosa insere esse renomado estudioso como personagem, um descendente direto do imperador é nomeado, assim como, também menciona Carlos Fuentes e Octavio Paz, personalidades que dedicaram boa parte de suas vidas ao estudo e compreensão da história e cultura mexicana. Laura somente aceita o encontro se ele se desse em sua casa, sob a condição de que se preparasse um cerimonial à altura do grande Tlatoani (com chefes de Estado e os escritores Paz e Fuentes para dar as boas-vindas). Luisa pede autorização a Moctezuma, que permite que ela envie os objetos para o exame de um grupo de especialistas reunidos pelo professor.

Como podemos observar, cada uma das mulheres apresenta uma perspectiva diferenciada no contato com o homem, suas particularidades (profissão, personalidade, objetivos, etc.) determinam o grau de interesse e envolvimento, todas tão atônitas quanto o próprio com a surpresa do encontro, mas cientes de sua importância. Segundo Assia Mohssine:

Declinación de las favoritas de Moctezuma y avatares posmodernos de la Llorona, esas mujeres asumen en la narración la función de nutrir, proteger y ofrecer el desenvolvimiento de la historia, son ellas las que nombran, ellas las que transmiten y

137 *Ibid.*, p. 84-85.

repite incansablemente la historia en la vasta lucha contra el olvido. Sin duda es ésa una perspectiva genérica significativa que hace de Laura, Luisa y Margarita las guardianas de la memoria histórica.¹³⁸

Agora passamos aos fragmentos. É digna de nota a epígrafe que abre o primeiro "fragmento de novela": "Aquí abajo, en estas regiones circuncentrales, vemos el bien supremo, no en tomar ni en recibir, sino en dar y conceder." (François Rabelais, *Gargantúa y Pantagruel*). Além da ironia que essa relação intertextual apresenta em relação à empresa da conquista, e da obra de Rabelais ser contemporânea do evento histórico (foi publicada em 1532), temos nesta a presença do grotesco e do fantástico, da sátira, ambiguidade e irreverência da linguagem e, principalmente, do projeto de chocar o leitor, por exemplo, através da satirização da linguagem erudita (processo de carnavalização) com o uso de um humor picante, repleto de violência e palavrões. Vale lembrar que Bakhtin foi um dedicado estudioso da obra de Rabelais, salientando a ambivalência e o discurso carnavalesco (polifônico e dialógico), fato que colabora com a nossa hipótese da importância da teoria dialógica para uma análise do romance de Boulosa. Temos aí a pista de algumas figuras de linguagem e estratégias de escrita que serão empregadas em *Llanto*: ironia, ambiguidade, irreverência, dialogismo e carnavalização.

Já no primeiro fragmento de novela, que aparece no segundo capítulo da obra, um narrador em primeira pessoa (com cada parágrafo sendo aberto com o uso das aspas iniciais, sem a presença de um encerramento, pois não há aspas finais) explica os motivos da debatida passividade/incapacidade de Montezuma. A narrativa trabalha pela desconstrução do mito da incapacidade do conquistado, tal como da glória do conquistador:

Privilegio del imperio: la guerra no podía hacerse con desconocidos, **era un lenguaje**, dos grupos humanos hablaban con los dioses al medirse entre sí. La muerte del contrario no es lo que se perseguía, se buscaba la captura de un enemigo para, en otra ceremonia, entregarlo a los dioses. Para que el sol no perdiera su rumbo: la sangre, la violencia, el imperio, el dominio quedaban protegidos por un cielo al cual ellos alimentaban y que se les daba un sentido de orden y de nobleza. [...] "El conquistador entró a tomar lo que, pensaba, tenía que ser suyo. La codicia, el poder, **el sinsentido de occidente y su violencia sin rito** vinieron a regir la relación entre el indio y el Conquistador. **El imperio que sostenía al indio fue su debilidad. El ser dueño de nada fue la fuerza del Conquistador. "El dueño de nada se hizo dueño del mundo, arrebatando, despojando.** Todo se entregó al sinsentido. Los dioses guardaron silencio y la ciudad más hermosa del mundo fue destruida al **ser propiedad** de los recién venidos. El emperador que intentó sostener con ellos el

138 MOHSSINE, Assia. "La opción descolonial en Llanto: novelas imposibles de Carmen Boulosa".

Cuadernos Americanos, n. 166, México, 2018, p. 143.

diálogo que antecedia a la guerra fue tomado prisionero a traición: **rotas las reglas, él no supo cómo comportarse**. Quienes lo ataban con grillos **no eran humanos**: no comprendían los gestos de los hombres, y destruían como si en ello encontrarán un gusto, hablando de **un dios que sólo los alejaba del mundo** por siempre amén.¹³⁹

O trecho acima poderia ser tomado como uma síntese da interpretação decolonial da Modernidade, a construção das bases da matriz colonial de poder que se constituirá como imposição global a partir da experiência inaugurada com a Conquista da América, estabelecendo a colonialidade de poder/saber/ser entre a Europa e o restante do mundo. Vemos aí o desprezo pela cosmovisão do outro; a separação entre o sagrado, o humano e a natureza; a pilhagem e a violência como principais estratégias de exploração, conquista e controle sobre o outro; o surgimento do capitalismo. No entanto, o narrador subverte os signos atribuídos pelo discurso histórico oficial: os bárbaros são os conquistadores; os incapazes de compreender os ritos e regras do mundo do outro são os espanhóis. Inclusive, evidencia sua escolha pela personagem protagonista e a razão da impossibilidade de sua empreitada:

"Si elijo a Motecuhzoma Xocoyotzin como personaje para novela, es porque él queda exactamente **en la orilla del precipicio**, [...] "El título de la novela sería *Atónito* y sólo hasta al última línea se sabría que el personaje que la 'confiesa' es Motecuhzoma el joven. Ni una pluma, ni un término en náhuatl: porque él no es un 'indio', un mexicana, no tiene ni raza ni patria. Él es **un hombre que mira el fin del Hombre**. [...] Sin embargo, no escapa a mi entendimiento de escritor el que esta novela sea imposible. La confesión de Motecuhzoma el joven **tiene que ser hecha en el marco de su cultura** para ser comprensible. **Empresa inútil: Tenochtitlan ha muerto y su memoria es confusa**.¹⁴⁰

O segundo fragmento de novela fala da cumplicidade entre três amigas, muito diferentes, mas que têm em comum uma história de amizade que será compartilhada pelo leitor. Diferente do fragmento que o antecede, este tem como narradora uma escritora, que faz questão de revelar ao seu interlocutor o tipo de literatura desenvolvida e a humildade de sua curta visão confessa:

Las palabras de la escritora reunirán lo necesario para que el lector pueda hacerse amigo también. "**Literatura cálida, arropadora**, que, cerca del final, tendrá una intromisión que la desmantelará y la hará desvanecerse: **la aparición de Moctezuma II en el lugar por el que ellas van pasando**. Testigos de que el tiempo puede romperse, las mujeres **miran desconcertadas cómo ni la muerte existe y salen disparatadas de la cuna acogedora de su amistad, hacia la frialdad**

139 BOULLOSA, Carmen. **Llanto: novelas imposibles**. México D. F.: Ediciones Era, 1992, p. 38.

140 *Ibid.*, p. 38-39.

inhospita del desconcierto. Saben su pequeñez, su estrechez de miras, el campo común que han cultivado para entenderse se disuelve en nada.¹⁴¹

O terceiro fragmento de novela é bem curto, mas significativo, nele o narrador em primeira pessoa usa a metáfora da pedra-passado, que só ganha sentido quando vira tema de romance:

"Miro y vuelvo a mirar. Cierro los ojos y pienso: total, **todo pasado no es más que una piedra, tallada o no, en fragmentos o intacta, todo siempre fuera de proporción y sin sentido hasta que entra en la novela.**¹⁴² "El recuerdo es carne de novela. El olvido es armonía. El recuerdo es violencia. El olvido es serenidad. Incluso estas enormes e indescifrables piedras no son nada en el olvido, ni guijarros tirados al lado del camino. Estarían enterradas. **El recuerdo desentierra. Saca los muertos al sol.** Nos hace carne de muerte: carne para novela.¹⁴³

Como podemos ler no trecho acima, o ato de recordar perturba a ordem do esquecimento, onde até mesmo as grandes pedras do passado são nada, e está feito de carne e violência. A literatura que retoma o passado se alimenta destes elementos para fazer reviver os mortos.

É importante salientar que, independente do tamanho da pedra, fragmentada ou não, o sentido só pode ser resgatado pelo discurso ficcional. De acordo com Linda Hutcheon, a narrativa de metaficção histórica permite ao leitor reconhecer os vestígios do passado histórico e literário e observar como o trabalho da escrita, através da ironia, opera sobre estes:

[...] a noção de paródia como abertura do texto, e não como seu fechamento, é importante: entre as muitas coisas contestadas pela intertextualidade pós-moderna estão o fechamento e o sentido único e centralizado. Grande parte de sua provisoriamente voluntária e deliberada baseia-se em sua aceitação da inevitável infiltração textual de práticas discursivas anteriores. A intertextualidade tipicamente contraditória da arte pós-moderna fornece e ataca o contexto. [...] Mas sua utilidade como uma estrutura teórica que é ao mesmo tempo hermenêutica e formalista é óbvia ao se lidar com a metaficção historiográfica, que exige do leitor não apenas o reconhecimento de vestígios textualizados do passado literário e histórico, mas também a percepção daquilo que foi feito - por intermédio da ironia - a esses vestígios. O leitor é obrigado a reconhecer não apenas a inevitável textualidade de nosso conhecimento sobre o passado; mas também o valor e a limitação da forma inevitavelmente discursiva desse conhecimento.¹⁴⁴

O quarto fragmento de novela é antecedido por uma indicação que mostra uma certa

141 *Ibid.*, p. 45.

142 Como já comentamos anteriormente, as aspas de cada parágrafo não apresentam encerramento, assim, optamos por deixar como aparecem no texto. As aspas finais só surgem no final do fragmento.

143 *Ibid.*, p. 60-61.

144 HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção.** Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991, pp. 166-167.

perda de identidade do sujeito da enunciação: "Y entonces alguien escribió lo siguiente".¹⁴⁵ Esse alguém, não mais um escritor ou escritora, discorre sobre a adequação de um romance fantástico com a cosmovisão nahua, no qual Moctezuma II poderia reaparecer (com mulheres, cachorro e tudo) em razão da compreensão cíclica do tempo. Essa voz também fala dos excessos antinaturais do Tlatoani:

"Habría **mucha sangre**, sangre **antinatural**, sangre entregada a los dioses. Habría **muchos excesos**, excesos **antinaturales**, **excesos de Tlatoani**. Habría la mirada de los que creen en los dioses como devoradores de prisiones, de los que creen que el sol no podrá salir si no se le alimenta, **de los que saben que el lugar del hombre sobre la tierra no es la plaza de quien manda, de quien gobierna, de quien es el poseedor** – como lo creemos nosotros -, sino de quien alimenta a los dioses para que el mundo exista: **el último de los esclavos**, el imprescindible."¹⁴⁶

Separado, com o título de "del mismo cuarto fragmento", está um parágrafo final em que uma outra possibilidade para a história de Moctezuma é lançada, defendendo a tese oposta: ele não retornou nunca porque sempre esteve aí, foi ele o primeiro cronista que escreveu – com alfabeto europeu – a primeira versão da conquista. Como um ermitão, eternamente velho, vive em uma montanha, cansado da visão de tanta morte: "Se contaría su vida aquí y allá, se contarían sus encuentros, se hablaría de cómo ha visto cambiar los tiempos sin notarlos, sin percibirlos, fijo en su ciudad, aquélla, la que desapareció, la que fue el ombligo del cielo...".¹⁴⁷ Neste adendo, notamos a ironia com que a voz narrativa parece desmerecer dos teóricos e intérpretes, sobretudo europeus, que falaram da vida do imperador. Este fragmento é o que antecede os textos-recortes dos códices, que falarão da morte do mesmo e do destino do seu corpo. Mas antes, comentaremos o teor do quinto e último "fragmento *de novela*".

O que foi apenas sugerido no adendo do quarto fragmento se sustenta no quinto: a desconstrução dos argumentos dos "sábios" que se contentam em repetir julgamentos obtidos por textos de terceiros, entre esses, na sua maioria, vozes inimigas, juízos em suspeição. A voz narrativa realiza a desconstrução do mito, a dessacralização do discurso histórico e o questionamento dos argumentos da crítica cultural:

145 BOULLOSA, Carmen. **Llanto: novelas imposibles**. México D. F.: Ediciones Era, 1992, p. 67.

146 *Ibid.*, p. 67.

147 *Ibid.*, p. 68.

Tenemos con qué saber qué sintió, pensó, opinó Felipe II o Carlos V, pero en cambio **de Moctezuma no quedaron indicios**. Ni huesos, ni señas de cómo era su pensamiento, ni nada de nada. [...] **de su opinión sobre los españoles nadie nos puede dar razón**. Los juicios **siempre son obtenidos mirando de afuera**. En torno a su persona ocurre lo mismo que en torno a su muerte: unos dicen que murió apedreado por los mexicas, otros que asesinado por los españoles, **la verdad es que no se sabe**.¹⁴⁸

Esses pretensos sábios, na verdade, nada sabem da subjetividade da personagem histórica, sustentam sua análise a partir de seu próprio marco cultural – o europeu – em favor de seu eurocentrismo, repetindo o desprezo pela alteridade ameríndia e a profanação desse corpo. Suas interpretações (a visão, acompanhada de culpa e temor, do retorno de Quetzalcóatl; a representação do encontro entre mundos; a crueldade do imperador; a posse de um zoológico; os templos levantados para todos os deuses; a coleção de homens anormais; seus jardins magníficos; seu amor pela arte) partem de testemunhos duvidosos e artefatos de origem incerta. Aqui tem fim o intento de novelar a história de Moctezuma II, o narrador decreta a sua impossibilidade: "un absurdo", "una estupidez". A crítica cultural boullousiana se insere na agenda decolonial ao propor a valorização da alteridade no diálogo entre culturas como saída aos silenciamentos e distorções próprios de uma visão eurocêntrica da história. Está nítido seu dissenso, por exemplo, com o trabalho realizado por Todorov¹⁴⁹, ainda que ela o inclua na lista dos agradecimentos na última página de *Llanto*.

Os últimos quatro fragmentos já não serão "de novela", mas sim uma espécie de "discussão teórica" sobre o que levou à perda desta. Por falarem muito do sujeito da enunciação e do lugar de que se fala – do presente na América Latina e da função da literatura feita a partir desse espaço – deixamos para discuti-los no último apartado da presente análise.

Somente depois do último fragmento intitulado como "de novela", temos a inserção de "vozes intrusas" (em destaque), não havendo como não notar que depois de decretada a impossibilidade do romance que, teimosamente, se tentava escrever, elas surgem como uma nova subversão narrativa: as duas primeiras ("Otra voz"; "Otra voz") inauguram a narração de indígenas contemporâneos de Moctezuma, como se cobrassem o direito de contar a história de seu povo. Entre elas, a primeira é a do indígena que carrega o corpo renegado do imperador; a segunda constrói uma narração na primeira pessoa do plural, em que suplica a/por uma

148 *Ibid.*, p. 75.

149 In: TODOROV, Tzvetan. **La conquista de América: la cuestión del otro**. México D.F: Fondo de Cultura Económica, 1987.

decisão acertada de Moctezuma:

No puedes fallarnos. Somos niños tiernos, estamos en tus manos. Lo que tu voz decida nos protegerá. Lo que tu voz dicte será acatado porque **en ti se respeta el orden y el orden te respeta.** [...] Tú no puedes equivocarte, no puedes fallarnos. **Tus decisiones son nuestra sobrevivencia.** [...] Somos niños sin cuna si nos falta tú. [...] **No podemos inventarnos sin ti.** [...] no sabemos caminar sin ti, no sabemos estar sin ti, no sabemos. [...] Tu fuerza no tiene fin, como no lo tiene tu reinado. [...] Para tus pequeños, tú eres la faz de la tierra. [...] Cuidate. [...] No nos deje sin ti. No dejes de pensar en nosotros. [...] la luna reina para favorecer las decisiones que como Tlacatecuhtli que eres pueden llevarnos al final de los hombres.¹⁵⁰

O terceiro narrador intruso ("Aquella voz"), aparentemente, é voz contemporânea da conquista, apresentando-se (também na primeira pessoa do plural) como parte do cortejo que acompanhou o batismo de Moctezuma. No entanto, o leitor atento logo percebe a trampa: a voz, na verdade, fala em nome do coletivo dos escritores, todos ávidos por apropriar-se da história do último Tlatoani:

Entre todos nosotros **nos peleábamos por atrapar a tiempo la versión que se sostenía por cierta.** Nos peleábamos; oíamos las verdades cruzar zumbando a velocidades impermisibles; **todos queríamos estar apropiadamente vestidos para la verdad válida;** pero no nos daba tiempo de ataviarnos adecuadamente; zumbaban, iban y venían, era imposible asirlas sin desplomarnos o sin hacerlas desplomarse. [...] **Todos teníamos prisa por hacerlo nuestro, era nuestro padre, éramos sus muchachitos. Lo sorbíamos con los ojos,** arrebatándolos los unos a los otros, haciéndolo saltar y resbalarse de una versión de su vida a otra, precipitado. Moctezuma es entonces **capaz de cualquier cosa. Bautizado, danzante, cantante, travestista o loco.** Lo que fuera hubiera sido posible. [...] **Él no tenía una historia propia sino todas aquellas que necesitáramos imponerle.** Lo que no iba a ocurrir es que él se saliera de personaje, que de pronto se volviera un intérprete de sânscrito, por poner un ejemplo. Eso no ocurría. **Él era nuestro.**¹⁵¹

Em "Addenda", a voz narrativa conta em terceira pessoa o resultado dos testes de laboratório feitos a partir dos objetos recolhidos por Luisa. A antropóloga, o historiador, os demais arqueólogos e o responsável técnico olham, cada um em sua casa, apavorados, os resultados que comprovam a datação de 1500: "Tal vez, agregó el muchacho del laboratorio, son objetos que pudo ver Hernán Cortés. Aparentemente, en ellos no había huella del tiempo..."¹⁵²

Na sequência, com o título irônico de "Último Capítulo" (sendo que o verdadeiro vem

150 BOULLOSA, Carmen. **Llanto: novelas imposibles.** México D. F.: Ediciones Era, 1992, pp. 92-93.

151 *Ibid.*, pp. 106-107.

152 *Ibid.*, p. 108.

somente depois – capítulo XIX), aparece um narrador que elabora uma explanação metaficcional sobre as características e elementos estruturais do romance, incluindo uma discussão sobre a recepção, comparando o papel do leitor com o do escritor, exposto anteriormente. Tema sobre o qual discutiremos de forma mais detalhada no último capítulo da presente dissertação, em que estabeleceremos uma análise comparativa das estratégias ficcionais e metaficcionais utilizadas por Boullosa e Fuentes.

Por fim, está a "Última palabra", em primeira pessoa, temos a narração do retorno da escritora um mês depois, 13 de outubro de 1989, às três da tarde, ao Parque Hundido. Ela observa o movimento das pessoas, chora ao lembrar-se do homem vestido como um Tlatoani antes da queda da Grande Tenochtitlan e do romance que ela queria ter escrito sobre esse encontro: "la novela que las musas me decidieron imposible".¹⁵³

Além dos textos históricos que aparecem entremeados nas 'novelas' de *Llanto*, por exemplo, o de Bernal Díaz del Castillo¹⁵⁴ (p. 84), ganham destaque um conjunto de sete trechos avulsos, ou seja, inseridos em páginas separadas, entre os capítulos VIII e XIX, todos relacionados aos *Códices* e às *Crónicas de Las Indias*, em ordem de aparição na obra:

(1) *Códice Ramírez* – manuscrito do final do século XVI que tem como título "Relación del origen de los indios que habitan esta Nueva España según sus Historias"¹⁵⁵. Nele, além do texto escrito em espanhol, estão 32 ilustrações em branco e preto criadas por um tlacuilo mexica, inspiradas em uma provável fonte náhuatl hoje perdida. O texto acaba por receber o nome do espanhol José Fernando Ramírez, quem o encontrou em 1856. O códice trata da história imperial asteca; um livro sobre divindades e festividades e um breve relato sobre o calendário nativo. Boullosa escolhe o trecho em que ele fala da morte de *Moteczuma*, o exato relato da ambiguidade das versões (a pedrada dos seus *versus* a espada na "parte baixa", e da relevância do exército de Cortés, caso contrário, todos os espanhóis seriam mortos (p. 69).

(2) *Códice Florentino* – conjunto de doze livros escritos em náhuatl e espanhol por indígenas bilíngues entre 1540 e 1585 sob supervisão do franciscano espanhol Bernardino de Sahagún. Em sua "Historia general de las cosas de la Nueva España"¹⁵⁶, Sahagún conta com os informes

153 *Ibid.*, p. 120.

154 DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. **Historia verdadera de la conquista de la Nueva España**. Madrid: Alianza Editorial, 1989.

155 **Códice Ramírez**. Manuscrito del siglo XVI intitulado: *Relación del origen de los indios que habitan esta Nueva España, según sus historias*. Examen de la obra y anexos por Manuel Orozco y Berra. México: Editorial Innovación, 1979. O trecho selecionado por Boullosa está na página 69 de *Llanto*.

156 SAHAGÚN, Bernardino de. **Historia General de las cosas de Nueva España**. Madrid: Alianza Editorial,

dos estudantes indígenas, pertencentes à elite asteca, do Colégio de Santa Cruz de Tlatelolco. O objetivo do religioso era oferecer aos evangelizadores alguns dos aspectos centrais da cultura e da história dos povos do altiplano central do México. Aqui, a autora seleciona o relato do resgate dos corpos de *Motecuhzoma* e *Itzcuauhtzin*. O corpo do imperador é conduzido por um grupo de indígenas a um lugar chamado Copulco, onde ele é incinerado com gritos de cólera, julgado pelo terror, espanto, ofensa e mortes (muitas injustas) que seu reinado causou (p. 73-74).

(3) *Códice Aubin*¹⁵⁷ – manuscrito produzido em formato pictográfico-alfabético misto por vários pintores e escritores entre o final do século XVI e início do XVII. Seu conteúdo trata da migração de Aztlan, da fundação da cidade de Tenochtitlan e dos eventos cataclísmicos da conquista, incluindo a epidemia de varíola após a chegada dos conquistadores. Ao contrário do relato do Códice Florentino, escrito do ponto de vista tlatolecano, esse códice oferece a perspectiva mexicana e não faz referência aos eventos de Tlatelolco. No trecho eleito pela escritora, temos o relato da peregrinação de Apanécatl, que carrega o corpo de *Motecuhzoma*, que é renegado repetidas vezes (até que os senhores de Acatliyacapan, depois da súplica do condutor cansado, aceitam incinerá-lo. É o único recorte que traz o discurso direto, as palavras que Boullosa vai tomar, assim como seu enunciador se tornará uma das vozes narrativas que será desenvolvida no capítulo que o segue: "¡Oh señores nuestros! ¡Qué desgraciado es Motecuhzoma! ¿Qué me voy a pasar la vida cargándolo en las espaldas?". De todos os códices selecionados, este é o único que rende um narrador-personagem, ainda que seu nome seja usado como lugar (cidade/povoado) e sua voz seja intitulada no apartado como "Otra voz". Essa é a voz do "carregador", que compartilha com o carregado o destino de ver "la muerte del hombre, el fin de un pueblo" (p. 79).

(4) *Cartas de Relación de Cortés*¹⁵⁸ – escritas entre 1519 e 1526, as cartas de Hernán Cortés, conquistador do México, tinham como interlocutor o rei Carlos V e faziam a descrição da

1988. 2 vols.

157 **Códice Aubin.** Historia de la nación mexicana, reproducción a todo color del Códice de 1576. Edición, introducción, versión paleográfica y traducción por Charles E. Dibble. Madrid: Ediciones José Porrúa Turanzas, 1963. (Colección Chimalistac, 16) O recorte escolhido pela autora se encontra na página 77. Em 1959, o antropólogo Miguel León-Portilla reúne os Códices Aubin, Florentino e Ramírez, entre outros manuscritos indígenas, In: LEÓN-PORTILLA, Miguel. **Visión de los vencidos: relaciones indígenas de la conquista.** México: UNAM, 1999. Embora seja uma tentativa de registro da visão indígena do processo da Conquista, é importante lembrar a interferência da tradução (os documentos eram escritos em língua indígena e traduzidos ao espanhol).

158 CORTÉS, Hernán. **Cartas de Relación.** Edição de Ángel Delgado Gómez. Madrid: Editorial Castalia, 1993.

viagem, chegada e alguns atos, como a tomada da cidade sede do império asteca – Tenochtitlan. Elas eram informes oficiais, que justificavam sua campanha e almejavam a sanção da empresa cortesiana pelo soberano espanhol. Nestas, ele descreve as novas terras, seus habitantes, assim como, as conquistas políticas e militares. Além da tarefa de descrição (das terras, dos nativos, dos recursos e das conquistas), elas também serviam para que Cortés pudesse apresentar ao rei seu projeto de Estado para a *Nueva España*. O trecho selecionado recupera o relato da farsa elaborada por Cortés: o pedido do "*dicho Muctuzuma*" para ir ao terraço e falar/ordenar ao seu povo que cessasse a guerra, seguido da pedrada na cabeça e a morte em três dias, após os quais ele entrega o corpo aos "índios" que se encontravam presos (p. 83).

(5), (6) e (7) – Recortes da obra¹⁵⁹ de Antonio de Solís, escritor espanhol que frequentou a escola de Calderón e, contando com a proteção do mecenas VII Conde de Oropesa, foi secretário do mesmo e também do Estado. Nomeado *Cronista Mayor de Indias*, escreveu por encargo real a *Historia de la conquista de México, población y progresos de la América septentrional*, que ficou conhecida como *Nueva España* (1684), inspirado pelos relatos prévios de Cortés, López de Gómara e Bernal Díaz, pois nunca esteve pessoalmente nessas terras. O primeiro recorte do texto de Solís aborda o tema do pesar dos espanhóis em razão da morte do imperador, de forma especial, o desconsolo lacrimajante de Hernán Cortés diante da perda. Também salienta a pronta diligência de Cortés em entregar o corpo com todas as honras devidas, seguidas por uma cidade dividida entre o pranto e o ódio, o desprezo e o respeito pelo cadáver. O segundo texto não é mais que uma frase, que aponta a desconfiança de Moctezuma sobre a própria autoridade e seu temor pela desobediência de seus vassalos. O terceiro e último recorte desse escritor e cronista é o fracasso dos mexicanos enviados pelo imperador para propor a paz, o que o irrita e provoca o desejo de "reduzi-los". As palavras de Solís praticamente encerram a obra, pois, depois desse trecho, só restam os agradecimentos. A opção de Boullosa pode ser lida como desilusão diante da impossibilidade de resgatar todas as vozes desse capítulo da história ou como um protesto sobre a máscara de verdade com que se veste o discurso histórico.

Diante de tanta imprecisão e incertezas, parece estar latente na obra o desejo de fazer dialogar essas vozes contraditórias legitimadas pela historiografia da conquista. Se suas

159 BOULLOSA, Carmen. **Llanto: novelas imposibles**. México D. F.: Ediciones Era, 1992, pp. 88-89 (5), 94 (6), 121 (7).

novelas são impossíveis, o desvelamento dos discursos historiográficos legitimados pela tradição não o são, o acesso aos *signos ideológicos* presentes nesses trechos é facilitado pelo trabalho de seleção e organização realizado pela autora. De acordo com Ricoeur,

O historiador do tempo presente não pode, então, escapar à pergunta maior, a da transmissão do passado: é preciso falar dela? Como falar dela? A pergunta dirige-se tanto ao cidadão quanto ao historiador; este último, pelo menos, traz, nas águas turvas da memória coletiva dividida contra si mesma, o rigor do olhar distanciado. Num ponto, pelo menos, sua positividade pode afirmar-se sem reserva: na impugnação factual do negacionismo; este último não depende mais da patologia do esquecimento, nem mesmo da manipulação ideológica, mas do manejo da falsificação, contra o qual a história está bem armada desde Valla e o desmantelamento da falsificação da *Doação de Constantino*. O limite para o historiador, como para o cineasta, o narrador e o juiz, está em outro lugar: na parte intransmissível de uma experiência externa. Mas, como foi várias vezes enfatizado no curso da presente obra, quem diz intransmissível não fala indizível.¹⁶⁰

Notamos a ignorância e manipulação dos acontecimentos, de acordo com cada enunciador ou grupo de enunciadores, por exemplo, salta aos olhos do leitor a multiplicidade de formas de nomear o imperador, nem mesmo a exatidão do nome do Tlatoani era levada em consideração pelos espanhóis, que o espanholizavam cada qual à sua maneira. Segundo Carmen Bay,

Carmen Boullosa, al igual que algunos escritores posmodernos, recurre a múltiples formas discursivas mientras reflexiona, simultáneamente, sobre el uso de tales formas y sus posibles limitaciones, como que el pasado solo puede ser leído a través de prácticas discursivas limitadas, pero nunca conclusivas. [...] Todo ello implica la inclusión de estrategias, muy propias de la posmodernidad, como la puesta en abismo, o la subversión de los marcos estructurales de la novela, así como el uso de títulos con diferente tipografía en el índice [...] o peculiares divisiones del libro que revierten la reconstrucción del mundo textual por parte del lector.¹⁶¹

Para Boullosa, é tarefa da escrita a desconstrução, a criação literária produz o desmantelamento que poderá aprofundar a reflexão através do ato de leitura:

Si es cierto que la escritura es destrucción, la lectura muestra otra cara de los libros. Por mi parte, me reconstruyo leyendo, me vuelvo a hacer, cada vez, en la vitalidad de los autores que nos han precedido. Por ellos puedo escribir, por ellos no he terminado conmigo misma en mi obsesión por la destrucción.¹⁶²

160 RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 459.

161 BAY, Carmen Alemany. "Estrategias ficcionales y metaficcionales a propósito de Moctezuma en Llanto. Novelas imposibles de Carmen Boullosa". In: EUDAVE, Cecilia; ORTIZ, Alberto; ROVIRA, José Carlos (Orgs.). **Personajes históricos y controversias en la narrativa mexicana contemporánea. América sin Nombre**, n. 34, Universidad de Alicante, 2013, p. 36.

162 BOULLOSA, Carmen. "La destrucción de la escritura". **Inti Revista de Literatura Hispánica**, México, n. 42,

Assim, entra em jogo o trabalho do/a leitor/a, recompondo essa realidade fragmentada e dissonante, articulando os atores, motivos e consequências das crises – do texto, da representação e dos sujeitos envolvidos no presente da enunciação (escritora, leitor/a). Por essa razão, é tão significativa a decisão de escolher um tema específico - a polêmica da morte e do funeral de Moctezuma – e revisitá-lo, convocando as consagradas vozes que dele se apropriaram ao seu gosto e tempo. Elas alteraram os feitos, assim como, as personagens escritoras de *Llanto* e seus múltiplos narradores (que manipulam a seu modo e em contexto próprio/outro o que dizem as *voces-ceniza* das mulheres enterradas com Moctezuma). De acordo com Anna Reid,

La objetividad supuesta del texto histórico está inmersa dentro de la subjetividad del escritor, creando una tensión entre el texto histórico y la ficción: no hay ninguna versión homogénea del pasado. La manera en que el polvo y las voces, es decir, la memoria oral, están distorsionadas en *Llanto* por la pluma de los narradores y el carácter conflictivo de los documentos históricos, nos hace preguntar sobre los medios de transmisión: ¿con qué fin, por qué y para quiénes se escribe el pasado?¹⁶³

O questionamento nos leva ao conceito bakhtiniano de *avaliação social* ou *horizonte social*, tanto por parte do destinatário quanto do receptor desses discursos/vozes em conflito. Cada recorte histórico traz consigo as marcas individuais e coletivas de um sujeito histórico inserido em um contexto de interesses próprios, com seus motivos e fins determinados por este. Sendo assim, cabe ao leitor, participe do movimento empregado pela autora, reconstruir o horizonte social relacionado às características dos acontecimentos, das personagens, dos discursos, que desencadeiam os argumentos e a tese configurados nesta obra no apagar das luzes do século XX. Logo, pese a tese da impossibilidade da "novela", na escolha pela fragmentação e multiplicidade das vozes que compõem o intento de ficcionalizar um "homem à beira do precipício", na confissão da impotência da escrita frente à dificuldade do tema, da contradição e do silêncio das fontes, *Llanto* se reconstrói no diálogo que estabelece com o seu leitor. Este, dono do seu direito de memória, ciente do papel que ela exerce na configuração do presente e na utopia de um futuro latino-americano menos desigual e mais plural (nas

1995, p. 219.

163 REID, Anna. "La re-escritura en la Conquista de México en *Llanto*, *novelas imposibles* de Carmen Boullosa". *Espéculo*. Revista de Estudios Literarios, N. 24, Universidad Complutense de Madrid, 2003. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/numero24/boullosa.html> Acesso em 15 de maio de 2022.

memórias, nas identidades e nos caminhos epistemológicos) sai também desconstruído e reconstruído pela leitura.

3.3. Enunciar da fronteira: os direitos epistêmicos em um novo horizonte latino-americano

A forma como a questão da identidade é abordada em *Llanto* apresenta, como o esperado com respeito ao tema, uma profunda relação com a configuração das personagens no espaço e no tempo. No entanto, a experiência latino-americana é formada por uma série de fraturas, entre elas, a da dupla concepção sobre a relação do indivíduo e do coletivo com o tempo e também com o espaço. As cosmovisões indígenas e europeias, que compuseram o que somos hoje, diferem substancialmente nesse aspecto. A compreensão indígena de um tempo organizado em ciclos, que introduzem as transformações ditadas pelos deuses para o ordenamento do mundo de acordo com as forças contraditórias operadas nele, entra em choque com a concepção de evolução que o curso da história europeia impôs a todo o universo. A maneira como o humano interage no espaço que o abriga tampouco encontra coincidência entre esses mundos diversos e divergentes. Quem nasce nesse ambiente ambíguo, filhos/as de culturas em conflito e direitos de memória desiguais, vive diariamente, nos mais variados aspectos do ser e do estar, a experiência dessa origem *double*. Quanto aos direitos epistêmicos, quando existem, são como "penetras" que chegam sem convite para a festa, entram na surdina, acompanham com admiração a grandeza do lugar, da cerimônia e dos convidados, mas é melhor que saibam sair sem chamar muita atenção.

A pesquisadora argentina Zulma Palermo brindou a crítica latino-americana com o conceito de *frontería* para anunciar o lugar específico de enunciação do sujeito epistemológico que vive a experiência da colonialidade enquanto voz periférica na história do pensamento moderno. Além do movimento de ruptura com a hegemonia discursiva e com seus mecanismos de homogeneização da vida social e cultural, o conceito convoca as diferentes formações que têm em comum imaginários contra-hegemônicos e suas práticas transgressoras ou de resistência a trabalharem em conjunto em prol da democratização dos poderes tomados e controlados a favor da matriz colonial de poder/saber/ser. Para que isso

ocorra, é necessário destruir os limites simbólicos das fronteiras entre as culturas, fortalecendo as políticas locais em confronto com os discursos - políticos, midiáticos e acadêmicos – que impõem a imagem de um mundo único, global, aberto à competitividade e ao consumo, aquele mesmo que vende o sonho de igualdade no multiculturalismo. O enunciador da fronteira deixa de ser um mero objeto produtor de cultura para ser sujeito de expressão e conhecimento de si, trazendo suas próprias especificidades através de discursos críticos situados. As literaturas de fronteiras se sustentam no referencial teórico/crítico pautado no conceito da *diferença*, orientada por uma lógica que possibilite a rearticulação das histórias, memórias e retóricas locais na polifonia nacional. Para Palermo,

[...] poner en revisión crítica la producción del pasado que da cuenta de nuestro presente desde la sospecha es buscar el desenmascaramiento que libera las situaciones sociales y económicas de emergencia que acucieron y acucian a América Latina. Los discursos que la simbolizan en tanto prácticas de producción de sentido en su multiplicidad y heterogeneidad se constituyen para nosotros un desafío ético y la ética se construye desde la clarificación de cada lugar de enunciación.¹⁶⁴

A destacada escritora e crítica literária norte-americana Gloria Anzaldúa, que desempenhou um importante trabalho acadêmico como professora em várias universidades de seu país, também exerceu uma marcante presença no ativismo feminista antirracista e anticolonialista chicano, publica *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* no ano de 1987. Nesta obra, aparece o conceito de *ferida colonial*, referindo-se à ferida aberta pela conquista espanhola. Como podemos ver no já citado título, o impacto de sua obra e de sua vida irão inspirar o desenvolvimento de uma epistemologia de fronteira. Segundo Borsani,

Anzaldúa se mueve en esa huella, en la huella de la frontera a hacer, de la frontera a habitar, de la frontera que permita ser. Esto es, la frontera opera como un espacio de construcción ontológica en ese cruce de caminos, en ese cruce de tradiciones, en ese cruce de etnias, de procedencias, de memorias y más. [...] la herida, la cisura es tal que no permite cicatrización absoluta y esto es así porque la identidad que se construye en la frontera que se habita no es una única identidad, sino que es el efecto de permanentes transacciones identitarias, nunca estabilizadas sino siempre oscilantes. Se trata de identidades nómadas que se forjan en la negociación fronteriza y en el proceso de dicha negociación permanente la herida se hace presente, se siente.¹⁶⁵

Carmen Boullosa, no capítulo XV de *Llanto*, coloca na voz narrativa da escritora da

164 PALERMO, Zulma. "El Presente de la Crítica Literaria en América Latina". In: CARVALHAL, Tania (Org.). **O Discurso Crítico na América Latina**. Porto Alegre: IEL; Ed. Da Unisinos, 1996, p. 29.

165 BORSANI, María Eugenia. **Rutas decoloniales**. Buenos Aires: Del Signo, 2021, pp. 121-126.

novela a discussão sobre esse mesmo tema. A personagem-escritora fala da decisão de desertar: do primeiro projeto Moctezuma (o dos presságios); do segundo (o que morreu com uma pedrada na testa); do terceiro (o supersticioso) e, por fim, também daquele que a convocou a escrever *Llanto*. O motivo do seu infortúnio: não encontrou uma verdade na qual fundar sua personagem; a explicação: ele foi uma pessoa de verdade, situada em um ponto histórico sensível – uma encruzilhada, um campo de batalha:

No me parece que haya sido supersticioso, no me parece que los presagios hayan ocurrido en su tiempo sino que **fueron inventados después, para ser menor la fractura, el desmantelamiento, el rompimiento con el pasado**. Los presagios fueron hechos **para que la historia no pareciera cuna de cadáveres, para que la comunidad indígena se explicara su presente no como algo totalmente desconocido a sus propios ojos**, sino como algo que vieron venir y que por lo tanto, **de alguna manera, formaba parte de su pasado**. Deserté del hombre que murió de una pedrada porque **no creo que el pueblo mexica se haya atrevido a alzar la mano contra su Tlatoani sino contra el cadáver con el cual pretendían engañarlo**, y en cambio **creo que el conquistador estaba interesado, al escribir sus crónicas, en mostrar la mejor imagen de ellos mismos**, y asesinar a un hombre en cautiverio para una maniobra que no fue oportuna no era algo que debiera dar a conocer; deserté de la idea del hombre atribulado, indeciso, aterrizado y vacilante porque **creo que se ve a Moctezuma vacilar o actuar como un cobarde desde la idea del Occidente de lo que es un cobarde y un hombre que vacila ante una guerra que él no tenía por qué entender**. Deserté del supersticioso y **pretendí encontrar al que se apegaba hasta la desesperación a las nociones de cómo debían ser las cosas mirando de frente solamente a su pasado**. Entendí que **lo que Moctezuma no pudo hacer fue mirar de frente lo que sobrevinía. No entendía el alcance de la llegada**, aun cuando supo que no se trataba de una guerra más. **No vio que se trataba del fin de una manera de concebir el mundo. Del exterminio de un modo de ser. De la frontera de su cultura con tal exterminio.**¹⁶⁶

A leitura do trecho acima nos mostra que a ferida colonial está no centro da escolha de Boullosa. Da mesma forma, nesse mesmo apartado, encontramos a consideração do lugar de enunciação ser o da fronteira:

"Sí que el siglo veinte se parece a la época de la conquista. [...] Los inventos, los dominios sobre la materia van más allá de lo imaginable. También las armas y la violencia. También la crueldad, también los regímenes que nos avergüenzan de ser humanos. No hemos crecido, nos hemos hinchado. Tal vez, si aceptáramos nuestra situación de conquistados por nosotros mismos, **nuestra situación de ser, como fue Moctezuma, personajes en la frontera**, seres situados entre dos territorios, expulsados a la vez de ambos por nuestra incertidumbre, tal vez si lo viéramos..."¹⁶⁷

166 BOULLOSA, Carmen. **Llanto: novelas imposibles**. México D. F.: Ediciones Era, 1992, p. 96-97.

167 *Ibid.*, p. 98. As aspas, que aparecem no texto original, foram mantidas na citação.

O conceito de *pensamento fronteiriço* é elaborado por Walter Mignolo (2000¹⁶⁸) enquanto condição de um projeto desocidentalizante e decolonial, identificado com o estudo anterior de Anzaldúa. Palermo se une ao mesmo e desenvolve um importante trabalho de crítica a partir de um olhar epistemológico do sul, inclusive, trânsito frequentemente pelos espaços acadêmicos brasileiros, demonstrando grande interesse pelo debate intercultural latino-americano. A ideia que motiva este grupo de intelectuais é democratizar o campo do saber, desfazendo o constructo da racionalidade moderna colonial construído a partir de uma dimensão imperial de domínio e subalternização do conhecimento do outro.

De acordo com Mignolo, "la diferencia colonial impuso fronteras al pensamiento y a la teorización, salvo que se importase o exportase la epistemología moderna (la filosofía, las ciencias sociales y las ciencias naturales) a esos lugares en los que la reflexión no se consideraba posible (porque se tachaba de folclore, magia, sabiduría y demás)"¹⁶⁹. Ainda segundo o autor, a *diferença colonial* trabalha em duas direções: rearticulando as fronteiras internas (relacionadas aos conflitos imperiais) e também as fronteiras externas (ao atribuir a si novos significados).

Em *Llanto*, Boullosa percorre ambos caminhos: rearticula as fronteiras internas (criadas pelo mito da traição e, em consequência, o característico sentimento de culpa do traído e fracassado) ao dessacralizar o mito; também realiza o movimento de rearticulação das fronteiras externas ao questionar o saber hegemônico, derrubando antigos véus costurados pela lógica eurocêntrica do pensamento moderno, desconstruindo as imagens dos mitos da conquista forjadas por esta. Ao fim, Boullosa chega à conclusão da impossibilidade para ambos os discursos (histórico e literário) da escrita a partir da verdade histórica. Ela também alcança o êxito de construir o que Palermo denomina "esa política de des-prendimiento de modelos preexistentes, de desarticulación del lenguaje, para hacer de él un muy refinado instrumento de ironía".¹⁷⁰

168 MIGNOLO, Walter. **Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking**. Princeton: Princeton University Press, 2000.

169 _____. **El vuelco de la razón: diferencia colonial y pensamiento fronterizo**. Buenos Aires: Del Signo, 2019, p. 76.

170 PALERMO, Zulma. "Pensar/escribir en la(s) frontera(s)". **Otros Logos**. Revista de Estudios Críticos, n. 12, Universidad Nacional del Comahue, 2018, p. 14-27 (p. 17).

4. CARLOS FUENTES E CARMEN BOULLOSA: A IMAGINAÇÃO LITERÁRIA COMO ATO SUBVERSIVO DE RESISTÊNCIA AO APAGAMENTO HISTÓRICO E SIGNO DA DIFERENÇA COLONIAL

“Inventar un lenguaje es decir todo lo que la historia ha callado”
Carlos Fuentes, *La nueva novela hispanoamericana*

“Pero mi vocación, soy escritora, es la destrucción, y yo no pude respetar la verdad de la reaparición. Me cedí en cambio a la verdad de un libro”
Carmen Boullosa, *La destrucción en la escritura*

Depois de analisar separadamente os relatos e personagens da conquista, resgatados nas obras *El Naranjo* e *Llanto*, lançamos um olhar comparativo sobre as mesmas, no intuito de vislumbrar o alcance do discurso literário na reconfiguração de signos e memórias fundacionais da identidade latino-americana no fim do século XX. O que a escolha de temas, conflitos, protagonistas e antagonistas nos dizem sobre as perspectivas de Fuentes e Boullosa frente ao desafio de ficcionalizar o passado? De que forma os autores se posicionam no diálogo com o discurso historiográfico da conquista da América?

Como podemos observar no trabalho desenvolvido nos capítulos anteriores, ainda que tenham em comum um mesmo período histórico, os autores tomam caminhos diversos. Neste apartado, discutiremos suas escolhas e estratégias. Também trataremos dos papéis da teoria e da crítica no projeto de descolonização literária.

4.1. As encruzilhadas da imaginação literária

Enquanto Fuentes se concentra na questão da língua e no papel do intermediário (do tradutor), assim como, na interrogação sobre o espólio na luta dos herdeiros do conquistador e no retorno de um Colombo imortal (consciente do perigo de sua “descoberta” e da perda de seu paraíso terrenal); Boullosa elege o tema da morte inglória do imperador vencido. A história é escrita pelos vencedores, sendo assim, percebemos que os caminhos dos dois se distanciam no propósito e nos recursos disponíveis para a tarefa de investigação dos registros históricos.

Como vimos durante a análise desenvolvida no capítulo 2, a opção dele está focalizada na experiência dos vencedores, através de personagens que giram em torno do conquistador

Hernán Cortés e do “descobridor” Cristóbal Colón. Ainda que sua narrativa traga as presenças de Malinche e de Martín 2, as tramas de “Las dos orillas” e “Los hijos del conquistador” assinalam sua predileção pelas figuras históricas envoltas na empresa espanhola. O mesmo podemos dizer do relato “Las dos Américas”, com respeito a Colón. As vozes dissidentes (de personagens que se rebelam contra a ordem conquistadora) são de espanhóis arrependidos, aculturados e defensores dos direitos indígenas. No entanto, suas ações ambíguas e seus interesses dissimulados não chegam a alcançar a vitória almejada.

A eleição de Boullosa está orientada pelo desejo de reparação no presente da figura de Moctezuma, manipulada pela história como signo de incapacidade e traição. Ela se apropria das crônicas da conquista para revelar as incoerências e falsidades escondidas nas entrelinhas do texto histórico, sobretudo as que tratam do tema escolhido: a morte do Tlatoani.

Assim como a autora, Fuentes também se apodera das fontes do discurso historiográfico para propor uma leitura outra do processo e dos efeitos da conquista na identidade mexicana, seus protagonistas são indivíduos na fronteira entre mundos diversos, vivendo a experiência de um pertencimento ambíguo. Eles são seres fraturados pela violência e, principalmente, afetados pelo julgamento do outro, fundado na dúvida (da origem, da lealdade, da intenção). No entanto, as escolhas do autor demonstram um apego maior às fontes, um certo compromisso com a memória dos conquistadores, pois as figuras indígenas (Malinche, Moctezuma, Cuauhtémoc) aparecem de acordo com as leituras feitas pelos principais intérpretes europeus da conquista, baseadas, em grande medida, nas crônicas escritas pelos vencedores.

A escrita de Carmen Boullosa se apresenta mais livre tanto na seleção do tema quanto na leitura que ela faz dos documentos, ela não se coloca em dívida com a tradição fundada pelos discursos, histórico e literário, do conquistador. *Llanto* confirma a constatação de que a literatura escrita por mulheres na América Latina, ao tomar a narrativa historiográfica como fonte, alcança a liberdade da desconstrução de um discurso canônico que as desconsiderou, expulsando-as da história que, ao longo dos séculos XIX e XX, elas decidem revisitar¹⁷¹.

Boullosa reconhece as impossibilidades da tarefa que opta por empreender,

171 Escritoras mexicanas como Rosario Castellanos, com o romance *Balún Canán* (1957); Elena Garro, com a obra *La semana de colores* (1964), em especial, o conto "La culpa es de los Tlaxcaltecas"; Laura Esquivel, com o romance *Malinche* (2005); a chilena Lucía Guerra_Cunningham, com a obra *Frutos Extraños*, em especial, o conto "De Brujas y de Mártires" (1997); configuram exemplos da importância desse movimento literário.

construindo a imagem da miopia constitutiva do movimento de indagar uma história não apenas distante, mas apagada. Como única saída possível ao ofício da escrita, ela apresenta a **lente da imaginação e a visão exagerada do escritor** em busca de explicações e matizes:

“El mundo del miope es más afín con el mundo literario que el de quien tiene la vista perfecta. “La indefensión del miope, su certeza de saber que los otros ven más que él, que lo ven antes de que él lo reconozca, la calidad, como de agua, de lo que lo rodea, en la que se mueve todo más lento y, a la vez que difuso, con precisión, hacen que el miope necesita sentir si ahí hay alegría, peligro, amenaza, y, sobre todo, necesita de la imaginación que tan grácilmente se mueve en la espesura del aire que rodea el miope, [...] Aunque corra, el miope es cauto; aunque camine lento no consigue pisar con precisión. [...] “Una visión exagerada de todo, subrayada, en la que la imaginación del miope deambula hasta encontrarle explicaciones y matices, o si no, estirar aún más la liga hasta la exageración y la caricatura. “Todo esto a propósito de Moctezuma. Si he decidido escribir una novela de él es por *miopía*. Los restos que *restan* son como objetos maquillados para semejar haber sido pasados por el cernidor de una mirada miope, se ven pero no se ven. Están ahí pero por más que nos acerquemos a ellos están lejos: forzamos los ojos, los entrecerramos para tratar de ver cómo son... Aceptamos que todo es gesto inútil, porque **no hay lente que nos permita verlos si no es la imaginación**. [...] la cancha para el escritor está libre, no hay más regla del juego que la fantasía, no hay márgenes. Se puede decir que Moctezuma es lo que a uno se le dé la gana: de todos modos no será como sería de ser cierto, de no estar condenado, por la demolición de su ciudad, a ser vistos como miopes, amén.¹⁷²

A destruição da Gran Tenochtitlan e o apagamento das memórias do outro – vencido – faz com que a escuta das vozes enterradas pelo discurso histórico só seja concretizada por via da imaginação literária. A abertura do capítulo, que traz o fragmento explicitando a tese da miopia do escritor, também revela a “única sílaba” que sabe dizer “o vento traidor”: *no*. Assim, podemos notar que a atitude da escrita boulllosiana frente ao discurso histórico é a contestação, que se metaforiza na audição de um vento passado, plural, feminino, identificado com o signo da traição. O olhar míope da escritora sente empatia por Moctezuma, pois, como mulher, guarda memória das reiteradas vezes em que foi responsabilizada pela queda e perdição coletiva de um tempo/mundo irrecuperável. A compaixão pelo caído, difamado e renegado imperador conduz a narrativa de ficção na contramão daquela tomada pela narrativa historiográfica, deixando evidente, através da seleção dos trechos de textos históricos, que os “defeitos” do olhar não se restringem ao fazer literário e que a base da tal “verdade” pretendida pelo discurso histórico é chão instável e escorregadio. Bastou um único

172 BOULLLOSA, Carmen. **Llanto: novelas imposibles**. México D. F.: Ediciones Era, 1992, pp. 90-91. As aspas do texto foram preservadas na citação, assim como aparecem, com aberturas sucessivas e encerramento somente no final do fragmento (no caso, o sexto). Os grifos em negrito são nossos.

episódio/fato – o da morte de Moctezuma – para provar a impossibilidade de se tomar este valor como absoluto.

A dessacralização dos **mitos** originários é empresa compartilhada pelos autores. Fuentes opera a do conquistador nas figuras históricas protagonistas – Colón e Cortés, o descobridor e o senhor do Novo Mundo; mas também nas secundárias, na imagem do intermediário entre os dois mundos, nas figuras dos tradutores – Jerónimo de Aguilar e, de forma tangenciada, Malinche. Boullosa desconstrói o legado da traição atribuído a Moctezuma, ressuscitando e humanizando o imperador na interlocução com três mulheres do final do século XX. Ambos realizam a leitura crítica do mito frente ao homem, seu contexto e seus dilemas, optando pelo recurso da carnavalização para revelar incoerências, ambiguidades, vícios e virtudes, que compõem a complexidade das figuras históricas escolhidas.

Além do fato de compartilharem um tempo histórico singular, as personagens reconfiguradas por Carlos Fuentes têm em comum o espírito aventureiro e destemido do herói clássico somado à individualidade problemática e imprevisível do herói moderno. Paradoxalmente, elas atuam ao mesmo tempo de acordo e em confronto com a ordem estabelecida em um movimento sustentado pelos valores masculinos – de coragem, conquista e glória. Os eleitos de Fuentes são homens de ação, indivíduos motivados pela promessa de grandeza e fama. A experiência do poder e a desmedida do desejo de ampliação deste acabam por conduzi-los ao mesmo e contraditório fim de desonra, perda e difamação.

Na opção de Boullosa, temos a destruição da figura do anti-herói consagrada pela história transmutada em signo de fatalidade, abandono e incompreensão, todos decorrentes de uma leitura ingênua e descuidada do discurso encobridor. Ao contrário das personagens de Fuentes, seu protagonista tem uma atitude temerosa diante da realidade instalada na desordem e sem-sentido do fim do seu mundo. Para a autora, ele não teria por que compreender de outra maneira que não aquela relacionada às formas de leitura de seu próprio mundo, desfazendo a imagem do traidor em traído e do incapaz em um ser confuso, solitário e incrédulo diante do precipício de seu tempo. Moctezuma é aquele que teme, questiona, mas não encontra as esperadas respostas dos deuses.

Vale a pena ressaltar que Boullosa faz menções pontuais de Malinche em *Llanto*, relacionando-a com a polêmica da traição, mas sem demonstrar grande interesse pela

personagem. O antagonista privilegiado é Cortés, comandante da guerra, principal responsável pela infâmia de uma falsa morte encenada, pela queda e consequente ruptura com aquele outro tempo irrecuperável:

Como todos los habitantes del mundo, somos hijos de la comprensión, la gestación y el crimen, en nuestro caso concreto porque Cortés comprendió, escuchó los signos de otra cultura y supo interpretarlos, porque Cortés fecundó en la hija de Motecuhzoma a la nieta del gran Tlatoani, porque Cortés comandó la guerra que rompió para siempre aquel otro tiempo, irrecuperable para siempre, para siempre vivo...¹⁷³

Segundo Ordiz, a partir dos anos 30 do século XX, a literatura hispano-americana se caracteriza em grande medida pela subversão do modelo realista, relacionando-a com os parâmetros atuais do debate sobre a subalternidade e os estudos pós-coloniais:

El realismo mágico, lo real maravilloso, la fantasía, el surrealismo, el mito, son en realidad distintas bifurcaciones de un mismo camino por el que empiezan a transitar en la década señalada y en las inmediatamente siguientes escritores como Borges, Miguel Ángel Asturias o Alejo Carpentier, en una línea que se extiende hasta Carlos Fuentes, objeto principal de mi intervención. [...] El derrumbamiento del optimismo y de la confianza en el ser humano y el progreso, derivado del panorama de muerte y destrucción que genera el conflicto, favorece la aparición de expresiones artísticas que analizan la degradación moderna y adoptan una estructura o un tema mítico como forma irónica de contraste. [...] En otros casos, los escritores intentan rescatar el carácter ejemplar de los mitos tradicionales o los utilizan para bucear en los resortes de la identidad profunda de sus respectivas culturas, amenazadas por el cientificismo racionalista y las tendencias uniformadoras de una estructura socio-política que funciona al servicio del poderoso, sea local o internacional, y cuyo verdadero rostro se empieza a perfilar tras la segunda gran guerra. El mito comienza a erigirse en este contexto como un factor de resistencia frente al creciente impulso globalizador en una forma de contraste dialéctico entre la realidad de una “aldea local” y los desafíos y agresiones de la “aldea global”.¹⁷⁴

Ainda de acordo com o crítico (ORDIZ: 2003, p. 9), o mito exerce o papel de identificação com uma raça e um sistema religioso determinados, congregando os sonhos e as esperanças, como também, os dramas e as contradições da humanidade, que permanecem inalterados para além de tempos e espaços. A história mexicana repete, incansavelmente, o mesmo mito da traição envolta em tramas de poder, corrupção e violência.

Para entender o vínculo dos autores com esta estética e sua perspectiva artística sobre o real, vale relembrar um trecho da obra que produziu a ruptura com a tradição, inaugurando

173 *Ibid.*, p. 119.

174 ORDIZ, Francisco Javier. “Mito e identidad en la obra de Carlos Fuentes.” Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras - Universidad Católica Argentina, 2003, p. 1-2.

esse novo caminho do realismo mágico, *El reino de este mundo*, do escritor cubano Alejo Carpentier, publicada em 1949:

Pero es que muchos se olvidan, con disfrazarse de magos a poco costo, que lo maravilloso comienza a serlo de manera inequívoca cuando surge de una inesperada alteración de la realidad (el milagro), de una revelación privilegiada de la realidad, de una iluminación inusual o singularmente favorecedora de las inadvertidas riquezas de la realidad, de una ampliación de las escalas y categorías de la realidad, percibidas con particular intensidad en virtud de una exaltación del espíritu que lo conduce a un modo de “estado límite”. Para empezar, la sensación de lo maravilloso presupone una fe.¹⁷⁵

Como não pensar na adesão de Boullosa ao “milagre”, visto o ressurgimento de Moctezuma II no coração da Cidade do México em 1986; ou de Fuentes com seu Colombo imortal em um voo de retorno à Espanha quinhentos anos depois? A ampliação das escalas e categorias da realidade corresponde aos limites vislumbrados pelos escritores na fronteira do século XX, anunciando os desafios presentes e futuros. Segundo Fuentes, um dos mais significativos é o da necessidade de invenção de uma nova linguagem:

[...] nuestro lenguaje ha sido el producto de una conquista y de una colonización ininterrumpidas; conquista y colonización cuyo lenguaje revelaba un orden jerárquico y opresor. [...] La nueva novela hispanoamericana se presenta como una nueva fundación del lenguaje contra los prolongamientos calcificados de nuestra falsa y feudal fundación de origen y su lenguaje igualmente falso y anacrónico.¹⁷⁶

Em se tratando do processo de identificação apontado por Ordiz, percebemos o trabalho de Boullosa voltado à identidade mexicana, pois seu empenho se orienta ao resgate e desmitificação do mito da traição em Moctezuma. No caso de Fuentes, a recuperação do mito do conquistador fala mais à identidade europeia, ainda que trate a partir da experiência da mestiçagem, do indivíduo cindido entre culturas diversas. O trabalho do autor de *El Naranjo* quer “fazer as pazes”, busca a reconciliação, a união pela herança cultural compartilhada com o conquistador, o sonho de retorno à casa paterna. Mas ele quer e realiza a desconstrução da ordem hierárquica, para isso, faz uso do dialogismo bakhtiniano e, através da recuperação das experiências históricas comuns entre o velho e o novo mundo, cobra o direito ao patrimônio cultural que também a ele pertence enquanto herdeiro.

Boullosa opta pelo conflito, sinalizado desde a polêmica da morte, demonstrando -

175 CARPENTIER, Alejo. **El reino de este mundo**. Madrid: Alianza Editorial, 2004, p. 9-10.

176 FUENTES, Carlos. **La nueva novela hispanoamericana**. 4. ed. México: Joaquín Mortiz, 1974, p. 31.

através da articulação dos textos/documentos legais – o signo ideológico presente em cada texto e o horizonte social (do narrador e do narratário). A estratégia comparatista eleita por ela denuncia as incongruências das variantes apresentadas pelos diversos cronistas de um mesmo fato, colocando os próprios espanhóis a desdizê-lo. Para a autora, o romance – matéria de destruição¹⁷⁷ – coloca o leitor em risco, o romancista é um destruidor (não um construtor) de mundos, a literatura ameaça a estabilidade do mundo do leitor, tira seus pés do chão, produz a experiência do desconforto e, com ela, mobiliza a transformação. Quanto ao tema em questão, ela desmitifica, destruindo a identificação do protagonista com o mito do traidor, da mesma forma, negando a herança e peso da culpa sobre a face indígena dos herdeiros na constituição da atual identidade mexicana: “El mexica no hiere los caminos con la risa helada de la rueda ni tampoco traiciona el Mundo de los dioses, a las cosas, con la palabra escrita. Reconcilia sobre el papel, representa. No violenta sobre el amate, armoniza. Su representación escrita es puente y señalamiento” (BOULLOSA: 1992, p. 113).

Na leitura crítica de Fuentes, a América espanhola foi fundada pela utopia e ela constitui seu destino. Na obra ensaística intitulada *El Espejo Enterrado*, publicada no ano de 1992 (um antes de *El Naranja*) ele afirma que:

los habitantes del Nuevo Mundo fueron vistos, alternativamente, como de verdad inocentes y como caníbales bárbaros y traidores, viviendo desnudos y en pecado. A lo largo de la historia de la América española, el sueño del paraíso y el noble salvaje habría de coexistir con la historia de la colonización y el trabajo forzado. Pero la ilusión del Renacimiento persistió a pesar de cuanto la negaba, transformándose en una constante del deseo y del pensamiento hispanoamericanos. Fuimos fundados por la utopía; la utopía es nuestro destino.¹⁷⁸

Segundo Rodríguez Coronel, “a história do romance latino-americano, desde suas primeiras formulações, esteve acompanhada por aspirações renovadoras que se desenvolvem num plano utópico”.¹⁷⁹ Para o crítico, quando essa narrativa encontra um contexto promissor (das revoluções do século XX), essas aspirações se tensionam e ficam mais nítidas as formas de interrogação e participação na história através da literatura.

Os autores apresentam, em suas respectivas obras, uma imaginação utópica centrada

177 BOULLOSA, Carmen. “La destrucción de la escritura”. *Inti-Revista de Literatura Hispánica*, n. 42, México, 1995, p. 217-218.

178 FUENTES, Carlos. *El Espejo Enterrado*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 56.

179 RODRÍGUEZ CORONEL, Rogelio. “Um diálogo com a história: romance e revolução”. In: CHIAPPINI, Ligia; AGUIAR, Flávio Wolf (Orgs.). *Literatura e História na América Latina*. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 48.

na **natureza**. Tanto Fuentes quanto Boullosa exploram o imaginário utópico de um espaço (mexicano, latino-americano) ciente do risco da catástrofe ambiental anunciada para o mundo. É interessante observar que eles articulam o tema com a experiência dos ancestrais ressurgidos/reconfigurados. O descobridor, o conquistador e seus herdeiros, os narradores, ressaltam a riqueza natural como o bem imaterial capaz de garantir a resistência e sobrevivência de todos.

Os ocidentais são os únicos que fazem a diferenciação entre natureza e cultura, entre ciência e sociedade, a partir da qual a colonialidade do saber legitima a missão civilizadora, normalizando uma lógica colonizadora fundada nas deficiências e desvios das sociedades consideradas bárbaras, não civilizadas, portanto, necessitadas do domínio civilizador. Os discursos históricos construídos nos processos intitulados “evangelização”, “modernização”, “desenvolvimento”, “globalização”, constituíram um modelo civilizatório identificado como única via possível de futuro, espelho para todo o mundo. A cisão homem-natureza foi constituída como signo de civilidade e, o seu oposto (comum entre os ameríndios, africanos, chineses etc), desculpa para invasão, espoliação, negação e extermínio. De acordo com Mignolo,

¿El hombre "moderno" construyó su sentido de superioridad en el proceso de afirmar su orgullo y cortar el cordón umbilical con la "naturaleza", mientras que el hombre "primitivo" aún estaba cercano a ella y estar cerca significa estar lejos de la civilización. Sin embargo, los incas, por ejemplo, estaban cerca tanto de Pachamama como de lo civilizado. Pero esa idea fue destruida por la retórica de la modernidad con el fin de construir la lógica de la colonialidad justificando las acciones hacia los "bárbaros en el espacio" en primer lugar y "a los primitivos en el tiempo," en segundo lugar.¹⁸⁰

No relato “Las hijos del Conquistador”, Fuentes configura um espaço idílico no coração selvagem da antiga Tenochtitlan, no qual os irmãos rivais se encontram e suspendem, ainda que provisoriamente, suas diferenças em razão de um comum desejo de liberdade. Além da descrição de um entorno natural exuberante, há também a advertência de um dos irmãos: “Oye lo que dice la tierra”¹⁸¹, e um contato profundo, espécie de simbiose, entre o humano e o natural. Em “Las dos Américas”, diferentemente, a atitude (dessa vez a do desbravador europeu) é sobretudo de contemplação. Como representante da separação entre o sagrado, o

180 MIGNOLO, Walter. **El vuelco de la razón: diferencia colonial y pensamiento fronterizo**. Buenos Aires: Del Signo, 2019, p. 111.

181 FUENTES, Carlos. **El naranjo, o los círculos del tiempo**. México D.F.: Alfaguara, 1993, p. 92.

humano e da natureza, temos um Colombo fracassado no intento de preservar seu paraíso particular, mas consciente da importância da preservação: “todo está preparado para vivir bien si se quiere prolongar la vida y respetar su flujo natural. Todo se vuelve contra uno, en cambio, apenas nos mostramos hostiles y queremos dominar, dañándola, a la naturaleza”¹⁸². A ruptura que a razão moderna produziu, colocando os seres humanos na posição de exterioridade ao corpo e ao mundo, resultou na sede de controle da natureza pelo humano, tão bem caracterizado no conto nas atividades da corporação japonesa. A transformação do espaço (antes puro, natural, harmônico) e da sociedade, a negação (na verdade, ocultação) da propriedade reflete a naturalização e universalização da cosmovisão liberal:

Quiero abreviar. **El paisaje se transforma.** Un humo ácido penetra hasta mi garganta día y noche. Mis ojos lloran hasta cuando le sonrío al activísimo señor Nomura, mi protector, quien ha puesto a mi servicio una guardia de samurais contra la gente que me ha amenazado o que organiza sindicatos y protestas. Todo va dirigido contra mí, pues soy la única cabeza visible de este nuevo imperio anónimo. Hace poco, eran mis amigos. _Recuerde, don Cristóbal. Somos una corporación para el siglo XXI. Rapidez, agilidad, son nuestras normas. Evitamos las oficinas y la burocracia, no tenemos planta o equipo, lo alquilamos todo, nada más. Y cuando los periodistas le hagan preguntas sobre el verdadero dueño de Paraíso Inc, usted nomás diga: Nadie. Todos. Espíritu de equipo, Cristóbal San, lealtad a la compañía, yoga en las mañanas, un valium cada noche...¹⁸³

O regime das separações resulta em uma limitação do imaginário, refém de um padrão civilizatório que despreza, nega e anula a diferença, desconsiderando o outro. No capítulo XV de *Llanto*, a narradora-escritora do romance estabelece uma perspectiva comparatista entre os dois momentos históricos representados na obra:

“Esa época se parece a nuestro siglo veinte. A ellos se le murieron los dioses [...] los nuestros, el nuestro, ha muerto. No tuvimos conquistador: nuestro mundo ha sido rendido por nosotros mismos. Nuestros dioses han muerto, sentimos que vamos a perecer, vemos con dolor que se acerca el fin del ser humano y que si no se acerca (¡ojalá no sea así!) es por lo menos algo posible, algo que puede ser, algo factible, algo que el hombre puede hacer. Nuestras sombras se burlan de nosotros, nuestras sombras tienen forma de armas atómicas. **Hemos devorado gran parte del planeta con la boca maquillada de la civilización.** Sabemos que nuestros dioses y nuestras costumbres murieron y que somos hechos de la sangre que nos destruyó y de la sangre que perdió a los dioses, somos hechos de todo, del que ganó y del que perdió, del que triunfó y del derrotado, del que destrozó y del que fue destrozado, de la resistencia y valentía de la parte vencida y de la derrota del ganador, sobre todo de estos dos últimos elementos. Es posible que entendamos: necesitamos entender. Creemos ver nuestro fin; somos nosotros quienes lo hemos trazado. Algo le ha dado

182 *Ibid.*, p. 242.

183 *Ibid.*, p. 248.

guerra a la humanidad; algo somos nosotros. **Alguien nos propone una manera distinta de entender espacio, tiempo, cuerpo, idea, representación, imagen**; ese alguien somos nosotros.¹⁸⁴

Edmundo O’Gorman, ao recuperar a polémica do Frei Bartolomé de Las Casas e do humanista espanhol Juan Ginés de Sepúlveda sobre a natureza e índole dos povos originários, constrói seu argumento sobre a invenção da América pelos europeus. Para o historiador mexicano, a ausência da história se fundamenta na restrição ao ser natural:

A consequência da redução dessas culturas à esfera própria da sociedade natural foi a de que o ser *sui generis*, que hoje se lhes reconhece, ficou anulado como carente de significado histórico “verdadeiro” e sem qualquer possibilidade de receber os valores da cultura europeia; sem qualquer possibilidade, numa palavra, de realizar na América outra Europa. Esse foi o ser, por conseguinte, com o qual foi inventada a América, do ponto de vista ético.¹⁸⁵

Dussel (1992, p. 95) sustenta que Las Casas "descubre la irracionalidad encubierta en el 'mito' de la culpabilidad del Otro". Na visão do filósofo, O’Gorman descreve a historicidade americana desde a mesma perspectiva eurocêntrica que pretende criticar, defendendo que:

el ‘ser asiático’ es un invento que sólo existió en el imaginario, en la fantasía estética y contemplativa de los grandes navegantes del Mediterráneo. Es el modo como “desapareció” el Otro, el “indio”; no fue descubierto como Otro, sino como “lo Mismo” ya conocido (el asiático) y sólo re-conocido (negado entonces como Otro): “en-cubierto”.¹⁸⁶

Segundo María Lugones, a constituição do mito da Europa estruturou a composição, também mítica, dos considerados “primitivos”:

A Europa é concebida miticamente como preexistente ao capitalismo global e colonial, e como tendo alcançado um estado muito avançado nesse caminho unidirecional, linear e contínuo. Assim, a partir do interior desse ponto de partida mítico, outros habitantes do mundo, outros seres humanos, passaram a ser miticamente concebidos não como dominados através da conquista, nem como inferiores em termos de riqueza ou poder político, mas como uma etapa anterior na história das espécies nesse caminho unidirecional. Esse é o significado da qualificação “primitivo”.¹⁸⁷

184 BOULLOSA, Carmen. **Llanto: novelas imposibles**. México D. F.: Ediciones Era, 1992, p. 97.

185 O’GORMAN, Edmundo. **A invenção da América**: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir. Trad. Ana Maria Martínez Corrêa. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 198.

186 DUSSEL, Enrique. **1492, El encubrimiento del otro** – Obras Selectas XVIII. Buenos Aires: Docencia, 2012, p. 41.

187 LUGONES, María. "Colonialidade e gênero". In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento**

Lugones constrói uma leitura crítica da estrutura do padrão colonial de poder elaborado por Quijano, acrescentando a interseccionalidade das categorias de raça e gênero como fundamentais na configuração do que ela denomina *sistema de gênero moderno/colonial*.

A discussão sobre a invenção da América pelos europeus, alicerçada em classificações eurocêntricas racistas dissimuladas no critério da supremacia das sociedades consideradas civilizadas em contraposição às bárbaras (todas aquelas que não cabem na lógica da razão ocidental) tem íntima relação com a conquista. Fuentes e Boullosa optam pela desconstrução desse imaginário de dominação, privilegiando a cosmovisão indígena, em especial a relação de integração entre o humano, o sagrado e o mundo na consciência da importância e valor da natureza. Ambos articulam vozes narrativas que alertam sobre os perigos da desordem, inconsequência e violação da ação humana sobre o planeta. Da mesma forma, *El Naranjo* e *Llanto* configuram um horizonte utópico em que o elemento natural é fonte de conhecimento, comunhão e sobrevivência. A episteme indígena aparece como uma proposta de “novo” paradigma de consciência, que surge de sua experiência ancestral de recordar e respeitar o meio ambiente, projetando uma reintrodução do espaço e do tempo no corpo da cidade e no espírito do ser que a habita, desfazendo a lógica da separação da história da geografia e do domínio do tempo sobre o espaço. A apreciação do papel da natureza na criação de riqueza torna-se primordial no presente histórico, ela precisa ser incorporada na análise social. A literatura se mostra conhecedora do problema, apontando o urgente resgate dos conhecimentos dos povos nativos, atores fundamentais no processo de conscientização ambiental.

Assim como o mito e natureza, **a morte** se constitui como chave interpretativa fundamental para se compreender as duas obras. Em *Llanto*, ela é tema e eixo do confronto entre os discursos da literatura e da história, a grande questão levantada pela autora sobre quem tem direito à memória do corpo relegado pela história e o que ele diz do crime do qual foi vítima. Boullosa rejeita a glorificação dos feitos históricos dos conquistadores, prefere a polêmica e incerta investigação de um assassinato infame. *El Naranjo* também privilegia o derradeiro acontecimento, é da morte que fala a voz do primeiro tradutor da conquista, Jerónimo de Aguilar, através dela a personagem alcança a liberdade necessária para fazer sua

feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 59.

leitura da empresa conquistadora, o relato póstumo permite que, finalmente, ele possa revelar-se protagonista da história. A morte de Cortés possibilita o balanço de sua vida feito pelos seus herdeiros – Martín 2 e Martín 1. No caso de Colón, curiosamente, é a imortalidade produzida pela imaginação literária que produz a estranheza e a proximidade e relativização dos espaços-tempos em choque. Antilia permite que a miragem do paraíso utópico seja convertida em uma distopia de domínio, mal-estar e encerro. Como podemos observar nos capítulos anteriores, na análise detalhada das obras, a experiência da morte é convocada para, ao dar corpo à narrativa a partir do dilema histórico, permitir-nos relembrar os despojos “mal-enterrados” e as vozes esquecidas.

Paolo Rossi discute as relações entre ética e estética ao falar dos “assassinos da memória” no desenvolvimento do saber científico. Segundo o historiador e filósofo italiano,

os apagamentos não ocorrem apenas na reelaboração dos manuais científicos ou na substituição de novas verdades por proposições antes aceitas como verdadeiras. Não dizem respeito apenas ao crescimento do saber. [...] O “apagar” não tem a ver só com a possibilidade de rever, a transitoriedade, o crescimento, a inserção de verdades parciais em teorias mais articuladas e mais amplas. Apagar também tem a ver com esconder, ocultar, despistar, confundir os vestígios, afastar da verdade, destruir a verdade. Com frequência se pretendeu impedir que as ideias circulem e se afirmem, desejou-se (e se deseja) limitar, fazer calar, direcionar para o silêncio e o olvido. Aqui, o convite ou a coerção ao esquecimento tem a ver com as ortodoxias, com a tentativa de coagir todo o pensamento possível dentro de uma imagem enrijecida e paranoica do mundo.¹⁸⁸

As lacunas de uma **memória** coletiva dinâmica, tal qual a identidade e a cultura, permitem que a imaginação literária percorra um caminho revisionista de inquietação criativa, atualizando o discurso historiográfico e inscrevendo tempos e espaços de existência e resistência diante do apagamento histórico. Esta memória recomposta, recriada a partir das brechas, que traz consigo as dores da ferida colonial e da dupla consciência do sujeito que vive a experiência colonial, reconfigura as geopolíticas do poder-saber a partir das marcas destas memórias fraturadas. Mas elas também contam as memórias individuais, subjetivas, que compõem o curso da história. Em Fuentes, lemos uma perspectiva histórica que reatualiza um conquistador em sua vida íntima, através de um olhar ao âmbito privado do mito: as relações familiares, a afetividade, o comportamento sexual, as crises “domésticas” entre suas esposas e filhos. Da mesma forma, Boullosa recria as memórias individuais de Moctezuma,

188 ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 31-32.

através de uma “estampida de imágenes” carregadas de um lirismo capaz de abarcar a complexidade da personagem e do seu tempo-mundo, assim como, de demonstrar a força criativa do discurso literário. Dessa forma, a literatura faz a releitura das narrativas hegemônicas legitimadas pelo discurso historiográfico e, através da lente da ironia, contesta as “verdades” dos registros históricos. A realidade e a imaginação se complementam no discurso literário. A fragmentação das vozes que integram a heterogeneidade das identidades latino-americanas constroem um contradiscurso desafiador dos maniqueísmos do discurso colonizador.

Na última página da obra, Fuentes finaliza com a reflexão do Colombo imortal sobre o processo sempre presente da emigração e deslocamento “doloroso” dos povos, colocando na voz do “descobridor” sua perspectiva de integração a partir da lógica do movimento circular do tempo:

Repito la oración, aprieto la llave, acaricio las semillas y me entrego a un vasto sueño sobre el mar, en el que el tiempo circula como las corrientes y todo lo une y relaciona, conquistadores de ayer y de hoy, reconquistas y contraconquistas, paraísos sitiados, apogeos y decadencias, llegadas y partidas, apariciones y desapariciones, utopías del recuerdo y del deseo... La constante de este trasiego es el movimiento doloroso de los pueblos, la emigración, la fuga, la esperanza, ayer y hoy.¹⁸⁹

A necessidade imperiosa de emigrar, carregada de movimentos significativos e contraditórios, conduz sujeitos de origens e cosmovisões diversas e, de alguma forma, aproxima a todos pela experiência do eterno cruzar no espaço e no tempo.

4.2. As estratégias narrativas, o exercício da teoria e o papel da crítica

A tarefa de cotejar as estratégias narratológicas desenvolvidas nas obras de Fuentes e Boullosa nos permite observar as perspectivas que eles têm da função do discurso literário na opção do diálogo com o discurso historiográfico, assim como, do papel do(a) escritor(a) na reconfiguração do tempo passado e de seus laços com o presente e o futuro. Eles compartilham o interesse pelo tema, a consciência da importância do resgate dos mitos fundacionais, o exame das grandes questões da identidade mexicana, mas suas realizações apresentam diferenças cruciais, sobretudo as relacionadas às formas e estratégias narrativas

189 FUENTES, Carlos. **El naranjo, o los círculos del tiempo**. México D.F.: Alfaguara, 1993, p. 253.

preferidas.

Fuentes utiliza como estratégia a proximidade entre o sujeito enunciador e a realidade narrada, por isso, sua opção pelo relato. Não há a distância entre o sujeito e o objeto basilar na validação do relatado, os três planos – da história, da narração e do relato – se fundem em um mesmo tecido textual. O valor testemunhal fundamenta todos os relatos: do tradutor Jerónimo de Aquilar (voz do anti-herói esquecido pela cultura e pela história); dos filhos de Cortés (cujas visões do conquistador são resultantes do contato íntimo que cada um teve com o pai); do descobridor-descoberto, ironicamente, séculos depois, por aqueles que pretendia encontrar. A história se reconstrói desde a perspectiva do protagonista ou da testemunha, renunciando à objetividade do discurso oficial. A proximidade, os laços afetivos, os preconceitos, dão vida ao relato através de vozes que falam da experiência cotidiana do amor não correspondido, dos problemas da paternidade e/ou da maternidade, da solidão do aventureiro desbravador. O embate ideológico, que surge do lugar de enunciação, produto da heterogeneidade, da fragmentação identitária, desvela perspectivas em conflito, mas os laços de sangue e os elementos culturais imbricados operam, na releitura de Fuentes, uma espécie de ponte, elo entre as margens de um oceano e de um tempo que retorna e reúne.

Boullosa articula uma história fragmentada, que privilegia a multiplicidade de vozes narrativas, mistura relatos de aspectos cotidianos com acontecimentos históricos da vida de Moctezuma. Através de uma tecitura caótica de textos aparentemente desconexos, da composição entre características de gêneros literários distintos – lírico, narrativo e dramático - a autora rompe com as fronteiras das formas literárias para, depois, revelar a falácia da verdade histórica na singela apresentação de recortes de registros históricos contraditórios sobre o mesmo tema e acontecimento. Pese a tese da impossibilidade da verdade histórica e da concretização de um romance sobre a vida de Moctezuma, o discurso literário encontra sua realização no presente narrativo, na história de três mulheres que aproveitam a oportunidade do novo encontro com a história do outro, só possível a partir da lógica da contemporaneidade. As vozes negadas pelo discurso historiográfico aparecem como alternativas, destacadas em letras maiúsculas, anunciando a possibilidade da arquitetura que o romance de “destruição” comprova: a inclusão das vozes dos esquecidos, vencidos e silenciados, que agora querem e podem ser ouvidas. O uso do destaque (em negrito, itálico, letras maiúsculas, aspas, rubricas, capitulação) é outro recurso perturbador pelo exagero

significativo, facilitado pela literatura pós-moderna. Estas diversas vozes replicantes, aliadas aos recursos formais, ampliam o alcance do discurso, demonstrando o aumento de perspectivas que a imaginação literária é capaz de produzir.

Enquanto Fuentes se libera do princípio da *praxis* historiográfica, optando pela proximidade narrativa a partir do testemunho de realidades subjetivas, Boullosa utiliza uma dupla estratégia para narrar: do presente, em primeira pessoa; do passado, mantendo a distância temporal e pronominal. Este fato é curioso, visto o ideário de escrita como destruição da autora, já que ela se ocupa mais com a forma e a prática do registro do discurso histórico, a escolha das profissões das personagens mulheres (as três amigas) o indicam, bem como a orientação na perspectiva narrativa quanto ao tempo e tipo de relato. Segundo Mattalia,

mientras las voces de estas mujeres van encabezadas en la entrada de cada intervención por su nombre y se colocan en la escritura como actos de relato oral ("Habla Laura", "Habla Luisa", "Habla Margarita") proferidos en primera persona; las sensaciones y reflexiones de Moctezuma son relatadas y comentadas por un narrador anónimo, pero calificado para dar indicaciones de lectura [...] Dos estrategias entonces: se cuenta desde el presente trabajando la ficción testimonial – las voces juegan el papel de testigo –, mientras que el pasado sólo se puede escribir desde una tercera persona que instaure la distancia temporal y pronominal de la ficción novelesca – la narratividad topificada del discurso de la Historia.¹⁹⁰

A saída encontrada, por ambos escritores, frente à ausência de vestígios históricos é a da imaginação literária fundamentada no heterodiscurso dialogizado, na polifonia que constitui a possibilidade de verdades subjetivas e plurais. Fuentes coloca os discursos em confronto: dos herdeiros (Martín 2 e Martín 1), dos tradutores (Aguilar e Malinche), do descobridor contra ele mesmo diante do objeto de seu sonho (Colón *versus* o desejo do oriente).

A metalinguagem em *Llanto* é recurso importantíssimo, que acaba roubando a atenção do leitor envolto entre as incertezas e dilemas dos escritores e escritoras que competem pela escrita desta história impossível, inspirada por musas enganadoras. Em “Último capítulo” (BOULLOSA: 1992, p. 110), a voz narrativa estabelece uma leitura metanarrativa do papel daquele que “por las palabras del escritor se ve forzado a dejarlo todo, a irse donde la novela

190 MATTALIA ALONSO, Sonia. “Representaciones del otro: Llanto (historias imposibles), de Carmen Boullosa”. In: EUDAVE, Cecilia; ORTIZ, Alberto; ROVIRA, José Carlos (Orgs.). Personajes históricos y controversias en la narrativa mexicana contemporánea. *América sin Nombre*, n. 9-10, Alicante, 2007, p. 131.

es posible”: o leitor. Depois da leitura de como os elementos – homem, escritor, leitor, texto, personagem – entram no romance, a narradora responde ao leitor: “Pero ya tengo el personaje en las páginas, ya lo tengo aquí, en mi ciudad y en mi libreta, los traje corriendo por años; te guste o no regresará’ y añado, sin darle tiempo de brincar sobre mí para rebatirme o violentarme, las siguientes páginas” (BOULLOSA: 1992, p. 113-114). Nas últimas páginas, a reflexão metaficcional examina a temática da identidade mexicana, explorando a figura e importância de Hernán Cortés, que também é humanizado pela escrita boullosiana. Ainda que reconheça a marca do conquistador como fundamento identitário, ela toma o caminho oposto ao eleito por Fuentes, não é nele que se concentra seu esforço ficcional e metaficcional, ela dirige quase toda sua atenção ao *gauche*, desconstruindo e fazendo renascer sua imagem da polêmica morte. Com isso, ela oferece uma reconfiguração mais negativa dos conquistadores que aquela representada pelo autor del *Naranjo*.

As obras em análise se enquadram nas características do chamado “novo romance histórico latino-americano”. De acordo com Menton, ele se identifica por seis traços:

1. La subordinación, en distintos grados, de la reproducción mimética de cierto periodo histórico a la presentación de algunas ideas filosóficas.
2. La distorsión consciente de la historia mediante omisiones, exageraciones y anacronismos.
3. La ficcionalización de personajes históricos a diferencia de la fórmula de Walter Scott – aprobada por Lukács – de protagonistas ficticios.
4. La metaficción o los comentarios del narrador sobre el proceso de creación.
5. La intertextualidad.
6. Los conceptos bajtinianos de lo dialógico, lo carnavalesco, la parodia y la heteroglosia.¹⁹¹

Como vimos nas análises dos capítulos 2 e 3, tanto *El Naranjo* quanto *Llanto* apresentam os traços apontados acima. Também tivemos a chance de observar que esta nova narrativa assimila o mito, a lenda, a cultura oral, todos participantes do espaço comum da linguagem e da cultura. Ambas obras fazem uso: dos monólogos interiores; da multiplicação de narradores e seus diversos pontos de vista; da crítica da representação; do eixo polifônico do discurso; da diversidade dos espaços da ação (incluindo os imaginários); da caracterização polissêmica e ambivalente das personagens. O professor Saúl Sosnowski, no capítulo de *América Latina: palabra, literatura e cultura* (1995), no qual realiza a revisão da história literária do “novo” romance hispano-americano, analisando o momento de ruptura e o estabelecimento de uma “nova” tradição, destaca o papel da teoria e a tarefa central dessa

191 MENTON, Seymour. **La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993, p. 44-45.

narrativa:

El cultivo heterodoxo del debate teórico en torno al discurso literario sugería, en cambio, que las letras adquieren su por siempre variable sentido a través de la igualmente fluctuante subjetividad y de sus condicionantes históricos. Es precisamente desde ese estadio que se construyeron, a mi parecer, las obras más perdurables de esta época. [...] una de sus tareas centrales es rescatar las voces ausentes – aquéllas que la crítica feminista se ha encargado de aportar, aquéllas que la formación de la literatura-testimonio ha tomado a su cargo, aquéllas que ya hablan de América Latina con otras voces. Si una de las facetas primordiales que ha ofrecido la nueva narrativa ha sido la recuperación de una realidad menos enajenante, esta constante tarea de cartógrafos, exploradores e intérpretes quizá no sea del todo ajena a ese modesto fin literario que celebra la ausencia de los vacíos y la fundación de nuevas tradiciones.¹⁹²

O processo de retroalimentação vivenciado entre a produção literária e a crítica cultural ao longo do século XX produz um efeito na forma como a literatura tem encontrado o seu público nas últimas décadas. Segundo Palermo,

las políticas literarias adquieren otra significación en la medida en que nos permite reflexionar acerca de nuestras condiciones de existencia, nos impulsa a enfrentar los “miedos a ser nosotros mismos” como diría Rodolfo Kusch (2002) y nos posibilita reconocernos en nuestras limitaciones pero también en las infinitas opciones para hurgar en la memoria y encontrar allí las claves que hacen de nuestra representación un acto de conciencia de “estar siendo”.¹⁹³

Em sua obra *A Cidade das Letras*, o crítico cultural Ángel Rama desvela o caráter exclusivista e oportunista do trabalho intelectual, que reflete e refrata os princípios elitistas de concentração, conservação e hierarquização do poder, no obcecado desejo dos habitantes da cidade letrada em se acercar e sustentá-lo através do exercício de uma ordem dos signos incapaz de perceber outras vias. Rama nos conduz por um caminho de astuta reflexão da historicidade do processo literário e, de forma mais ampla, do cultural, apontando os efeitos dessa na contemporaneidade na relação dialógica entre um presente que reflete um passado e projeta um futuro para a cidade. Suas abonações são, especialmente, de vozes latino-americanas no caminho da história, da crítica e das culturas locais, em diálogo crítico com as antigas e novas vozes da Europa, como também com algumas do norte, dispostas a construir

192 SOSNOWSKI, Saúl. “La ‘nueva’ novela hispanoamericana: ruptura y ‘nueva’ tradición”. In.: PIZARRO, Ana. **América Latina: palavra, literatura e cultura**. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1995, p. 411-412. v. 3.

193 PALERMO, Zulma. “El Presente de la Crítica Literaria en América Latina”. In: CARVALHAL, Tania (Org.). **O Discurso Crítico na América Latina**. Porto Alegre: IEL; Ed. Unisinos, 1996, p. 29.

uma América mais ampla. A admirável capacidade para detectar mudanças e seus novos rumos, a racionalidade burguesa de sua análise, reforçadas pela convivência urbana e pelo permanente intercâmbio cultural e articulação com o poder fazem da cidade letrada, na perspectiva do analista, uma promissora aposta. A compreensão fragmentada da cultura latino-americana – consequência da especialização de críticos e professores, segundo o prólogo que aparece na edição brasileira de 2015, escrito por Hugo Achugar – desafia a tentativa de se pensar e imaginar esse amplo espaço a partir de uma concepção cultural de integração. Desafio aceito por Ángel Rama e por outros que vieram antes (José Martí, Henríquez Ureña) e depois dele (Ana Pizarro, Zulma Palermo, Achugar) de analisar uma América Latina de contradições e riquezas, mas também de projetar um território mais lúcido, de ampliação de direitos e (re)apropriação de discursos. Rama desvela a cidade e sua função:

A cidade bastião, a cidade porto, a cidade pioneira das fronteiras civilizadoras, mas sobretudo a cidade sede administrativa, que foi a que fixou a norma da cidade barroca, constituíram a parte material visível e sensível da ordem colonizadora, dentro das quais se enquadrava a vida da comunidade. Mas dentro delas sempre houve outra cidade, não menos amuralhada, nem menos agressiva e redentorista, que a regeu e conduziu. Trata-se daquela que creio que devemos chamar de *cidade letrada*, porque sua ação se cumpriu na ordem prioritária dos signos e porque sua qualidade sacerdotal implícita contribuiu para dotá-los de um aspecto sagrado, liberando-os de qualquer servidão para com as circunstâncias. Os signos apareciam como obra do Espírito, e os espíritos conversavam entre si graças a eles. Obviamente, se trata de funções culturais das estruturas de poder, cujas bases reais poderíamos elucidar, mas não foram assim concebidas nem percebidas, tampouco foram vividas dessa forma por seus integrantes.¹⁹⁴

O trabalho da crítica cultural latino-americana, que se fortaleceu em solo popular, ou seja, para além do espaço acadêmico, inspirada pela leitura dos chamados romances de formação, teve um papel fundamental de pressionar os cadeados da institucionalidade da cidade letrada. Em grande medida, foi graças a este debate interdisciplinar que a linha do revisionismo histórico pôde ganhar fôlego, revigorada pela literatura do *boom* (na década de 60) e *pós-boom* do novo romance hispano-americano ao longo dos anos 70, áureo período do mercado editorial latino-americano. Este movimento de releitura levantou questões basilares, como a heterogeneidade da identidade cultural latino-americana, a problemática da língua, a integração continental. No final do século, a partir da revisão histórica da crítica latino-americana, o processo caminhou para a atualização da análise da modernidade a partir do

194 RAMA, Ángel. **A cidade das letras**. São Paulo: Boitempo, 2015. p. 38.

desvelamento da matriz colonial de poder, denunciando suas bases: o eurocentrismo como padrão universal de civilização; o racismo como resultado da classificação racial da humanidade; o capitalismo como nova estrutura de controle do trabalho e do sexo, seus recursos e produtos.

A discussão tem como objetivo evidenciar que os caminhos da produção artística estão imbricados com os da crítica cultural latino-americana ao longo do século do quinto centenário da invasão da América. Assim como, o movimento de revisionismo histórico e crítico é impulsionado pelo esforço teórico, que salienta a permanência da ordem colonial nos mais variados âmbitos da vida social. De acordo com Kohlrausch e Mendes, da superação da mentalidade colonial depende a concretização do projeto de integração defendido pelo pensamento dos precursores e assumido pelas vozes expoentes da crítica latino-americana atual:

Em última instância, consideramos que um dos maiores obstáculos que os estudos de Ureña e Rama tentam superar, e que é também a tentativa de Palermo, Pizarro, é a persistência da ideologia colonial em nossa sociedade, o que redundará numa pressuposição, ainda que por vezes indireta, de inferioridade de nossa cultura e, por conseguinte, de nossas manifestações artísticas, dentre elas a literatura. Os estudos levam a crer que é somente a partir do conhecimento e do questionamento dessas traves de origem colonial que se poderá escrever histórias da literatura da América Latina que contemplem a multiplicidade da nossa cultura, considerando as letras crioulas, ameríndias e negras como igualmente legítimas e originais. Para além da dificuldade inerente ao volume do estudo e à quantidade de estudiosos necessários, parece-nos que a desvinculação da mentalidade colonial é ainda o maior desafio a ser enfrentado para a concretização desse projeto unificador.¹⁹⁵

Neste cenário de integração latino-americana, o Brasil sofreu e segue vivendo o entrave da diferença linguística, que dificultou sua real inclusão nos importantes debates sobre a cultura latino-americana. No entanto, o significativo encontro de dois intelectuais – o uruguaio Ángel Rama e o brasileiro Antonio Candido – rendeu movimentos significativos, entre os quais se destaca a realização do projeto da Biblioteca de Ayacucho, no rico diálogo estabelecido desde então a partir e ao redor destes nomes consagrados pela teoria e crítica do continente. A correspondência entre eles tem sido objeto de estudo na tentativa de compreender e render homenagem ao trabalho árduo e utópico de integração, destacamos um trecho de uma carta de novembro de 1973, na qual Rama escreve a Candido:

195 KOHLRAUSCH, Regina; MENDES, Marta Freitas. "A escrita da história da literatura da América Latina como sintoma do processo de decolonização". *Líguas & Letras*, UNIOESTE, v. 18, n. 40, 2017, p. 135.

Tenía razón yo cuando insistía en que debemos formar ese equipo latinoamericano, coherente y serio, de estudiosos, capaces de trabajar a la par de sociólogos y antropólogos, en la tarea de pensar a nuestra cultura y a nuestra América. Como a pesar de que tienes pocos años más que yo eres de algún modo el padre de todo esto, es a ti, a quien correspondería poner en marcha ese equipo y con una finalidad concreta e inmediata: reescribir la Historia de la literatura latinoamericana, eso que nunca se hizo y que estamos obligados a hacer nosotros. Ojalá nos dé tiempo, el Señor!¹⁹⁶

Infelizmente, Rama morre em 1983, aos 57 anos, em um acidente aéreo em Madrid. Antonio Candido, em um evento que homenageava o crítico no Centro Ángel Rama da Universidade de São Paulo, fala sobre a barreira da língua e da falta de interesse da intelectualidade por um diálogo ibero-americano:

Todos sabemos que até a minha geração a América de fala espanhola e a América de fala portuguesa eram, por assim dizer, culturalmente estranhas em grande parte uma com relação à outra. Ambas se voltavam para a Europa de maneira absorvente e pouco se comunicavam. Felizmente a situação mudou, e este Centro não poderia ser melhor denominado, porque Angel Rama não apenas pensou, mas atuou com percepção no campo da nossa integração cultural.¹⁹⁷

Consideramos fundamental destacar o esforço deste grupo de intelectuais em um projeto de integração que ainda precisa de maior engajamento e expansão. Os estudos literários, como também os culturais de forma mais ampla, podem e devem ser veículo de desenvolvimento do diálogo iniciado por eles.

Sarlo nos fala, ainda, da guinada que tomará a memória como instância reconstituidora do passado e do poder simbólico das posições da história. Com um forte interesse pelo testemunho, ela se apresentará a partir da problemática do sujeito ausente e do silêncio imposto pelo assassinato:

Contemporânea do que se chamou nos anos 1970 e 1980 de “guinada linguística” ou muitas vezes acompanhando-a como sua sombra, impôs-se a *guinada subjetiva*. Esse reordenamento ideológico e conceitual da sociedade do passado e de seus personagens, que se concentra nos direitos e na verdade da subjetividade, sustenta grande parte da iniciativa reconstituidora das décadas de 1960 e 1970. Coincide com uma renovação análoga na sociologia da cultura e nos estudos culturais, em que a identidade dos sujeitos voltou a tomar o lugar ocupado, nos anos 1960, pelas

196 AGUIAR, Flávio; RODRIGUES, Joana (Orgs.). **Ángel Rama: um transculturador do futuro**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2013, p. 23.

197 *Ibid.*, p. 29.

estruturas.¹⁹⁸

Nas obras analisadas, notamos que o tratamento dado ao mito corresponde à guinada destacada acima, com base no trabalho da imaginação artística, que parte da leitura dos poucos documentos que trazem indicações das memórias dos conquistados e, em grande parte, no esforço de ler nas entrelinhas dos registros dos conquistadores os vestígios (de leitura ambígua) da experiência do outro. Entretanto, a narrativa boulossiana se difere pela relevância dada à recuperação da memória coletiva dos vencidos, que adquire protagonismo na metáfora do *vento-cinza-mulher* (resgate do relato oral e da imaterialidade do corpo que não se sustenta enquanto palavra escrita, embora tenha muito a dizer/contradizer pela força do símbolo, da violência e do silêncio); mas também na representação do homem indígena anônimo, que carrega o peso do cadáver do mito caído (traição, fracasso e rejeição). É importante ressaltar que Fuentes também recupera a memória coletiva, mas não a personifica com a mesma força narrativa de Boulosa, quem a transforma em importante veículo de reconstituição mnemônica.

Independentemente de suas escolhas particulares e das diferenças de suas escrituras, Carlos Fuentes e Carmen Boulosa optam por dar voz aos silenciados pelo discurso historiográfico, em movimento de diálogo e ruptura com a tradição literária dos conquistadores. *El Naranjo* e *Llanto*, com estratégias narrativas e posições ideológicas próprias, problematizam o passado dos “planetas sem boca”, para aproveitar a metáfora e as palavras de Achugar:

Nessa miopia global, para os planetas sem boca, tentar reconstruir, antropofagicamente, seu passado talvez não seja politicamente correto. Nessa miopia global somos – os letrados, os latino-americanos da classe média, brancos, etc. etc. Etc. –, dizem-nos, um anacronismo. Fetiches carentes de valor. Objetos de estudo. Margem da margem. Periferia da periferia da periferia da história e do mundo. Usurpadores. Traidores dos valores que eles produzem e consagram como os verdadeiros valores. Dos únicos valores que não são fumaça, mas discurso: seus valores. Seus, os deles, os daqueles que ocupam a hegemonia linguística, econômica, política, cultural e que não são os múltiplos outros Outros.¹⁹⁹

O leitor latino-americano se reconhece nos antigos vazios; nos dilemas de identidade;

198 SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Trad. Rosa Freira D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 18-19.

199 ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura**. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 23.

na estranha presença dos mitos sempre vivos a perturbar, a alertar e a transformar; nas contradições e fronteiras no tempo e no espaço, que nos instigam a dupla consciência de se saber e sentir daqui e de lá (melhor seria, se possível, dizer “*lás*”); na permanência da ordem colonial nas mais variadas instâncias do ser e do estar. Talvez, por isso, a literatura hispano-americana nos fale tanto em ser diverso, latino, e nos convoque – seguida e felizmente – a fazer parte de um utópico, permanente e necessário projeto de integrar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de realização deste trabalho partiu da ideia de que o discurso literário tem a aptidão de atualizar o discurso historiográfico, revisitando o passado em busca dos rastros deixados por personagens, tempos e memórias daqueles que nos antecederam na tentativa de significar este amplo e complexo território chamado América. Com o fazer impulsionado por um desejo de contribuir com o projeto de descolonização literária a partir de uma perspectiva decolonial de estudo do literário, nos propusemos a leitura e análise atentas das obras *El Naranjo*, de Carlos Fuentes, e *Llanto*, de Carmen Boullosa, selecionadas em torno de uma data "comemorativa".

O aporte teórico dos estudos decoloniais nos possibilitou compreender o alcance do processo iniciado no ano de 1492, seus propósitos e efeitos que, mesmo depois de quinhentos anos, seguem construindo silêncios e interdições que a literatura hispano-americana do final do século XX quis investigar. O desvelamento de uma matriz colonial de poder, que classifica e hierarquiza a humanidade desde uma razão eurocêntrica fundada na colonialidade do poder, do saber e do ser, nos fez olhar para as obras à procura de suas "huellas" na reconfiguração de personagens históricas convertidas, tanto pelas narrativas historiográficas quanto pelas literárias, em mitos fundacionais. A crítica cultural também teve seu papel nesta construção, reforçando ou contradizendo a lógica do discurso hegemônico. O mesmo podemos dizer das teorias literária e filosófica, que permitiram o desenvolvimento dos conceitos e das estruturas narrativas com as quais o trabalho de cada escritor(a) pôde contar. As obras em questão propõem, evidentemente, o diálogo entre tempos, da Conquista ao século XX, mas também a aproximação entre espaços múltiplos e diversos (geográficos, políticos, sociais e discursivos).

Agora nos cabe fazer o balanço da concretização dos objetivos propostos no início desta caminhada. Quanto à análise do resgate das personagens históricas, consideramos que Fuentes e Boullosa optam pela reconfiguração a partir da ambivalência que o próprio discurso historiográfico constrói sobre figuras controversas, situadas no limiar de um choque civilizacional. A literatura dessacraliza os mitos fundacionais, humanizando-os: Fuentes com Jerónimo de Aguilar, Hernán Cortés e Cristóbal Colón; Boullosa com Moctezuma Xocoyotzin. A autoria, munida de destreza técnica, se aproxima da literatura oral para articular, através de seus signos, um índice de autenticidade e fluidez narrativa, elementos

necessários na tarefa de refundar o discurso sobre a história e os direitos à memória.

Llanto revela a impossibilidade da verdade histórica, seja ela buscada pela história ou pela ficção. Boullosa trabalha por uma conscientização da falácia construída a partir do mito da traição, destruindo a falsa ideia de imparcialidade e objetividade da narrativa histórica. Ela constrói a metáfora da miopia para significar o trabalho do escritor e de sua capacidade limitada de ver o passado, determinado por sua realidade histórica e pelos recortes que realiza no intuito de compreendê-la, como imagens embaçadas de um tempo irrecuperável, mas estranhamente presente.

El Naranjo também dessacraliza mitos, sobretudo os relacionados ao conquistador e seus "auxiliares". Fuentes, com seus esforços concentrados em um ideal de reconciliação através da língua, realiza a leitura de vitórias relativas e, principalmente, de fracassos compartilhados como signos de trajetórias similares em distintos momentos históricos (de perseguição, migração, incompreensão e negação da cultura do outro). Assim, ele produz o encontro do duplo – Espanha e América – participantes (des)afortunados dos círculos do tempo.

Nas suas revisitas à História, os autores elegem chaves interpretativas: o mito, a língua, a natureza e a morte, cada qual elegendo a predominância de uma ou outra, mas ambos propondo o embate dialógico com o discurso historiográfico e a possibilidade de perspectivas plurais e subjetivas. Boullosa e Fuentes exploram a estratégia narrativa da paródia, produzindo releituras irônicas do passado através da fragmentação alcançada pela multiplicidade de narradores, que apontam as incoerências e lacunas da história, atualizando-a no presente. A disputa discursiva, que os dois operam em suas narrativas, é conduzida como uma luta pelo direito ao lugar de enunciação e à contestação do discurso do outro. Nesse sentido, lemos a presença – direcionada ao tema, campo de interesse e objetivos de cada autor - de um contradiscurso em relação às interpretações culturais hegemônicas legitimadoras da modernidade. A hipótese inicial da pesquisa se confirmou, revelando que a Literatura desestabiliza os processos de naturalização e homogeneização operados pelo discurso da História.

A análise comparativa (entre as escolhas, estratégias narrativas e recursos manejados pelos autores) evidenciou a saída encontrada diante dos silêncios e apagamentos do discurso historiográfico: a imaginação literária. Tanto Fuentes quanto Boullosa encontram na tensão da

escrita criativa o lugar privilegiado onde realidade e imaginação se encontram e se complementam, questionando o conceito maniqueísta e essencialista de "verdade" histórica.

O interesse revisionista da nova literatura hispano-americana se soma ao projeto de crítica cultural, atacando o etnocentrismo excludente, que classifica a partir da invenção da ideia de raça, as zonas periféricas do mundo como bárbaras (selvagens, atrasadas) e incapazes de um pensamento racional válido, legítimo. Outras formas possíveis de compreensão e representação da realidade humana recuperam modos outros de entendimento. A recuperação do relato, assim como, o recurso da hibridização dos gêneros literários, participam da reconfiguração do discurso histórico, revelando a ocultação de níveis variados de subjetividade, que implicam formações ideológicas e interesses diversos, atrás da oficialidade do discurso histórico. A arquitetura da narrativa literária, sua capacidade de ler os signos dos diferentes tempos e, a partir deles, não apenas descrever, mas recriar a realidade histórica, social e cultural, desafia a objetividade da narrativa historiográfica.

A ambivalência da perspectiva histórica atiza a imaginação literária a inscrever realidades alternativas, a recolher as cinzas ainda em brasas, mostrando que os constructos discursivos do passado são sempre passíveis de revisão e reinterpretação no presente com vistas à transformação desejada para o futuro. Este horizonte utópico de liberdades e direitos iguais fala de um projeto compartilhado pela produção literária e pela crítica cultural latino-americana, que também tem realizado a revisão de seu passado no enfrentamento epistemológico a partir de vozes que falam desde a diferença colonial.

A proposta de um novo pacto com o leitor, a partir da desconstrução das fronteiras entre realidade e ficção, instaura um espaço permanente de diálogo entre a Literatura e a História, ambas atravessadas pela força, incerteza e polissemia da narrativa, assim como, pela exterioridade de todos os discursos. O dialogismo é recurso indispensável quando se tem adiante a tarefa de recuperar memórias desprezadas, apagadas do curso da história e que, passado o quinto centenário da conquista, ainda seguem exigindo seus direitos fundamentais enquanto partícipes do singular evento, personagens na fronteira de tempos, espaços, discursos em disputa e crise.

Como vimos ao longo deste trabalho, o fazer literário tem um papel crucial no projeto de descolonização dos sujeitos e territórios que sofreram e sofrem as marcas da colonialidade: dessacralizar e reinterpretar os mitos fundacionais, desconstruindo os signos de inferioridade,

de dominação cultural e de exclusão que eles carregam consigo; resgatar as memórias das identidades ameríndias e africanas que compõem nossa heterogeneidade cultural; reescrever a história da literatura latino-americana a partir da perspectiva da diferença colonial.

A realização da releitura histórica de Carmen Boullosa em *Llanto* demonstra a liberdade que a literatura escrita por mulheres na América Latina encontra no enfrentamento a uma tradição discursiva que a desconsiderou, o que vale tanto para a historiográfica quanto para a literária. Seu interesse pela problematização do fracasso, da traição, da culpa, da violência e do apagamento (de raça e gênero considerados subalternos, inferiores) trazem importantes e dolorosos caminhos pelos quais a problemática da memória precisa passar. Esse tipo de literatura privilegia a resistência e o olhar crítico sobre o passado e a realidade cultural, logo, mobiliza no seu público leitor as mesmas qualidades destacadas, num processo de reconhecimento e transformação.

Trabalhos de pesquisa sobre a conquista e colonização da América são basilares para a compreensão da modernidade fundada no século XVI, pois levantam questões que emergiram desse choque civilizacional e que seguem repercutindo nas nossas relações político-sociais e culturais na atualidade. O projeto de integração latino-americana em curso, potencializado pela crítica, levantou a problemática da difícil consolidação da democracia frente à violação dos direitos humanos como marca da violência e desconsideração da diversidade cultural no continente. As políticas de memória têm um papel significativo na modificação desse contexto e *a cidade das letras*, como sempre, por ação e/ou omissão, tem contribuído para a formação das identidades nacionais e continentais. Refletir sobre o passado e desmontar a estrutura de dominação que nos exclui das instâncias de poder são imperativos da contemporaneidade. As teorias (filosófica, social e literária) nos revelam a estrutura, indicando o percurso e os prováveis entraves do debate decolonial, mas também assumem sua predisposição para a utopia da liberdade, a mesma apontada por Fuentes.

A narrativa literária polifônica revisita a histórica para ressignificar o presente, com a esperança de destruir os caminhos da intolerância e da violência, reparando – ainda que com defeitos do olhar – os vazios do silenciamento e do extermínio do outro. Fuentes e Boullosa, a partir da imaginação literária e utópica, reconfiguram as imagens do passado com vistas a uma relação madura com a alteridade. De um lado, a proposta de reconciliação desde o elemento cultural mais intrínseco – a língua compartilhada – e a consciência de um tempo de

resistência/sobrevivência comum que reúne a todos na experiência sempre relativa da vitória e do fracasso. De outro, a reconfiguração de um homem na fronteira de seu próprio tempo, incrédulo diante do fim de seu mundo, o sujeito em crise e só, incapaz de compreender a própria e infame morte, paradoxalmente tão distante e tão próximo de nós, os *outros*. Fuentes e Boulosa vasculham documentos, futricam nos registros históricos, viajam no espaço e no tempo em busca de rastros e, por fim, emprestam a palavra escrita àqueles que não a tinham no tempo do desencontro, imaginando memórias subjetivas, exercitando a escuta imagética da memória coletiva (oral), num ato ético de encontro entre linguagens, gêneros e formas sociais.

El Naranjo e *Llanto* operam uma desconstrução não apenas do idealismo profético (econômico-religioso) de Cristóvão Colombo (o amor em lugar da força) como, fundamentalmente, da falácia da naturalização de uma atitude submissa por parte do indígena no contato com o conquistador. A troca de favores no jogo de cambio que estabelece uma relação simbólica envolta numa atmosfera de gozo e cumplicidade é descartada. As narrativas de Fuentes e Boulosa desmitificam a figura do(a) indígena como signo de submissão, problematizando o sentimento de culpabilidade gerado pelo mito da traição, empreendendo a busca por identidades violadas no processo da invasão espanhola e consequente queda do império asteca.

Dessa forma, podemos confirmar a contribuição das escrituras dos autores para o movimento de descolonização literária, pois suas releituras do discurso historiográfico produzem uma desconstrução do sujeito e do imaginário colonial, reconfigurando personagens, eventos e “verdades” históricas em defesa de um ponto de vista crítico no cerrar das cortinas do século XX, divergente da ingenuidade celebrativa do apelo midiático. Fuentes dá um turno a mais de fala ao filho mestiço, Martín 2; reafirma na voz de dois protagonistas, Jerónimo de Aguilar e Martín 2, a importância de Malinche na empresa da conquista; reconstitui o heroísmo do imperador Cuauhtémoc nas palavras do tradutor. Boulosa destrói o mito da traição, ressuscitando um Moctezuma humanizado na fronteira de uma morte ultrajada pela ambivalência do discurso histórico; convoca a memória coletiva das mulheres indígenas repetidamente violadas para contar a história do último Tlatoani asteca; reúne três mulheres latino-americanas para reescreverem a história no final do século XX.

Carmen Boulosa e Carlos Fuentes oferecem uma criação comprometida com a reinterpretção do passado, imprimindo uma possível identidade latino-americana no

presente, que projete para o futuro uma memória cultural mais honesta com o seu tempo e a sua diversidade. Além disso, através do recurso da imaginação literária, articulam uma nova forma de entender/saber no exercício do poder que lhes pertence: o de conhecer, criar e interpretar desde seu lugar.

REFERÊNCIAS

- ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca**: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- AGUIAR, Flávio; RODRIGUES, Joana (Orgs.). **Ángel Rama: um transculturador do futuro**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2013.
- BORSANI, María Eugenia. **Rutas decoloniales**. Buenos Aires: Del Signo, 2021.
- MOHSSINE, Assia. "La opción descolonial en *Llanto: novelas imposibles* de Carmen Boullosa". **Cuadernos Americanos**, n. 166, México, 2018, p. 133-153.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal** (1979). Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski** (1963). Trad. Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: a estilística** (1930-1936). Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2015.
- BAY, Carmen Alemany. "Estrategias ficcionais y metaficcionales a propósito de Moctezuma en *Llanto. Novelas imposibles* de Carmen Boullosa". In: EUDAVE, Cecilia; ORTIZ, Alberto; ROVIRA, José Carlos (Orgs.). Personajes históricos y controversias en la narrativa mexicana contemporánea. **América sin Nombre**, n. 34, Alicante, 2013, p. 15-36.
- BHABHA, Homi. "A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo". In: **O Local da Cultura**. Trad. Myriam Ávila [et al.]. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005, p. 105-128.
- BHABHA, Homi. **O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses: textos seletos**. Trad. Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de história**. Trad. Adalberto Müller e Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Alameda, 2020.
- BONILLA, Heraclio (Org.). **Os conquistados: 1492 e a população indígena das Américas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BOULLOSA, Carmen. **Llanto: novelas imposibles**. México D. F.: Ediciones Era, 1992.
- BOULLOSA, Carmen. "La destrucción en la escritura". **Inti**. Revista de Literatura Hispánica, n. 42, México, 1995, p. 215-220.
- BOSI, Alfredo. **Entre a Literatura e a História**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BROTHERSTON, Gordon. "La visión americana de la Conquista". In: PIZARRO, Ana (org.). **América Latina: Palavra, literatura e cultura**. Campinas: UNICAMP, 1993. Vol. 1, p. 65 –

84.

CARPENTIER, Alejo. **El reino de este mundo**. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

CEBALLOS, René. "Las dos Américas: Re-Descubrimiento del Nuevo Mundo". Revista **Atenea**, n. 496, 2007, p. 67-79. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-04622007000200005 Acesso em 16 de maio de 2022.

Códice Aubin. Historia de la nación mexicana, reproducción a todo color del Códice de 1576. Edición, introducción, versión paleográfica y traducción por Charles E. Dibble. Madrid: Ediciones José Porrúa Turanzas, 1963. (Colección Chimalistac, 16)

Códice Ramírez. Manuscrito del siglo XVI intitulado: *Relación del origen de los indios que habitan esta Nueva España, según sus historias*. Examen de la obra y anexos por Manuel Orozco y Berra. México: Editorial Innovación, 1979.

CORTÉS, Hernán. **Cartas de Relación**. Edição de Ángel Delgado Gómez. Madrid: Editorial Castalia, 1993.

COUTINHO, Afrânio. **O processo de descolonização literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. **Historia verdadera de la conquista de la Nueva España**. Madrid: Alianza Editorial, 1989.

DUSSEL, Enrique. **1492, El encubrimiento del otro – Obras Selectas XVIII**. Buenos Aires: Docencia, 2012.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. 6. ed. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FLORESCANO, Enrique. "A conquista e a transformação da memória indígena." In: BONILLA, Heraclio (Org.). **Os conquistados: 1492 e a população indígena das Américas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Hucitec, 2006.

FUENTES, Carlos. **El naranjo, o los círculos del tiempo**. México D.F.: Alfaguara, 1993.
FUENTES, Carlos. **El Espejo Enterrado**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
FUENTES, Carlos. **La nueva novela hispanoamericana**. 4. ed. México: Joaquín Mortiz, 1974.

GONZALES, Lélia. "Por um feminismo afro-latino-americano". In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenção e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

KOHLRAUSCH, Regina; MENDES, Marta Freitas. "A escrita da história da literatura da América Latina como sintoma do processo de decolonização". **Líguas & Letras**, UNIOESTE, v. 18, n. 40, 2017, p. 126-137.

LAVRIN, Asunción. "Introducción". In: **Las mujeres latinoamericanas: Perspectivas históricas**. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. **Visión de los vencidos**: relaciones indígenas de la conquista. México: UNAM, 1999.

LUGONES, María. "Colonialidade e gênero". In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MALDONADO-TORRES, Nelson. "Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto". In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (Org.). **El giro Decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana – Siglo del Hombre, 2007, p. 127-167.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas". In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MEDVIÉDEV, P. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica** (1928). Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

MATTALIA ALONSO, Sonia. "Representaciones del otro: *Llanto* (historias imposibles), de Carmen Boullosa". In: EUDAVE, Cecilia; ORTIZ, Alberto; ROVIRA, José Carlos (Orgs.). Personajes históricos y controversias en la narrativa mexicana contemporánea. **América sin Nombre**, n. 9-10, Alicante, 2007, p. 129-132.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. "As faces do duplo na literatura". In: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo. **Discurso, memória, identidade**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

MENTON, Seymour. **La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MIELIETINSKI, E. M. **A poética do mito**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. 1 ed. rev. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora

UFMG, 2020.

MIGNOLO, Walter. **El vuelco de la razón**: diferencia colonial y pensamiento fronterizo. Buenos Aires: Del Signo, 2019.

MIGNOLO, Walter. (Org.). **Aníbal Quijano: ensayos en torno a la colonialidad del poder**. Buenos Aires: Del Signo, 2019.

MIGNOLO, Walter. "Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política". **Cadernos de Letras da UFF**, n. 34, 2008, p. 287-324.

MOCTEZUMA, Paola Madrid. "Las narraciones históricas de Carmen Boullosa: el retorno de Moctezuma, un sueño virreinal y la utopía de futuro". **América sin Nombre**, n. 5-6, 2004, p. 138-146.

MOHSSINE, Assia. "La opción descolonial en *Llanto: novelas imposibles* de Carmen Boullosa". **Cuadernos Americanos**, n. 166, México, 2018, p. 133-153.

O'GORMAN, Edmundo. **A invenção da América**: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir. Trad. Ana Maria Martínez Corrêa. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

ORDIZ, Francisco Javier. "Mito e identidad en la obra de Carlos Fuentes." Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras - Universidad Católica Argentina, 2003. Disponível em: <http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/ponencias/mito-e-identidadfuentes.pdf> Acesso em 23 de janeiro de 2022.

ORTEGA, Julio. "El naranjo, o los círculos del tiempo". **Revista de la Universidad de México**, n. 58, 2008, p. 30. Disponível em: <https://www.revistadelauniversidad.mx/articles/6d4073d9-c136-45ee-86ca-61e6c1b52177/el-naranjo-o-los-circulos-del-tiempo> Acesso em 21 de janeiro de 2022.

PALERMO, Zulma. "El Presente de la Crítica Literaria en América Latina". In: CARVALHAL, Tania (Org.). **O Discurso Crítico na América Latina**. Porto Alegre: IEL; Ed. Da Unisinos, 1996, p. 23-30.

PALERMO, Zulma. "El rol de las historias literarias en los proyectos de modernización latinoamericana". **Anais do VIII Seminário Internacional de História da Literatura**. Porto Alegre, v. 16, n. 1, out. 2010, p. 7-23.

PALERMO, Zulma. "Pensar/escribir en la(s) frontera(s)". **Otros Logos**. Revista de Estudios Críticos, n. 12, Universidad Nacional del Comahue, 2018, p. 14-27.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

QUIJANO, Aníbal. "Colonialidade e modernidade-racionalidade". In: BONILLA, Heraclio (Org.). **Os conquistados: 1492 e a população indígena das Américas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Hucitec, 2006, p. 416-426.

RAMA, Ángel. **A cidade das letras**. Trad. Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2015.

- RICOEUR, Paul. "O entrecruzamento da história e da ficção". In: **Tempo e narrativa**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2010, p. 325. v 3.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- RODRÍGUEZ CORONEL, Rogelio. "Um diálogo com a história: romance e revolução". In: CHIAPPINI, Ligia; AGUIAR, Flávio Wolf (Orgs.). **Literatura e História na América Latina**. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2001.
- ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- SAHAGÚN, Bernardino de. **Historia General de las cosas de Nueva España**. Madrid: Alianza Editorial, 1988. 2 vols.
- SANTIAGO, Silviano. **As raízes e o labirinto da América Latina**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Trad. Rosa Freira D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SOSNOWSKI, Saúl. "La 'nueva' novela hispanoamericana: ruptura y 'nueva' tradición". In.: PIZARRO, Ana. **América Latina: palavra, literatura e cultura**. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1995, p. 411-412. v. 3.
- STAM, Robert. "Os potenciais da Polifonia: Reflexões sobre Raça e Representação". In: **Multiculturalismo Tropical**. São Paulo: EdUSP, 2008, p. 455-474.
- STERN, Steve J. "Paradigmas da Conquista, História, Historiografia e Política". In: BONILLA, Heraclio (Org.). **Os conquistados: 1492 e a população indígena das Américas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Hucitec, 2006, p. 27.
- TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem (1929). Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2018.
- VOLÓCHINOV, V. "A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica" (1926). In: VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.
- ZEA, Leopoldo. **América Latina en sus ideas**. México D.F.: Siglo XXI Ed., 1986.